

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

MARIA DOS SANTOS PIMENTEL NETA

**LOUVOR E AÇÃO SOCIAL: ESTUDO SOBRE A RENOVAÇÃO
CARISMÁTICA CATÓLICA E A ASSOCIAÇÃO SERVO DE DEUS EM
GOIÂNIA**

GOIÂNIA
2019

MARIA DOS SANTOS PIMENTEL NETA

**LOUVOR E AÇÃO SOCIAL: ESTUDO SOBRE A RENOVAÇÃO
CARISMÁTICA CATÓLICA E A ASSOCIAÇÃO SERVO DE DEUS EM
GOIÂNIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do grau de Mestra.

Linha de Pesquisa: Religião e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros

GOIÂNIA
2019

P6441 Pimentel Neta, Maria dos Santos

Louvor e ação social : estudo sobre a Renovação Carismática Católica e a Associação Servos de Deus em Goiânia

/ Maria dos Santos Pimentel Neta.-- 2019.

110 f. : il.

Texto em português, com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2019

Inclui referências: f. 97-102

1. Renovação Carismática Católica. 2. Goiânia (GO).
3. Associação Servos de Deus. 4. Ação social. 5. Evangelização.
I. Quadros, Eduardo Gusmão de. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - 2019. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 279.127(043)

**LOUVOR E AÇÃO SOCIAL: ESTUDO SOBRE A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA
CATÓLICA E A ASSOCIAÇÃO SERVO DE DEUS EM GOIÂNIA**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 12 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Rosivaldo Pereira de Almeida / UEG



Prof. Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho / PUC Goiás

Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dr. Cristiano Alexandre dos Santos / UEG (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Gratidão. Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de realizar mais esse sonho em concluir o título de mestre, também minha família por compreender minha ausência em certos momentos em prol dos estudos, aos meus ex-colegas, aqueles que me ajudaram no decorrer do curso e aos amigos, obrigada pelo apoio, aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em especial ao Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros pela orientação atenciosa e dedicada. Gratidão ao incentivo a pesquisar este tema ao Prof. Dr. Paulo Passos, ao apoio do Prof. Dr. Alberto Moreira e à Prof.^a Dr.^a Carolina Teles Lemos, pelas valiosas contribuições com suas aulas esclarecedoras aos temas sociológicos.

Agradeço à coordenação da ASD e funcionários pelas informações repassadas sobre o Movimento RCC na ASD em Goiânia.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. (1 Coríntios 13:1)

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de investigação a Renovação Carismática Católica (RCC) em Goiânia e suas ações sociais através da Associação Servo de Deus (ASD), principalmente no que se refere à influência da RCC na solução dos problemas sociais. Os referenciais teóricos para sustentação dos estudos são baseados no arcabouço das Ciências Sociais e Ciências da Religião, que têm dado suporte para reflexões e análises a respeito do fenômeno religioso católico carismático. Para a realização deste estudo, foi utilizada a revisão bibliográfica de cunho exploratório e visitas à instituição. No desenvolvimento do trabalho utilizamos o método indutivo e a pesquisa em fontes primárias. Durante a pesquisa, descobrimos que os grupos de oração, base de sustentação da RCC, podem ser bastante distintos entre si, tanto quanto as lideranças clericais que os apoiam. Para além da promoção humana, a ação social comunitária desenvolvida pela RCC ocorre através da ASD, instituição que mantém a experiência íntima do leigo com o sagrado e atua na sociedade.

Palavras-Chave: Renovação Carismática Católica. Evangelização. Ação social. Goiânia.

ABSTRACT

This work had as object of investigation the Catholic Charismatic Renewal (CCR) in Goiania and its social actions through the Servant of God Association (ASD), mainly regarding the influence of the CCR for the society of Goiás. The focus of the research is the charismatic Catholic movement, called Catholic Charismatic Renewal. The theoretical references to support the studies were based on the framework of the Social Sciences and Sciences of Religion that have supported reflections and analysis about the charismatic Catholic religious phenomenon. For the accomplishment of this study the bibliographical revision of exploratory nature was used, for the development and the considerations we used the inductive method. During the study we found that prayer groups, which are the mainstay of the CCR, can be quite distinct from each other as well as the clerical leaderships who support it. the layman's intimate experience with the sacred.

Keyword: Catholic charismatic renewal. Evangelization. Social action.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1	Organização da RCC.....	66
Figura 1	Associação Servo de Deus – Goiânia.....	78
Figura 2	Universidade Duquesne – USA.....	103
Figura 3	Reformada atualmente.....	103
Figura 4	Santuário da Esperança /Guaratinguetá / São Paulo.....	104
Figura 5	Encontrão de Oração!.....	104
Figura 6	RCC Rebanhão.....	105
Figura 7	Casal de leigos Carlos e Andreia.....	105
Figura 8	Chácara Maria de Nazaré.....	106
Figura 9	Chácara Maria de Nazaré.....	106
Figura 10	Chácara Maria de Nazaré.....	107
Figura 11	Chácara Maria de Nazaré.....	107
Figura 12	Chácara Maria de Nazaré.....	108
Figura 13	Núcleo Santo Antônio.....	108
Figura 14	Núcleo Santo Antônio.....	109
Figura 15	Núcleo Santo Antônio.....	109
Figura 16	Núcleo Santo Antônio.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS

ASD – Associação Servo de Deus

CEBs – Comunidades Eclesiais de Bases

CONCCLAT - Conselho Carismático Católico Latino-Americano

CFCCCCF - Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

COI - International Communication Office

ICCRS - International Catholic Charismatic Renewal Service

ICCRO - International Catholic Charismatic Renewal Office

MFP – Ministério da Fé e Política

MUR – Ministério Universidades Renovadas do Brasil

GOU - Grupo de Oração Universitário

RCC – Renovação Carismática Católica

TdL – Teologia da Libertação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O SURGIMENTO DO PENTECOSTALISMO	19
1.1 As origens do pentecostalismo nos Estados Unidos	22
<i>1.1.1 O Pentecostalismo no Brasil</i>	<i>25</i>
1.2 Os carismas e os dons	29
1.3 Os carismas e os Dons no catolicismo	37
1.4 O “Dom de Línguas”: experiência fundamental	40
2 O SURGIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA	48
2.1 Um <i>aggiornamento</i> católico	50
<i>2.1.1 Renovação Carismática se expande</i>	<i>54</i>
2.2 Como surgiu a Renovação Carismática no Brasil	58
<i>2.2.1 Os canais de divulgação da RCC no Brasil</i>	<i>63</i>
<i>2.2.2 Estrutura, organização e grupos</i>	<i>65</i>
3 A RCC E AS AÇÕES NO CAMPO SOCIAL EM GOIÂNIA	70
3.1 A Associação Servos de Deus como instituição filantrópica	76
3.2 A estrutura da RCC em Goiânia	83
<i>3.2.1 Os principais encontros e o Rebanhão</i>	<i>88</i>
3.3 Transformações na Arquidiocese de Goiânia	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	103

INTRODUÇÃO

A religião é um elemento que tem se encarregado de oferecer sentido aos indivíduos agrupados em torno de uma visão de mundo e um *ethos* institucionalizado. Segundo Lemos (2014), dessa forma não se pode empreender a tarefa de entender nem o ser humano, nem a sociedade sem colocar a religião como um aspecto a ser considerado.

De acordo com Sanchiz (1999), parece haver cada vez mais uma heterogeneidade religiosa em que as diferenças se aceleram e se manifestam criando uma multiplicação ativa, que amplia as instâncias de referências identitárias, até mesmo no interior das próprias instituições, como no caso da Igreja Católica. Para o referido autor, essa multiplicação ativa das referências identitárias é decorrente da emergência da modernidade no campo religioso brasileiro, identificável através da epidemia pentecostal e protestante em geral. Um movimento social brasileiro que consegue conduzir a massa a partir de adesões pessoais baseada na ruptura com a conjuntura ambivalente, ao mesmo tempo que consegue fazer convergir as trajetórias individuais.

Assim sendo, a modernidade contemporânea privilegia a atual forma de expressão das experiências do momento. Tal modelo trata de identidade e afiliação espiritual, que podem ser encontradas em diversos segmentos religiosos, como, por exemplo, nos carismáticos católicos, que procuram “a fidelidade aos ancestrais e o reencontro das raízes” (SANCHIS, 1999, p. 13).

Nesse sentido, Hervieu-Léger (2000) nos esclarece que necessariamente a continuidade de uma tradição religiosa não significa imutabilidade, mas implica a ocultação das rupturas sofridas pela linhagem dos crentes ao longo da história. A autora explica que as disputas entre os diversos grupos religiosos em torno de uma memória legitimada pela maioria dos crentes expressam as irrupções históricas, ou seja, existe uma disputa em torno da autenticidade ou restauração dessas memórias pelos grupos que têm sua linhagem como verdadeira e imutável e delegam aos outros grupos o caráter de linhagens mutáveis e inautênticas.

A extinção da autoridade da tradição religiosa regulada pela instituição religiosa não produz só a afirmação da subjetividade religiosa dos indivíduos crentes ‘liberados’ da referência imposta de um código global de sentido definido fora deles. Ela implica, simultaneamente, na dissociação dos

elementos constitutivos do dispositivo de produção das identidades religiosas associadas a essa tradição (HERVIEU-LÉGER, 2000, p. 46).

A modernidade favorece a racionalidade formal instrumental, a pluralidade normativa cognitiva das esferas institucionais e a ascensão do indivíduo, que passa a estar no centro das decisões. A partir desse momento, o ocultamento da mudança realizado pelas tradições religiosas entra em crise, dessa forma, os processos secularizantes enfraquecem os controles institucionais que administravam e continham as tensões. Na visão da autora, a modernidade religiosa é conceituada como individualização e pluralização das trajetórias de identificação de um sujeito que se integra a uma linhagem crente particular.

De acordo com Hervieu-Léger (2000), quatro são as lógicas empregadas pelas instituições religiosas para ocultar as mudanças na modernidade religiosa, que se tornam autônomas e assim capazes de produção identitária individual e coletiva, a saber:

- A lógica ética, que diz respeito à universalidade da mensagem religiosa.
- A lógica comunitária, que se refere à vivência dessa mensagem universal de forma local e coletiva.
- A lógica emocional, que faz a conexão da experiência imediata à emoção religiosa original.
- A lógica cultural, enquanto instrumento de mediação da emoção religiosa e sua permanência.

Através da formação religiosa e das vivências comunitárias, a ética religiosa passa a introduzir ou disseminar, enquanto mensagem religiosa universal, a definição de valores a serem compartilhados no interior do grupo, valores estes transformados em comportamentos (HERVIEU-LÉGER, 2000, p. 44).

De acordo com a autora, com o enfraquecimento do controle das instituições sobre essas tensões, aumentou a flexibilidade em torno das quatro lógicas, o que propiciou novas possibilidades de crer e de pertencimento, como crer sem tradição e pertencer sem crença (HERVIEU-LÉGER, 2008).

A modernidade religiosa, segundo a autora, caracteriza-se pelo duplo movimento de perda da influência dos grandes sistemas religiosos e pela recomposição das representações religiosas. Entende-se dessa forma que, nesse contexto de modernidade, surge a oportunidade dentro do campo religioso para o

aparecimento de novos movimentos, que se entrecruzam dentro e fora da instituição, como no caso da RCC, um movimento dentro da Igreja Católica que traz mudanças na forma de crer e de pertencer ao catolicismo.

As motivações para o estudo surgiram quando entrei em contato com o Movimento da Renovação Carismática Católica, em 1984, na região de Catalão – Goiás. Nesse momento, a Renovação Carismática Católica era coordenada por padres e freiras, que promoviam encontros e grupos de orações, em que o maior público era formado por jovens.

Minhas primeiras observações foram sobre a visão desenvolvida pelos outros setores da Igreja Católica a respeito da RCC, que a princípio sofreu muitas rejeições até mesmo dentro das comunidades, principalmente pela semelhança com os cultos das igrejas evangélicas. Aos poucos fui identificando outros motivos para essa rejeição, como seu foco sobre a emoção, o individualismo exacerbado e sua proposta de avivamento espiritual (experiência pessoal com Deus, através do Espírito Santo e de seus dons) em detrimento das ações sociais, ou seja, suas práticas individualistas os afastavam dos problemas dos mais necessitados.

Porém, a Renovação Carismática Católica passou a ser vista com outros olhos entre os católicos, após o discurso do papa Paulo VI proferido na cidade de Roma (1975), aos participantes do II Congresso Internacional da RCC. O pontífice, nessa ocasião, referiu-se à RCC como uma nova concepção católica que testemunhava uma renovação espiritual.

Entretanto, para o estudo, levou-se em conta o fato de que o Catolicismo Romano vem declinando há décadas no mundo, e a RCC, nesse sentido, pode ser considerada um instrumento para a preservação da tradição católica, através da exaltação da espiritualidade, que propõe alegria e felicidade contagiantes entre os participantes sem deixar de lado as formas tradicionais do catolicismo, como as missas, o terço, as orações etc. A emergência de uma nova relação entre o indivíduo e a religião, tanto pela necessidade de um convívio social quanto pela necessidade de um espaço onde possa livremente manifestar suas expressões do sagrado, é típica da modernidade e mereceu nossa atenção.

Outro fato que podemos observar ao longo de sua caminhada é que a RCC tem sido considerada o movimento católico que mais incentiva os jovens a ingressar nos seminários, a se formar padres e freiras, além de cativar as pessoas a viver uma vida religiosa em comunidades.

Sobre o pensamento de Hervieu-Léger, conforme em Barrozo (2014), a dinâmica que anima a continuidade crente no campo religioso ao final do século XX é marcada pela difusão do crer individualista e da bricolagem. Assim como pela ruptura das crenças e das pertenças confessionais (mudança nas condutas) e pelo trânsito religioso.

Se, no princípio da década de 1980, os militantes da RCC foram estigmatizados por enfatizar momentos encantadores, como os promovidos pelos dons do Espírito Santo, e acusados de optar por um estilo espiritual individualista, subjetivista e emocional que afastava os fiéis de preocupações sociais e políticas, pesquisas atualizadas detectam que a situação é bem diferente entre os carismáticos católicos hoje, pelo crescimento de seu engajamento social. Os dados encontrados na atualidade sugerem que, em contextos sócio-históricos distintos, uma mesma espiritualidade pode levar os fiéis a comportamentos diversos (MARIZ, 2016).

Portanto, os carismáticos buscam uma evangelização missionária na Igreja, com uma fé alegre, ganham espaços nas paróquias de todo o Brasil, em meio ao louvor, acompanhados de músicas animadas, pregação e testemunhos. É uma tentativa para chamar os católicos afastados novamente para a Igreja, a fim de que possam ativar vocações à vida religiosa.

Dentro desse contexto contemporâneo, o estudo buscou investigar os objetivos da Renovação Carismática Católica a partir de seu envolvimento nas ações sociais comunitárias e seu posicionamento frente à ação organizada pela Associação Servos de Deus (ASD) Goiânia, instituição fundada em 17 de fevereiro de 1982 por participantes da Renovação Carismática Católica (SILVA, 2001).

Dentro do abrangente universo da RCC no Brasil, nosso objetivo principal foi investigar sua influência na sociedade goianiense, através da Associação Servo de Deus e sua atuação na sociedade. Especificamente buscou-se: pesquisar sobre o movimento Renovação Carismática Católica, com enfoque na Associação Servo de Deus em Goiânia; identificar as características da RCC como movimento de massa e espiritualidade em Goiânia; e analisar ações sociais realizadas pela Associação Servo de Deus sob a ótica de sua missão social.

Ao longo do estudo, procuramos elementos para comprovar nossa hipótese de que, em relação ao engajamento social dos fiéis da RCC, depende muito mais das lideranças locais do que dos propósitos da RCC em si. De acordo com Mariz (2005), os grupos de oração da Renovação Carismática Católica podem ser bastante distintos

entre si, tanto quanto as lideranças clericais que os apoiam. Portanto, embora a RCC, através da Associação Servo de Deus em Goiânia, exerça ações sociais em prol da promoção humana, seus objetivos reais giram em torno da teologia do próprio movimento renovado, ou seja, o que é central para a Renovação Carismática Católica é a experiência de contato do leigo com o sagrado.

A RCC, embora possua uma estrutura de ser igreja dentro da igreja, ao mesmo tempo se submete como instituição obediente. Além disso, seu modo de se apresentar como um novo modo de ser igreja procura transmitir uma impressão de criatividade e crescimento constante, mas segue o caminho da utopia na evangelização, não se direcionando mais à piedade e à solidariedade. O engajamento social dos membros varia de acordo com o contexto sócio-histórico.

Na Associação Servo de Deus, em Goiânia, os fiéis têm enfatizado a experiência individual nos momentos de oração, pois a eles importa somente entregar tudo nas mãos de Deus: Ele resolve. Isso é semelhante ao que fazem os pentecostais evangélicos, que acreditam que o poder da oração seja suficiente para trazer soluções para todos os males. O engajamento social pode ser mediante o Carisma e discurso dos líderes, portanto, variável e não necessariamente voltado ao âmbito político.

De acordo com Mariz (2005), embora a liderança do movimento tente homogeneizá-los, os grupos de oração da Renovação Carismática Católica podem ser bastante distintos entre si, tanto quanto as lideranças clericais. A RCC, neste caso, desempenha papel importante na produção da autonomia e da diversidade de discursos e práticas.

Segundo Max Weber (2015), ação significa toda ação humana. Dentro dessa perspectiva, são quatro ações fundamentais que norteiam o comportamento humano: ação social racional com relação a fins, ação social racional com relação a valores, ação social afetiva e ação social tradicional. A ação social é aquela que é orientada ao outro.

Por "ação" deve-se entender como uma conduta humana (que pode consistir num ato externo ou interno, numa condição ou permissão) sempre que o sujeito ou os sujeitos da ação envolvam-na de um sentido subjetivo. A "ação social", portanto, é uma ação em que o sentido indicado por seu sujeito ou sujeitos refere-se à conduta de outros, orientando-se por esta, em seu desenvolvimento. (WEBER, 2015).

No entanto, há algumas atitudes coletivas que não podem ser consideradas sociais. A ação social seria, portanto, qualquer ação que possuísse um sentido e uma

finalidade determinados por seu autor. Embora Weber não tenha definido religião na sua essência a princípio, o que nos interessa é sua orientação sobre a análise das vivências e representações subjetivas capazes de motivar os indivíduos a agir em sentido mágico ou religioso.

As ações religiosas então estariam centradas neste mundo, possuindo caráter racional voltado aos meios e aos fins relativos às experiências objetivas. Ou seja, existe um sentimento comum compartilhado subjetivamente pelo grupo de caráter intramundano que orienta as ações do cotidiano dos indivíduos.

Dentro deste contexto, são atribuídos a certas pessoas ou objetos dons extraordinários, atributos exclusivos de vidas extraordinárias, que Weber denomina Carisma: “Não é difícil compreender que os conhecedores profissionais desse simbolismo assumem posição destacada de poder na comunidade onde atuam” (WEBER, 2015, p. 282).

Assim sendo, entende-se que as atitudes e os processos da vida comum pertencem também ao mundo espiritual, pois significam comunicações significativas com a divindade, dessa forma, a ação religiosa se expande para toda a vida, caminha passo a passo com os fiéis. A religião assume, dessa forma, papel de destaque no pensamento de Weber por influenciar a condução da vida das pessoas.

Neste caso, o carisma torna-se um identificador e unificador, as pessoas que fazem parte da comunidade compartilham desse carisma, que garante a unidade e a pertença cultural aos integrantes do grupo, ou seja, é possível afirmar que o carisma é a essência do grupo, que se transforma em significado de missão para a comunidade e todos os seus fiéis.

Para analisar o fenômeno religioso da RCC, recorreremos à socióloga Daniele Hervieu-Léger (2008), que discute a religião em movimento. A partir da ampliação do religioso para além do seio das religiões, ou seja, fora da concepção que temos do que é o religioso, para outros setores da realidade social, cultural e psicológica, esta é uma tendência da contemporaneidade. De acordo com a autora, modernidade não significa o desaparecimento da religião, mas sua expansão, verificável pelo levante de denominações religiosas diversas e o fascínio dos indivíduos por assuntos espirituais e sobrenaturais.

Mas, sem o conceito de religião, não é possível acomodar as novas práticas religiosas dentro do fenômeno religioso atual, no qual a RCC se insere. Para a referida autora, um aspecto essencial da reestruturação do individualismo religioso na

modernidade é essa tendência a combinar a busca espiritual com um poder sobre o mundo e si mesmo, característica das correntes religiosas contemporâneas.

O deslocamento da experiência religiosa contemporânea subjetiva e institucionalizada para outras áreas e dimensões da vida social tem tido como consequência o redirecionamento dos lugares e os papéis sociais da religião, nos horizontes da sociedade em processo acelerado de globalização (MOREIRA, 2008b).

De acordo com o autor, alguns processos sociais provocam ou favorecem esse deslocamento religioso, eles se manifestam claramente no alargamento da globalização capitalista e têm grande impacto cultural e social; outros que influenciam em termos subjetivos e de longo prazo são menos visíveis.

Na América Latina, assim como na Ásia, a religião é um fator importante de transformação social, tal como a herança da Teologia da Libertação nos movimentos Sociais e na cultura política latino-americana. Nesse caso, o deslocamento religioso se mostra como a interpelação entre motivações políticas e motivações religiosas (MOREIRA, 2008b).

Portanto, esta pesquisa visa suprir a carência de estudos sobre o engajamento social dos participantes da RCC em suas localidades nesta capital, especificamente, para um maior entendimento sobre a influência da RCC em Goiânia através da atuação da Associação Servos de Deus (ASD) nos seus projetos na área de promoção humana.

Junto à comunidade acadêmica, a pesquisa busca contribuir para a desmistificação da ideia de não participação dos católicos carismáticos nas lutas políticas em direção às conquistas relativas aos direitos humanos e justiça, evidenciando seu engajamento social, ressaltando a RCC no contexto social entre as comunidades progressistas e a potencialidade do discurso dos líderes para sua atuação na sociedade.

A metodologia adotada neste estudo privilegia a revisão bibliográfica, de cunho exploratório, e será realizada em obras das Ciências da Religião, Sociologia Antropologia e Teológicas, utilizando o método indutivo. A elaboração da pesquisa foi feita por leituras para fichamentos, interpretação e análise dos textos pesquisados sobre o tema e as categorias de análise: Pentecostalismo Católico, Evangelização, Ação social.

A dissertação foi estruturada em três capítulos. O primeiro trata do pentecostalismo em geral, e o católico de modo mais específico. São apresentadas

as origens do pentecostalismo e suas principais características: a ênfase no carisma e no dom de línguas. No segundo, abordamos o surgimento da Renovação Carismática Católica e sua estrutura. Descreve-se a trajetória da renovação Carismática desde seu nascedouro nos Estados Unidos, a sua chegada e desenvolvimento no Brasil, seus canais de divulgação e suas redes de apoio. O terceiro estuda a Ação Social e a Promoção Humana, discutindo os projetos de ações sociais desenvolvidos pela RCC em Goiânia e sua forma de atuação. Destaca-se seu principal veículo de promoção humana, a Associação Servo de Deus, juntamente com o movimento das Universidades Renovadas. Então, apresenta-se a Associação Servo de Deus (ASD) enquanto associação filantrópica e discorre-se sobre a estrutura da RCC em Goiânia, demonstrando seus principais encontros e suas influências sociais.

1 O SURGIMENTO DO PENTECOSTALISMO

A modernidade tem sido um período de mudanças profundas em todos os setores da sociedade, político, econômico, social e religioso. A principal característica da modernidade é a razão, em que o sujeito autônomo e o saber científico são considerados os autenticadores da verdade. Dessa forma, o ser humano é colocado no centro de todas as coisas, existe um enorme otimismo em relação à história e há uma convicção de progresso infundável para a raça humana (HERVIEU-LÉGER, 2008).

A nova mentalidade oriunda da modernidade cria desafios para a teologia cristã de um modo geral, para os protestantes centrados na fé em Deus e na Bíblia e para os católicos na tradição. O Iluminismo, nesse caso, irrompe como símbolo das mudanças de seu tempo, favorecendo a secularização, que estabelece a autonomia das realidades humanas, sem a sujeição à religião. Por isso, o cristianismo Ocidental se posiciona na defensiva em relação à modernidade:

O espírito Iluminista é, de fato, uma poderosa e robusta resposta de uma grande parte da sociedade europeia aos últimos movimentos históricos, especialmente ocorridos entre os séculos XVI e XVII. Tanto a intolerância religiosa católica e protestante quanto o absolutismo de governos civis demonstram a profunda falta de sintonia com os sentimentos de progresso e liberdade já instalados e assumidos coletivamente. (GOMES; SILVA, 2010, p. 119).

Para os referidos autores, diante desse quadro, o cristianismo ocidental reage de três maneiras. O protestantismo histórico desenvolve a teologia liberal, o catolicismo reforça a teologia do manual enfatizando a autoridade da igreja e do papa, o protestantismo evita os debates se recolhendo na busca por santificação e conversão pessoal. Pode-se observar que um segmento evangélico cria outra forma de rejeição, mergulhando nos avivamentos ocorridos ao longo dos séculos XVIII e XIX, que lhe acabam dando identidade teológica e eclesial.

Grosso modo, podemos dizer que o pentecostalismo é um movimento de renovação de dentro do Cristianismo que dá ênfase à experiência íntima com Deus através do batismo com o Espírito Santo. Mas o termo é amplo e inclui uma gama de diferentes perspectivas teológicas e organizacionais, e no Brasil se identificam como evangélicos e Renovação Carismática Católica, ambos enfatizando o carisma.

O Paradigma Pentecostal configurou, em pouco mais de um século, um modo de ser Cristão, um modo de ser Cristão que soma posturas antimodernas em um mesmo sistema Religioso na medida em que retoma posturas mágicas e fundamentalistas, porém respondendo à lógica do sujeito moderno como o centro da experiência Religiosa e consumidor de bens simbólicos (PASSOS, 2005, p. 20).

Devido a sua trajetória de desenvolvimento, o pentecostalismo pode ser considerado com um ar de continuidade, pois nos EUA foi ganhando espaço seguindo o rastro de outros movimentos religiosos cristãos que o antecederam, como, por exemplo, o pietismo alemão, o reavivacionismo anglo-saxão e os movimentos de santidade. Posteriormente, expandiu-se para a América Latina, seguindo os caminhos trilhados pela religiosidade popular católica, beneficiando-se da inserção do protestantismo na América Latina, África e Ásia.

De acordo com Horton (1996), dois avivamentos podem ser considerados precursores do moderno pentecostalismo no século XIX: o movimento de Edward Irving, na Inglaterra por volta de 1830, e o outro, no extremo sul da Índia, por volta de 1860, com a influência dos irmãos de Plymouth, sob a liderança do leigo J. C. Aroolappen. Os documentos a respeito desses movimentos os ligam à prática da glossolalia como a predisposição às profecias.

Segundo Campos (2005), frente à peculiaridade da cultura norte-americana, é possível perguntar se o argumento das “origens norte-americanas do pentecostalismo moderno” se explica, com a mesma força, do surgimento e da rápida propagação pentecostal e carismática por todo o mundo. Na opinião do autor, esse argumento tem ligação com a observação de Mark Noll (2004, p. 59 e seg.) de que o crescimento da “influência norte-americana sobre o cristianismo evangélico mundial no século XX” tem algo a ver com a expansão pentecostal por todo o mundo.

Campos (2005) enfatiza que, para entendermos o surgimento do pentecostalismo, é necessário ter uma visão do contexto social, cultural e econômico dos eventos ocorridos no campo religioso norte-americano, no final do século XIX e início do século XX, para uma melhor compreensão das formas assumidas pelo pentecostalismo em suas origens e os motivos de sua expansão.

Segundo Campos (2005), a historiografia do pentecostalismo tende a ocultar o papel de Charles F. Parham, possivelmente por causa de sua homossexualidade, de suas inclinações racistas e simpatia pela Ku Klux Klan, além de ser um defensor de algumas doutrinas consideradas estranhas pelos americanos, tal como a crença

de que os anglo-saxões seriam descendentes das dez tribos perdidas de Israel após o exílio na Assíria.

Para o referido autor, essa mesma historiografia ressalta as atividades de Seymour, um negro, que se tornou celebridade por causa dos eventos de Azurza Street. O autor ressalta ainda que, em grande parte dos estudos sobre o pentecostalismo, a atenção sobre o valor ao contexto social e cultural das raízes dos atores do movimento nascente, ou das condições sociais que tornariam a explosão e propagação das mentalidades, práticas e pregação pentecostal inevitáveis nos EUA no início do século XX, é pouca ou quase nenhuma.

[...] nesse país as concessões às divisões raciais e de classes sociais fizeram surgir denominações acomodadas. Essa acomodação fez com que as seitas se tornassem um canal capaz de desaguar o descontentamento das classes pobres. Assim surgem as “igrejas dos deserdados”, que arregimentam os pobres, reforçando a ideia de que “na história protestante seita tem sido sempre filha de minorias proscritas” (Niebuhr, 1992, p. 20). Aliás, embora Niebuhr não o diga, esse é o caso do pentecostalismo. (CAMPOS, 2005, p. 104).

Ainda dentro da historiografia, Campos (2005) assinala que o uso dos métodos biográfico e de história de vida ajuda na reconstrução das trajetórias seguidas pelos movimentos e instituições pentecostais. Essa metodologia facilita o estudo do pentecostalismo que se apresenta como uma religião dinâmica, oral e resultante do testemunho de pessoas que, desde o seu início, é valorizado mais do que a escrita.

A proposta de Campos (2005) é observar a trajetória dos pioneiros porque, no decorrer do aparecimento e expansão de seus respectivos movimentos (pentecostais ou carismáticos), esses indivíduos agem como se fossem boias flutuando em um mar agitado pelas emoções. São líderes de multidões de fiéis em processos coletivos de recomposição de crenças e práticas, criando, através de suas pregações, novas fórmulas religiosas antes manipuladas pelas igrejas.

O referido autor, baseado nas ideias de Bourdieu (1982), concorda que o poder do profeta se baseia na força do grupo que a mobiliza por meio de sua aptidão de simbolizar e comunicar os interesses leigos em determinada posição dentro da estrutura social.

[...] baseia-se na força do grupo que mobiliza por meio de sua aptidão para simbolizar em uma conduta exemplar e ou em um discurso [...] os interesses

propriamente religiosos de leigos que ocupam uma determinada posição na estrutura social. (BOURDIEU, 1982, p. 92).

Dentro desse contexto, as relações entre o líder carismático e seus seguidores se dão à medida que aspirações que já existiam antes dele vêm à tona a partir de seus discursos, de sua conduta ou palavras de ordem. Existe por parte dos seus seguidores uma admiração pessoal ao dominador e a seu carisma (qualidades e/ou seus poderes), esse tipo de dominação é denominada por Max Weber de dominação carismática.

1.1 As origens do pentecostalismo nos Estados Unidos

A maioria dos estudiosos concorda que o pentecostalismo tem suas origens em uma reunião de oração no Colégio Bíblico Betel em Topeka, Kansas, em 1º de janeiro de 1901. Nesse momento, muitos fiéis chegaram à conclusão de que falar em línguas era o sinal bíblico do Batismo no Espírito Santo. Charles F. Parham (1873-1929) foi o fundador dessa escola.

Considerado o pai do reavivamento pentecostal do século XX, Parham foi o primeiro pregador a fazer a ligação entre experiências extáticas, com manifestações de transe e glossolalias, tornando-se uma figura emblemática entre os pioneiros do pentecostalismo e a teoria do “batismo com o Espírito Santo”. Essa experiência mística foi por ele identificada como idêntica à experienciada pelos apóstolos de Jesus no período da Festa de Pentecostes. Parham divulgava as suas ideias por meio de um jornal, cujo nome era aplicado ao seu movimento: *The Apostolic Faith* (CAMPOS, 2005).

A instituição dirigida por ele misturava a prática da cura divina, a assistência espiritual, além de oferecer material e treinamento para pessoas pobres, principalmente jovens que desejavam ingressar nas atividades missionárias. Ao longo do ano de 1901, após várias pessoas do grupo terem vivenciado a experiência de falar em línguas, entusiasmado, Parham desloca caravanas para visitar outras regiões do país. Em 1905, inicia uma escola bíblica no Texas e em Houston, onde, devido ao seu racismo, um aluno, o negro William Seymour, assistia às aulas em uma cadeira no corredor do lado de fora da sala. Este aluno de Parham levaria o reavivacionismo pentecostal para Los Angeles (CAMPOS, 2005).

De acordo com o referido autor, Parham foi pastor metodista e, ao longo de sua vida, foi acometido de muitas doenças que atribularam sua caminhada; embora tenha sido supostamente curado pela intervenção divina, ficou com muitas sequelas. Com base em suas experiências pessoais e seu envolvimento com o metodismo, elaborou uma síntese teológica de diversas crenças e práticas que transformou a passagem do século. Embora o campo religioso norte-americano estivesse em processo de modificação desde a primeira metade do século XVIII, com a fermentação de vários movimentos que buscavam recuperar o fervor religioso, seu discurso foi capaz de ir aos poucos modificando o panorama daquele campo religioso.

Para Campos (2005), muitas das crenças que iriam se unir na identidade pentecostal no final do século XIX circulavam separadamente, em diversas camadas do protestantismo norte-americano, todas, porém, ligadas aos movimentos de santidade ou de reavivamento espiritual. Nesses meios, enfatizava-se a necessidade de conversão/novo nascimento; santificação; cura divina; volta de Jesus à Terra para inaugurar o milênio; retorno do Espírito Santo na forma de um “batismo de fogo”; coisas que provocariam sinais físicos, particularmente, o falar em línguas desconhecidas.

O descontentamento religioso fez com que surgissem no mesmo período outros movimentos e instituições religiosas, acelerando a divisão e promovendo *a posteriori* novos processos de institucionalização de novos movimentos em igrejas e instituições estabelecidas como Testemunhas de Jeová, os dos Mórmons, Adventistas do Sétimo Dia. Mas foi na segunda metade do século XIX que vários movimentos e pregadores norte-americanos, de inspiração *Holiness*¹, tornaram mais exacerbada a busca da “santificação”. Eles buscavam a segunda bênção, que complementaria a primeira bênção (conversão), ou seja, a segunda bênção referia-se a uma fase de aperfeiçoamento moral, chamada de processo de santificação. A segunda bênção abriu caminho para a terceira bênção, que seria o batismo com o Espírito Santo.

William Joseph Seymour (1870-1922), conhecido como Irmão Seymour, o negro profeta da rua Azusa, era filho de ex-escravos da Louisiana. Em 1906, aos 36 anos, em uma reunião agenciada por Seymour em um templo abandonado de uma Igreja Metodista Episcopal, no bairro negro de Los Angeles, que depois de um incêndio se transformou em uma enorme caixa preta destinada como depósito,

¹ Santidade, como se chamava o movimento.

começaram a sair gritos, os fiéis principiaram a ter convulsões, proferir profecias, glossolalias. Além disso, aconteceram curas, milagres, fatos que rapidamente chamaram a atenção da imprensa e, por meio dela, todo o país (CAMPOS, 2005; MEDEIROS, 2008, p. 117).

Em 18 de abril de 1906, o jornal Los Angeles Times publicava uma matéria que começava afirmando estarem os seus repórteres diante de “uma sobrenatural babel de línguas” e de uma “nova seita de fanáticos” formada em sua maioria por negros e imigrantes pobres, liderados por um pregador negro, William Seymour. (CAMPOS, 2005).

De acordo com Campos (2005), Seymour plasmou o pentecostalismo norte-americano a tal ponto que, quatro anos depois, ele foi trazido para o Brasil por imigrantes italianos e suecos, que nos Estados Unidos se tornaram ardorosos missionários dessa nova forma de religiosidade cristã.

Em 1907, em uma publicação, o movimento *Holiness* satiriza os fenômenos protagonizados por Seymour. Meses depois, a *Apostolic Faith Mission* recebe a visita de Charles Parham, o reencontro dos dois líderes fez aprofundar ainda mais a divisão entre os grupos. No mesmo ano, Parham caiu em desgraça, acusado de sodomia. No campo religioso, essas agitações fizeram com que movimentos pentecostais ligados a estes ou aqueles líderes carismáticos se tornassem autônomos, abandonando as lideranças espirituais.

As dissidências começaram a acontecer geralmente ligadas a questões teológicas. Por exemplo, William Durham, de Chicago, passou a se opor à solução teológica das três etapas (conversão, santificação e batismo com o Espírito Santo) de Seymour, propondo apenas duas etapas (conversão, que incluía a santificação, e o batismo com o Espírito Santo).

Para Campos (2005), a rua Azuza, a partir de 1906, se transformou na “Jerusalém norte-americana”. Ao que tudo indica, a experiência com o Espírito Santo se apresentava como um indício de rompimento das barreiras de separação entre ricos. Mas não tardou o ressurgimento do racismo de pentecostais brancos com a volta de Parham e a fundação da Assembleia de Deus em Hot Springs, Arkansas.

O declínio do profeta da rua Azuza aconteceu devido ao tempo, às divisões e à oposição, contudo, é preciso ressaltar que Seymour se tornou o agente catalisador

de toda uma situação de crise, que clamava por uma nova teodiceia, produzindo um novo capital religioso.

[...] naqueles momentos em que formas de entender e explicar a vida não mais estão em sintonia com as condições sociais, gerando novas demandas, as quais somente podem ser atendidas por uma palavra profética. O profeta é, portanto, o “homem da crise”, que, escudado em seu próprio exemplo, reinicia a produção de um capital religioso (BOURDIEU, 1982, p. 49 apud CAMPOS, 2005).

Entende-se, como o autor, que o pentecostalismo não começou em Topeka ou em Los Angeles, mas antecedeu em muitos esses eventos, até mesmo ao surgimento dos Estados Unidos como nação. Existe um pentecostalismo pré-pentecostal, que deve ser levado em consideração. O impacto da mentalidade do pentecostalismo pode ser notado tanto nas práticas quanto nas teologias, tanto dentro como fora do espaço religioso demarcado pelas instituições e organizações protestantes, porque ele extravasou as fronteiras religiosas em que começou atingindo inclusive o catolicismo, dando nele origem ao Movimento de Renovação Carismática (1967).

1.1.1 O Pentecostalismo no Brasil

De acordo com Gomes e Silva (2010), o protestantismo oriundo dos EUA já vem dividido em várias denominações e se subdivide mais ainda ao chegar ao Brasil. A preocupação em afirmar sua denominação, a teologia dos avivamentos, o aspecto leigo, o fundamentalismo, além da mentalidade de uma Igreja espiritual não envolvida em questões políticas e sociais, além do messianismo propagador do modo de vida americano, definem o protestantismo brasileiro como negativo e contracultura local.

O pentecostalismo que chegou ao Brasil em 1910 era anticatólico, pois considerava a doutrina católica frouxa e tolerante com as festas carnais, como o carnaval, e seu primeiro intuito foi converter os católicos. Foi trazido pelo missionário Louis Francescon, que atuou em colônias italianas no Sul e Sudeste do Brasil e realizou, em 1910, o primeiro batismo de orientação pentecostal em solo brasileiro, realizado na Congregação Cristã no Brasil em Santo Antônio da Platina, Paraná (MURAD, 2010, p. 132).

De acordo com Freston (2003), em 1911, os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren iniciaram a Missão da Fé Apostólica, em Belém, que sete anos depois adotou

o nome de Igreja Assembleia de Deus. Francescon, Berg e Vingren possuíam matriz pentecostal comum, os três receberam doutrinas na Missão de Fé Apostólica conduzida pelo Pastor William H. Durham, ex-pastor batista, em Chicago.

Para o referido autor, o movimento pentecostal pode ser dividido em fases, que são denominadas ondas. A primeira, chamada pentecostalismo clássico, abrangeu o período de 1910 a 1950 e iniciou-se com sua implantação no Brasil, decorrente da fundação da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil até sua difusão por todo o território nacional. As principais características desse período foram: o anticatolicismo, a ênfase na crença no batismo no Espírito Santo, e o asceticismo, que tendia a rejeitar os valores do mundo e defender a plenitude da vida moral e espiritual.

Em 1932, nasceu a Igreja de Cristo no Brasil, em Mossoró (Rio Grande do Norte), supostamente a primeira denominação pentecostal organizada por brasileiros. A Igreja de Cristo divergiu das demais igrejas pentecostais da primeira onda ao seguir o dogma da "eterna segurança", mais conhecida como Perseverança dos Santos, e ao defender que o cristão recebe o batismo do Espírito Santo no ato da conversão e não como segunda bênção seguida de dons de línguas (FREESTON, 2003).

A segunda onda do pentecostalismo surgiu na década de 1950, quando chegaram a São Paulo dois missionários norte-americanos da *International Church of The Foursquare Gospel*. Eles criaram a Cruzada Nacional de Evangelização, centrada na cura divina, iniciaram a evangelização das massas. Além disso, contribuíram para a expansão do pentecostalismo no Brasil, através dos programas de rádio, e fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular. Na mesma época, surgiram as igrejas O Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal Unida do Brasil, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Casa da Bênção, Igreja Unida, Igreja de Nova Vida e diversas outras denominações pentecostais menores (PICOLOTTO, 2016).

De acordo com o autor, a terceira onda, chamada também de Neopentecostalismo, teve início no final da década de 1970. Fundadas por brasileiros, as mais antigas são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), no Rio de Janeiro, por Edir Macedo, e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), também no Rio de Janeiro, por R. R. Soares. Ambas passaram a marcar presença na área televisiva com seus televangelistas.

Segundo Moreira (2008b), acompanhando a tendência da midiaticização da cultura, a midiaticização da religião e da experiência religiosa emerge como uma

tendência duradoura de deslocamento. Hoje a mídia já é a maior fonte de informação sobre a religião, os shows-gospel e o shows-missas são formas explícitas de midiatização do religioso.

Seguindo o rastro dessas igrejas, surgem a Renascer em Cristo (1986), em São Paulo, e a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1992), em Brasília. De um modo geral, essas novas igrejas podem ser frutos da terceira onda do pentecostalismo, assim se utilizam intensamente das mídias técnicas de administração empresarial, com uso de marketing, planejamento estatístico, análise de resultados etc.

O neopentecostalismo no Brasil constitui a vertente pentecostal mais influente e a que mais cresce. Embora sejam mais liberais em questões de costumes, a maioria adotou a linha de pensamento prosperidade, de acordo com a qual todos os cristãos estão destinados à prosperidade terrena.

Paralelamente ao pentecostalismo, várias denominações protestantes tradicionais acabaram abrindo espaço para movimentos internos, com manifestações pentecostais, que passaram a ser denominados "Renovados", como, por exemplo, a Igreja Presbiteriana Renovada, Convenção Batista Nacional, Igreja do Avivamento Bíblico, Igreja Cristã Maranata e a Igreja Adventista da Promessa (originária da Igreja Adventista do Sétimo Dia). Além das grandes denominações pentecostais, existem variados ministérios independentes surgindo anualmente no Brasil e no mundo. Alguns aspectos caracterizam o movimento pentecostal e estão presentes em muitas denominações e organizações paraeclesiais que surgiram a partir dele, a saber:

- a) a grande importância à revelação direta do Espírito Santo;
- b) batizar somente adultos;
- c) a crença na segunda vinda de Cristo;
- d) rigor moral, que proíbe beber, fumar, dançar, assistir à televisão e, sobretudo para as mulheres, a frivolidade no vestir, no corte dos cabelos, o uso de calças compridas, e outras que são tidas como fúteis e mundanas;
- e) revelações divinas de certos acontecimentos da vida;
- f) doenças são tidas como punições divinas pelo pecado, ou seja, Deus permite que o diabo a cause como castigo para o crente;
- g) a frequente prática do exorcismo.

Para muitos cristãos pentecostais, o batismo no Espírito Santo possui a capacidade de restaurar plenamente o relacionamento espiritual que Adão e Eva

tinham com Deus no Jardim do Éden, ou seja, ele é capaz de restaurar a queda do homem, curar doenças, dando aos fiéis autoridade sobre as enfermidades.

De modo significativo, a vida mais sublime em Cristo podia, também, inverter os efeitos físicos da queda, capacitando o cristão a adquirir autoridade sobre as enfermidades do corpo. Os defensores da cura divina, tais como Charles C. Cullins, a. B. Simpson, A. J. Gordon, Carrie Judd Montgomery, Maria B. Woodworth-Etter e John Alexandre Dowie, baseavam boa parte dessa crença em Isaías 53.4,5, bem como nas promessas neotestamentárias de cura divina. Posto que Cristo não somente perdoava os pecados, mas também curava as enfermidades, os que viviam pela promessa de Deus (Êx 15.26) já não precisavam de assistência médica. Caso lançassem mão desta, estariam demonstrando falta de fé. (GOMES; SILVA, 2010, p. 132-133).

Segundo Horton (1992), a cosmovisão é um modo de o homem entender as realidades da vida, tanto naturais como sobrenaturais. Para os pentecostais, profecias, curas, milagres são realidades atualmente que demonstram a grandeza da glória de Deus, o agir do Espírito Santo na vida do crente torna cada dia novo e emocionante. Portanto, não se pode entender o pentecostalismo sem reconhecer o conceito da causalidade, que entende a missão como ministério dos cristãos. A porta de entrada para esta cosmovisão acontece através do batismo no Espírito, é essa experiência espiritual com Deus que causa um impacto emocional, transformador.

Uma das maiores críticas ao movimento neopentecostal é a ênfase aos ensinamentos da confissão positiva, conhecido popularmente como Teologia da Prosperidade. Segundo Romeiro (2007), o Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade é a corrente doutrinária que ensina que pobreza e doença são resultados visíveis do fracasso do cristão que vive em pecado ou que possui fé insuficiente.

Assim, a marca do cristão cheio de fé e bem-sucedido, além da prosperidade material, é ter plena saúde física, emocional e espiritual. O autor explica que a expressão "confissão positiva" pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão "confissão positiva" se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão.

De acordo com Júnior (2019), a confissão positiva tende a trocar o verbo pedir, que é repetido inúmeras vezes nos textos bíblicos e sugere uma atitude suplicante de quem está em posição menor que aquele a quem é feita a petição, pelo verbo exigir. Como exemplo desse pensamento, o autor cita as ponderações de R. R. Soares em

seu livro *O Direito de Desfrutar Saúde*, no qual o líder evangélico declara que usar a frase “se for da tua vontade” em oração não adianta nada, só destrói a oração.

Como podemos perceber, existem várias categorias de pentecostalismo, que são transformados a partir do contexto em que se inserem. De modo geral, o pentecostalismo pode ser considerado um fenômeno progressivo em termos mundiais, influenciando o surgimento de subgrupos dentro das igrejas tradicionais. Os sacerdotes dessas denominações neopentecostais e pentecostais que aderiram à confissão positiva atuam enquanto magos agindo e ensinando aos fiéis agirem de forma coercitiva supostamente sobre Deus, exigindo o carisma (poder). Sua doutrina ultrapassou até mesmo as fronteiras do protestantismo, ao inspirar os movimentos de renovação pentecostal dentro da Igreja Católica Romana, como a Renovação Carismática Católica.

Os movimentos de avivamento do século XIX tomaram as igrejas dos Estados Unidos no começo do século XX gerando o pentecostalismo clássico. O ponto de partida para o pentecostalismo clássico surgiu dos multifacetados ministérios protestantes e foi impulsionado pelas estratégias de evangelismo, pregação e metodologia doutrinária, a partir das quais se desenvolveu a chamada Teologia da Prosperidade. É importante destacar que, no Catolicismo, a eclosão do Movimento de Renovação Carismática, que alia práticas eminentemente pentecostais na propagação da doutrina, tem sido considerada por muitos estudiosos, como Carranza (2009), Machado (1996), Mariz e Machado (1994), Oro (1996), Pierucci (1996), Prandi (1997), uma estratégia de fortalecimento da identidade católica ou seja, uma forma de contraofensiva católica, frente ao avanço do pentecostalismo.

1.2 Os carismas e os dons

O vocábulo carisma vem do grego *kharisma*, significando favor, dom divino, conceder graça, indicando quase sempre o resultado de uma atividade. De acordo com o referido autor abaixo, Carisma significa o resultado da ação da graça, implicando algo extraordinário de caráter divino, mágico aos olhos da comunidade e reconhecido pela massa. O ritmo carismático pode associar-se ora a uma qualidade pessoal, ora a um surto doentio, epiléptico, pelo qual a pessoa perde a consciência completa de si e se entrega ao momento da emoção. No mundo religioso, tal movimento é associado a ações de forças sobrenaturais. A experiência-matriz se

traduz em arroubo, êxtase, enlevo provocado por ações divinas, razão por que provocam, num segundo momento, atração e sedução sobre os outros (LIBÂNIO, 2007, p. 34).

Para o referido autor, o Espírito de Deus não age independentemente das qualidades humanas e nenhum carisma se firma sem que o Espírito Santo se faça presente ativamente na pessoa. O Espírito atua para o bem comum do povo de Deus, através das capacidades do fiel e superando-as. Carisma liga-se à ideia de serviço à comunidade. Portanto, carisma não é um dom para si mesmo unicamente, mas para dispor aos outros, dessa forma existe uma relação entre Dom, Carisma e Ministério.

Dentre os diferentes dons do Espírito Santo, tem-se destacado o dom de línguas, que a princípio edifica o próprio fiel, o dom de línguas é uma louvação incessante de palavras conhecidas que não são capazes de mediar essa comunicação. Cientistas da Religião como Prandi (1980) e Sanchis (1994) o classificam como um transe espiritual unitário; outros cientistas menos céticos até aceitam certo grau de renúncia da racionalidade e uma ligação ao emocionalismo, durante a glossolalia, mas não acreditam que o orante altere sua consciência durante o ato.

Portanto, existe diferença entre dom e carisma tanto na maneira de conceituá-los quanto na maneira como as diversas igrejas cristãs os compreendem e como se manifestam nos fiéis. Mas geralmente o dom é tomado como um presente recebido pela graça de Deus, e o carisma é a atividade de distribuir ou compartilhar estes dons com seus semelhantes dentro de uma postura de servir ao outro. Nas palavras de Boff (1990, 225), “[...] o carisma significa a função concreta que cada qual desempenha dentro da comunidade a bem de todos”. Para o referido autor, na igreja existe um carisma que se destaca entre os demais, é aquele responsável pela harmonização dos demais carismas, o carisma de ordenação na comunidade, que conhecemos como hierarquia. Sua função é abrir caminho para a unidade e harmonia entre os vários serviços (carismas) exercidos pelos fiéis (BOFF, 1994, p. 265).

De acordo com Max Weber (2015), carisma não é apenas um tipo irracional e revolucionário de dominação, mas também um modelo sociológico explicativo para a compreensão da mudança social, ou seja, é uma categoria complementar ao conceito de racionalismo.

Para Bach (2011), baseado nos conceitos de carisma de Max Weber, o carisma precisa ser entendido como chave sociológica para a compreensão daquelas

correntes sociais que interrompem, de forma inesperada e abrupta, a teleologia aparentemente evolucionista e unidimensional do racionalismo. Tal ruptura suspende os valores institucionais vigentes e faz com que, através de personificações, novos coletivos com forte pressão para a conformidade conquistem o controle. Possivelmente, uma explicação para a irrupção do novo na história.

Assim, as novas formas de religiosidade ou espiritualidade, chamadas renovadas com ênfase no emocionalismo, tão comuns na pós-modernidade, aproximam-se do tipo ideal weberiano “místico” ou “contemplativo” (WEBER, 2002, p. 227). A fórmula sociológica da religião weberiana baseada em tipos ideais é claramente expressa na tríade profeta, mago e sacerdote e em suas funções. Esses movimentos são tidos como "revolucionários" e podem ser analisados de forma proveitosa com o tipo ideal weberiano de dominação carismática como modelo analítico heurístico, conforme comprova a volumosa literatura de pesquisa histórica (BACH, 2011 apud NIPPEL, 2000; MÖLLER, 2004).

O sacerdote é o agente da fé especializado, um funcionário de uma instituição permanente, regular e organizada, tendo em vista influir sobre os deuses. Ele se opõe ao mago, que faz um uso individual e ocasional dos poderes sagrados, é um *freelance*.

O profeta é o portador de uma revelação mística ou ético-religiosa que transcende a instituição, como sua função é corretiva aparece em situações de crise. Dotado de um carisma capaz de agregar fiéis, ele geralmente se opõe ao sacerdote na disputa pela confiança dos leigos, mas geralmente tende a formar outra instituição, e assim, dar início a outro ciclo de institucionalização religiosa (WEBER, 2000, p. 294-310).

Dentro do pensamento weberiano, fica clara a necessidade de profissionais que tratem do mundo religioso. Sacerdote, mago e profeta assumem seus papéis qualificados na relação entre os homens e os deuses.

A diferença entre sacerdote e profeta é a mesma entre culto e magia. Enquanto o sacerdote é um funcionário de veneração que influencia os deuses através do culto, o mago força as divindades através de fórmulas mágicas, o profeta, por outro lado, segundo o pensamento weberiano, é o portador do carisma pessoal que anuncia os mandamentos divinos. Mas as fronteiras entre os profissionais do carisma religioso não são rígidas, existindo diferenciações e escalas intermediárias. Dessa forma, o profeta pode se dedicar ao culto, assim como o sacerdote pode possuir características mágicas (ALBINO, 2016, p. 63).

Para Weber, o carisma surge como força desregulada e contestadora, que se manifesta através do profeta, ou líder carismático, ou comunidade carismática, e questiona as regras existentes. Porém, a experiência carismática é, por sua natureza, passageira. Para manter valores e princípios despertos por essa experiência, é preciso uma nova regulação. Segundo Mariz (2003), baseada no pensamento weberiano, a dinâmica histórica e social fará surgir novas regras que constituem a institucionalização do carisma. Se isso não ocorre, o carisma desaparece.

Weber analisa esse processo quando discute a rotinização do carisma, afirmando que ocorre tanto em movimentos religiosos como em movimentos políticos. Mariz (2003), ao analisar o pensamento de Weber, entende que, embora o autor se refira à oposição entre instituição e carisma, ele não responsabiliza a primeira pelo arrefecimento do segundo. Já que o carisma é por sua natureza volátil e desaparece com o desaparecimento de sua fonte inicial, portanto, a rotinização vai necessariamente ocorrer, pois existe um imperativo organizacional: organize-se ou desapareça.

Certo é que as disposições da fé surgem ou se intensificam em tempos de crise, quando estruturas, instituições e valores sociais herdados perdem o equilíbrio, quando tudo perde o sentido e novas soluções precisam ser encontradas para velhos, novos e desconhecidos problemas. Por outro lado, a crise social também é o momento da confiança cega e da esperança, propício para o cultivo do entusiasmo através de promessas de salvação e redenção religiosas, mas também seculares, como, por exemplo, promessas de renovações políticas (BACH, 2011).

De acordo com o autor, a vivência coletiva da fé oferece ao pretendente carismático oportunidades para a aquisição de poder. O pretendente consegue se transformar, por exemplo, na única garantia para a realização e a pureza dos conteúdos religiosos proclamados. Dentro desse contexto, passa a exigir, com interesse da realização das promessas de redenção ou vinculados à sua missão pessoal, obediência incondicional de seus seguidores e discípulos. “Neste caso, porém, o carisma ‘força’ a ‘sujeição’ como consequência da lealdade aos valores, no nível da ação. Assim, o carisma se transforma em um recurso de poder e passa a constituir, ao mesmo tempo, uma relação de dominação (BACH, 2011).

Embora não negue a relação entre poder e carisma, Hervieu-Léger (1973) aposta na ideia de transmissão e perpetuação da memória de um acontecimento fundador original, ou seja, na memória que liga todos os crentes até hoje. Para a

autora, uma religião se define pela transmissão e perpetuação da memória de um acontecimento fundador original, pela reprodução das narrativas oficializadas por seu sacerdócio e hierarquia, engendrando uma linhagem religiosa ou uma linha crente que liga este acontecimento primevo à atualidade.

Para Hervieu-Léger, o que poderá ser a efervescência pessoal e coletiva, carismático/pentecostal assenta-se no episódio fundante da narrativa memorialista bíblica do Pentecostes, em que o Espírito Santo derrama sob os apóstolos seus “dons”. E a essa narrativa mítica são acrescentados dois mitos de origem mais específicos destes movimentos:

- O primeiro ocorrido na Escola Bíblica de Topeka, Kansas, em 1901, com Charles Parham e seus alunos recebendo o batismo do Espírito Santo e passando a falar línguas estranhas (glossolalia). Em seguida, na Rua Azuza, quando o pastor negro William Seymour promove reuniões nas quais se fala em línguas, atraindo protestantes revivalistas de várias partes e fundando o pentecostalismo como movimento.
- O segundo quando em 1967, na Universidade de Duquesne/Petersburg, universitários e docentes católicos desejosos de uma renovação espiritual falam “em línguas” em um retiro, experienciam os “dons” de profecia e discernimento pela ação do Espírito Santo. Após esse ocorrido, fundam em Ann Arbor, cidade universitária do Michigan, uma comunidade carismática envolvendo católicos e evangélicos.

De acordo com Hervieu-Léger, é a memória religiosa que garante a permanência da religião através da perenização do seu ato fundador, o que ele chama de “imperativo da continuidade”. Trata-se da fórmula carismático-pentecostal que realiza uma apropriação da narrativa ancestral às necessidades/carências do cotidiano do indivíduo moderno.

Segundo Camurça (2013), para se tratar de memória/narrativa em experiências marcadas principalmente pelo imediatismo, emoção, êxtase, efervescência, no caso dos carismáticos, funcionaria o que Danièle Hervieu-Léger aponta em outro texto (1997) como um emocionalismo comunitário. “[...] agregados de indivíduos reunidos em cima de excitação coletiva, de canto, dança, glossolalia, engajamento corporal e rejeição à formalização doutrinal/teológica (HERVIEU-LEGER, 1997, p. 33 apud CAMURÇA, 2013).

Dentro das concepções de Fonseca (2006), o trabalho de Hervieu-Léger (1997) aponta para uma compreensão alternativa, a polaridade excludente entre Secularização e Religião. A autora propõe uma dialética em que essas duas tendências permanecem em tensão, fazendo parte da experiência de renovação espiritual atual de natureza contraditória do próprio processo de secularização (HERVIER-LÉGER, 1997, p. 44).

O estudo da autora tem como base as teorias de Durkheim e Weber. Desde suas diferenças, os autores estabelecem princípios-chave para entender a natureza contraditória da secularização. Hervieu-Léger (1997) recupera em Durkheim a noção de “emoção das profundezas” – a qual atua como força dessecularizante; e de Weber, a experiência de experiências emocionais como parte do movimento geral de secularização – em suas contradições e lutas por legitimidade” (FONSECA, 2006).

Dentro desse contexto, a nova religiosidade se caracterizaria por um elemento vital, i.e., a emoção, que denotaria, no que lhe concerne, tanto o seu lado catártico quanto o da sua manifestação de antimodernidade, enquanto produto e parte da modernidade. Fonseca (2006) conclui que esses significados profundos, mágicos e emocionais apresentados pelos indivíduos adeptos dos novos movimentos religiosos constituem uma linguagem de acesso ao sentido existencial do Ser:

[...] o caráter irracional, emotivo e profundo do religioso afetando o ser em sua dimensão vivencial; talvez nisso estivesse precisamente a força que o transcende, seja como movimento criador do social (Durkheim), como transformação do indivíduo no contato com o divino (Rudolf), ou como revelação da condição humana (Ricoeur). Destarte, resta-me sugerir que a presença do religioso no mundo laico dá-se por causa dessa força criadora, que mobiliza o homem em sua dimensão existencial/ subjetiva e em sua dimensão social e histórica (FONSECA, 2006).

O caráter emocional e irracional do religioso afeta o ser na dimensão social, é essa força criadora nascida no mundo religioso que mobiliza o homem em sua dimensão histórica e social.

Para Camurça (2013), que estuda a importância da burocratização do carisma para a continuidade do movimento, no caso dos carismáticos-pentecostais, existe uma composição entre a continuidade da instituição legitimada na “memória autorizada”, controlada pelo clero e hierarquia das igrejas, e a reapropriação pelos indivíduos desta narrativa/memória oficial possibilita que eles mesmos produzam suas experiências religiosas subjetivas:

A instituição fornece aos indivíduos e movimentos um patrimônio memorialístico/narrativo para que esses desenvolvam suas experiências religiosas pessoais. Neste processo ambos se fortalecem, pois, os indivíduos, salvo em momentos de tensão e desacordo com as diretrizes eclesiais, realizam suas vivências religiosas dentro do âmbito da Igreja, reforçando-a. (CAMURÇA, 2013).

O autor conclui que as dimensões da memória e narrativa presentes nestes fenômenos carismáticos tidos como espontâneos, presentistas e emocionais, mesmo que se encontrem descontextualizados e a serviço de necessidades reflexivas e de crise de sentido do indivíduo moderno, podem ser consideradas, neste caso, como uma concessão da teologia e dogmas do catolicismo milenar às exigências da alta modernidade e das sociedades pós-tradicionais.

Segundo Libânio (2007), desde o início do novo milênio, ventos carismáticos sopraram em todos os campos da vida, principalmente por meio dos novos movimentos religiosos proclamados mundialmente. Os tempos da pós-modernidade são transversais, coexistem sem conflitos e tendências opostas, que ora caminham paralelamente, ora se cruzam sem susto, por isso a razão e a tecnologia seguem influenciando todos os campos e a tendência carismática também os toca. “[...] nem a onda secularista impõe-se totalmente nem o surto carismático reverte totalmente o processo” (LIBÂNIO, 2007, p. 13).

De acordo com Mariz (2003), essa é uma tendência dos grupos religiosos com perfil Nova Era, e grupos pentecostais têm como base a experiência mística, a partir da qual desenvolveram organizações complexas a nível internacional. Como característica, esses grupos participam de redes que constituem novas organizações, chamadas inter-religiosas, que coordenam relações entre grupos e igrejas, podendo se agregar, por outro lado, organizações de cunho social que prestam serviços de saúde, de comunicação, educativos, artísticos, financeiros, comerciais, familiares, como também podem se tornar complexas quando se misturam às atividades relacionadas a centros terapêuticos, rádios, editoras, TV, pequenas indústrias, comércio etc.

Tais grupos, cuja base é uma experiência mística, têm desenvolvido complexas organizações de amplitude internacional. “Além disso, esses grupos participam muitas vezes de redes que se constituem em novas organizações inter-religiosas que coordenam a relação [...] entre distintos movimentos, grupos, igrejas.

[...] organizações propriamente religiosas podem se complexificar quando por vezes se misturam com instâncias organizativas de atividades relacionadas a outras esferas sociais, criando órgãos com fundamento religioso, mas sendo também centros terapêuticos (MARIZ, 2003, p. 170).

A fidelidade à experiência religiosa espontânea pode expandir a vida social. A rotinização implica institucionalização e burocratização, seja racional, tradicional ou ambas juntas. Segundo Weber, somente assim as experiências são transmitidas através das gerações. Explica a autora:

Ao enfatizar os aspectos anti-institucionais e não burocratizados da religião atual, esquece-se que a transmissão e reprodução de experiências coletivas apenas podem ocorrer porque existem organizações sociais. A vida social, por sua própria dinâmica, se organiza para poder sobreviver. Mesmo que a religiosidade contemporânea pareça ser para o fiel algo cada vez mais emocional, experiencial e espontâneo, o analista não pode negligenciar o fato de que graças a estruturas organizativas específicas, experiências desse tipo podem se manter e se expandir na vida social. [...] A rotinização implica a institucionalização e burocratização, seja essa racional ou tradicional ou mistura de ambas (Weber, 1991, p. 162). Somente assim experiências e mensagens se transmitem para além das "relações face a face e através das gerações (MARIZ, 2003, p. 169-170).

É o que Bach (2011) está dizendo quando afirma que, nas relações genuinamente carismáticas, os "motivos de submissão" específicos não podem ser encontrados em interesses de fins racionais, nem na ação habitual do cotidiano, mas em motivos específicos de valores racionais, como, por exemplo, na dedicação irracional ao exagerado valor próprio de ideais ético-morais, sociais ou políticos.

Segundo a autora, a organização ou burocracia podem à primeira vista parecer algo negativo, na verdade não são. Pois, para que a mensagem do carisma possa sobreviver, é preciso burocratizar. A seu ver, não é a burocracia que mata o carisma, esse morreria de um jeito ou de outro. A burocracia tenta ampliar através do tempo e do espaço os elementos inovadores trazidos pelo carisma. Do mesmo modo, Carranza (2000) identifica que, diante de sua burocratização, não é um problema específico dos novos movimentos religiosos, nem se pode dizer que a burocratização implica perda de carisma.

Mariz (2003) revela que poderá existir a necessidade em formar organização de grupo religioso, se comparado com outros grupos com o qual se depara esse tipo de organização para poder manter os fiéis engajados e perseverantes. Assim como

investigar a capacidade do grupo de lidar com os fracassos que impedem o crescimento do movimento.

A autora entende que existem formas de organização que auxiliam o trabalho missionário por ampliar a divulgação da mensagem. Há organizações que permitem criação de novos grupos e apoio ao novo adepto, oferecendo incentivo a continuar no grupo. Há organizações favorecendo a união do grupo e produção material. O que pode causar uma má gestão é ausência de uma estrutura organizacional e pode levar a conflitos internos e a divisão. Portanto, a autora conclui que a organização não depende apenas da expansão, mas da sua própria sobrevivência.

Dentro desse contexto, citamos a Igreja Católica, enquanto universo de nossa pesquisa, como exemplo de uma liderança unificada com a capacidade de controlar desvios e manter os grupos divergentes juntos. Segundo Mariz (2003), é relevante o papel da hierarquia, enquanto elemento da autoridade capaz de ir pacificando os erros durante a história que já dividiram a instituição. Entende-se que esta é uma comparação forte com relação às igrejas protestantes que sofrem impactos e acabam se dividindo.

Ao contrário do protestantismo, dentro do qual não existe uma estrutura organizativa que pacifique as divergências, dentro da Igreja Católica há espaço para uma subestrutura organizada que parece ser paralela, mas isso é uma forma de manter a pluralidade nas estruturas institucionais mais amplas.

1.3 Os carismas e os Dons no catolicismo

De acordo com Scherer (2013), as manifestações do espírito e o êxtase religioso acontecem através dos chamados dons e carismas, elementos que estão sempre presentes nas reuniões dos grupos carismáticos. Tais práticas são muito semelhantes às que ocorrem no pentecostalismo dos evangélicos. Essa ligação com o sobrenatural pode ocorrer através da oração, do canto, de movimentos corporais como as palmas e a dança, ou mesmo através de uma pregação.

Os carismas aparecem desde as origens do cristianismo. São Paulo enumera nove carismas: da palavra de sabedoria, do conhecimento da fé, da cura, do fazer milagres, da profecia, do discernimento dos espíritos, da diversidade de línguas, de interpretá-las. Os católicos dividem os dons em “ordinários e extraordinários”. Ordinários são os de natureza comum, por exemplo, o dom musical, e os

extraordinários são os nove indicados por São Paulo. Os carismas foram necessários na origem da igreja para sua difusão, mas que nos séculos IV já não eram mais julgados necessários.

A partir da Encíclica *Divinm Illud Munus* de Leão XIII, na virada para o século XX, Deus começa a preparar novamente o coração da humanidade para “‘uma nova brisa’ e uma ‘renovação’ começa a surgir que não seria uma ‘inovação’, mas uma realidade ‘adormecida’, pois todos os fiéis têm responsabilidade de evangelizar ‘carismaticamente’” (SCHERER, 2013, p. 78).

Para a autora, a oração é fundamento da espiritualidade dos sujeitos carismáticos católicos. Nos encontros dos Grupos de Oração, os sujeitos buscam complementar sua vida sacramental; os participantes para a vida do Espírito, em suas reuniões, promovem momentos de reflexão e adoração, silêncio, louvor e confissão. Além disso, há espaço para expressões de alegria e abraços, orações em “línguas estranhas”, silêncio para ouvir a voz do Espírito Santo, leitura e interpretação de um texto bíblico. O encerramento das reuniões se dá com testemunhos da atuação do Espírito Santo na vida dos participantes. Mas não há uma reflexão racional ou engajada nos problemas sociais, a ênfase dos movimentos carismáticos está na emoção e na relação íntima com Deus pela infusão do Espírito (SCHERER, 2013).

Segundo a referida autora, os sujeitos da renovada Igreja Católica podem ser considerados pessoalmente reorientados. Diferente do catolicismo tradicional, cuja ênfase se dá na dimensão coletiva da vivência da fé, estes valorizam a união individual e renovada com Deus através da ação do Espírito Santo. Por isso, ao contrário do que se observa em outras formas e dimensões de vivência da fé católica, as narrativas de libertação social estão ausentes no discurso carismático.

Nesse sentido, portanto, o sujeito carismático é alguém que, no âmbito do catolicismo, vive a sua religiosidade não apenas como uma forma de identidade social, mas a partir de uma total reorientação pessoal. A adesão religiosa se dá como uma escolha individual. O sujeito da RCC é, antes de tudo, alguém que busca uma religiosidade de caráter intimista, voltada para a vida privada e familiar. Um dos aspectos mais importantes da teologia carismática é a noção do “senhorio de Jesus Cristo”: Jesus é dono de tudo, cura e liberta. Contudo, a presença e a ação de Jesus se dão por meio do Espírito Santo.

Assim sendo, o objetivo desse sujeito é ser “dominado” pela ação do Espírito, transportando muitas vezes as instâncias decisórias de sua vida para um plano que

se coloca fora da racionalidade do consumismo hipermoderno e secular (SCHERE, 2013, p. 61). Os sujeitos católicos carismáticos, em certo sentido, parecem ir na contramão da sociedade mercantilizada, pois estão em busca de uma nova espiritualidade, importada do pentecostalismo protestante para dentro da tradicional religiosidade católica, que se esquecera dos carismas e da presença vital do Espírito Santo.

A estruturação dos carismas se dá nos Grupos de Oração, que dão sustentação moral e uma firmeza de conduta num mundo disperso e desorientado. Os sujeitos adquirem autonomia, na prática dos carismas, na liturgia, nos cantos, nas orações, a tal ponto de não se preocuparem com a “esfera pública”, ou seja, o poder hierárquico de que emanam as Orientações Pastorais:

Ao lado da liberdade ou libertação adquirida pelos sujeitos, no interior do Movimento, no qual agem como atores, acontece um reverso desta característica quando se pensa na inserção deles no social. A entrega completa ao Espírito os transforma em plenos “consumidores” dos bens espirituais, dos dons e das graças que os libertam das incertezas e dão sentido à vida mas os colocam num oásis de felicidade, até de plena felicidade, num mundo repleto de misérias e injustiças que clama por transformação (SCHERER, 2013, p. 80-81).

A autora conclui que um fato interessante é que, no movimento carismático católico, os carismas não levam àquela consequência prevista por Max Weber, relativa aos sujeitos carismáticos: a desagregação, a ruptura. Isso se dá porque os fiéis permanecem unidos ao corpo eclesial católico e submissos à hierarquia, aos dogmas e à moral da Igreja. Do seu ponto de vista, isso evita que se transformem em uma nova congregação cristã, a exemplo do que acontece com tantas outras denominações evangélicas.

Após a leitura dos textos referentes ao pensamento da autora citada acima, podemos dizer que os dons e os carismas, durante séculos, foram manipulados pelo clero e agora passam para a mão dos leigos. Mesmo que o carisma não tenha levado a uma desagregação por si só, este é um elemento que facilita na organização das ações na comunidade. Outro ponto é a despreocupação com as questões políticas sociais em busca dos direitos humanos, mesmo assim cresce a participação nos grupos ligados às instituições religiosas que os representam. Tais grupos estão totalmente inseridos na modernidade de acordo com a sociedade de consumo, produzindo, comercializando e consumindo inúmeros bens religiosos.

1.4 O “Dom de Línguas”: experiência fundamental

O dom de línguas, ou a glossolalia, é um fenômeno que encontramos em diversas tradições religiosas, em especial nas igrejas evangélicas pentecostais e no movimento de Renovação Carismática Católica. Segundo Oro (1996), a glossolalia é o eixo principal da Teologia Pentecostal, pois é concebida como uma manifestação explícita do batismo no Espírito Santo. Dentre as representações sociais construídas pelos cristãos pentecostais, existem duas categorias de batismo: aquele feito por homens por imersão, e o batismo nas águas, feito pelo próprio Jesus Cristo, o batismo de fogo ou no Espírito Santo (CAMPOS JÚNIOR, 1995; CORTEN, 1996).

De acordo com Rolim (1985), na oração coletiva e em línguas, os condicionantes sociais sobrepõem-se aos condicionantes religiosos. Nas Igrejas pentecostais cujos fiéis apresentam poder aquisitivo, os gestos e expressões são mais comedidos, "[...] se alteram na medida em que se altera a composição social dos integrantes dos cultos" (ROLIM, 1985, p. 197).

Portanto, é necessário compreender o dom das línguas ou glossolalia considerando a complexidade do fenômeno, que abarca, além da questão social, a ontológica e a cosmológica, para que o dom não seja deduzido a uma visão fragmentada. Para que isso não aconteça, é necessário compreendê-lo como parte do paradigma da dádiva, fenômeno pouco compreendido no pensamento social (RICCI, 2005).

Para o referido autor, é preciso estabelecer uma relação entre o dom e a visão de mundo e símbolos oferecidos pela cultura pentecostal. O reconhecimento de ser escolhido por eleição divina é uma importante condição, pois só é apto a receber o dom de línguas aquele que nasceu duas vezes na água e no fogo. A iniciação, então, lança o neófito em uma rede de conexões, significados e sentidos novos para a existência:

- a) o corpo torna-se receptáculo do sagrado, o templo do Espírito Santo;
- b) as dilacerações interiores recebem outro equacionamento na transcendência do biográfico;
- c) no contato com o outro, por meio do dom, reconhece-se a filiação divina, cumpre-se uma missão no mundo.

Dessa forma, o autor entende a glossolalia como um dos elementos de integração da identidade pessoal, social e mítica que conduz à compreensão das mediações simbólicas motivadoras dessa expressão do numinoso.

A reativação do dom de línguas se deu no começo do século XX com o movimento pentecostal e, na década de 1960, atingiu o catolicismo, gerando o movimento de Renovação Carismática Católica. A efusão do Espírito Santo e os dons que dele emanam são vistos pelos pentecostais como a promessa de Deus para os últimos dias. De acordo com Rolim, a figura mítica de Jesus caracterizava esse acontecimento, como cumprimento da promessa de um outro Consolador, o Espírito Santo, que vem para confortar e capacitar os discípulos para o serviço evangélico.

Vivemos em um mundo que parece estar em eterna desintegração, mundo paradoxal onde tudo nos é oferecido e tudo pode ser tirado de nós a qualquer momento, por isso estamos sempre buscando uma maneira de sobreviver. “Nesses momentos desenvolvemos estratégias para nossa própria sobrevivência física, psicológica/existencial e sociocultural” (BERMAN, 1992 apud RICCI, 2005).

De acordo com o pensamento de Giddens (1990), Ricci admite que o ambiente de contínua mudança pode romper com segurança ontológica², e com a rotina. As mudanças na rotina produzem uma cisão do eu biográfico e sociocultural, alterando aspectos da personalidade do indivíduo, assim como o pavor existencial. Somos colocados “diante da exigente busca de recondução de sentido, de inversão da situação por meio de um trabalho da sensibilidade, lugar em que a ‘subjetividade está mutuamente coimplicada’” (RICCI, 2005).

O sofrimento, interpretado sob diversas formas, seria uma pré-condição para a filiação religiosa. Quanto ao sentimento de proteção quando da conversão, essa dimensão da existência de proteção vem mais do que é sentido, vivido e experimentado como manifestação do Espírito do que propriamente da interpretação dos textos bíblicos.

A questão do novo nascimento é muito importante para a análise da glossolalia, pois só pode receber o dom de orar em línguas estranhas aquele que nasceu de novo, sua visão sobre o mundo muda, ele vence o sofrimento e o mundo ganha sentido de transcendência e o universo se releva.

² C.f. GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.

Uma vez nascido novamente, o campo dos arquétipos e símbolos presentes na tradição judaico-cristã — cruz, pomba, diabo, céu, inferno — tornam o mundo, as relações com o outro e seu estado anterior à conversão compreensíveis, ou seja, aquela situação de sofrimento e desamparo ganha sentido e propósito: o mundo ganha um sentido de transcendência. O cosmo passa a ter uma intencionalidade, rompe-se a barreira entre o fora e o dentro, o universo se revela. (RICCI, 2005).

Dessa forma, após a conversão, passam a existir dois lugares míticos para o crente: o cosmo pentecostal e o mundo. No primeiro, reina o Cristo e, no segundo, o diabo e seus demônios. A glossolalia é compreendida simbolicamente como manifestação explícita do batismo no Espírito Santo e, como uma iniciação, coloca em ordem um mundo perturbado pelo pecado. O dom reconquista uma potência perdida, queda do homem no jardim do Éden como uma metáfora da condição do homem no mundo, muda o destino do fiel e domestica a morte (RICCI, 2005) De acordo com o autor, através do dom das línguas, o fiel encontra sentido para a sociedade em que vive e propósito para as adversidades da vida, além de ter sua personalidade transformada. “O êxtase, nesse sentido, deixa de ser somente a dissolução do eu e passa também a ser um momento único de construção de alteridades, compreensão de si mesmo e do totalmente Outro” (RICCI, 2005).

Segundo Nogueira (2009), a natureza da glossolalia cristã primitiva é limitada e controversa. A principal fonte de informação sobre a profecia e glossolalia cristãs no primeiro século está em 1Coríntios (12,14), que define a natureza da profecia e da glossolalia para distingui-las das experiências religiosas pré-cristãs da congregação de Corinto. Ao que parece, é impossível também divorciar o fenômeno da glossolalia dos conceitos antropológicos do transe, do estado de consciência alterado e do contexto sociológico do êxtase.

Uma das formas de expressão da glossolalia é o balbuciar de palavras ou sons estranhos sem interconexão. O movimento pentecostal e carismático renovado colocaram a glossolalia na pauta de seus estudos recentes. De acordo com a autora mencionada, existe um conflito entre a posição de Paulo e a dos Coríntios no que se refere às manifestações extáticas. A seu ver, Paulo não antecipou tipos de profecia extática e sim o transe profético mais “controlado”. Para Paulo, aquele que profetiza está suficientemente consciente do que o rodeia e é capaz de controlar sua fala quando outro sinaliza ter recebido uma revelação imediata (1Cor 14,30).

Para Nogueira (2009), o apóstolo Paulo não está falando diretamente a respeito do que os coríntios concebiam como fala inspirada. Na verdade, ele está fazendo objeções às atitudes dos coríntios na assembleia, sobre a larga prática da glossolalia sem interpretação, que não contribuía para o crescimento da assembleia, sobre a prática na presença dos descrentes; sobre a prática da profecia sem o teste congregacional; e, principalmente, sobre o desejo individual de exercitar os dons proféticos por competição, na disputa de oportunidades. Atualmente, o que está em discussão é sobre tolerância, encorajamento, da glossolalia nos cultos cristãos a fim de prover alternativas que permitam expressar sentimentos mais profundos.

Percebe-se, a princípio, que o entendimento de Nogueira (2009) se opõe ao de Scherer (2013), ao tratar das intenções do discurso do apóstolo Paulo em 1 Coríntios (14,30). Entretanto, sobre as manifestações, existe uma concordância entre as restrições descritas por São Paulo, encontradas por Nogueira (2009) e as Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, emanadas pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 27 de novembro de 1994, descritas por Scherer (2013).

As Orientações Pastorais da CNBB manifestam preocupação quanto à identificação de carismas, dons extraordinários e dom de Línguas:

Haja muito discernimento na identificação de carismas e dons extraordinários. Diante das pessoas que teriam carismas especiais, o juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos pastores da Igreja". E continua: "No que se refere aos carismas, a R.C.C. se atenha rigorosamente às orientações do Bispo diocesano (Orientações Pastorais no 57). [...] Quanto ao dom das línguas, nota que é difícil discernir, na prática, entre "inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido". Por isso "não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete" (Orientações Pastorais, no 62). (SCHERER, 2013, p. 79)

Segundo Nogueira (2009), o dom das línguas nas comunidades pentecostais e carismáticas na contemporaneidade possui funções diferentes. Nas comunidades atuais, tem a função de trazer uma mensagem e aprofundar o relacionamento do cristão com Deus e sua capacidade de adorá-lo. Para os fiéis, a consciência de ser habitação do espírito de Cristo conduz a uma dedicação plena. Os primeiros pentecostais valorizavam o dom de línguas como uma contribuição para a congregação, entretanto, hoje a maioria dos pesquisadores sobre "línguas" tem focalizado as experiências individuais.

Para a autora, a prática do dom de línguas era difundida durante o culto, manifestava-se em ocasiões em que a congregação sentia a “presença” de Deus. Era entendida como uma resposta corporativa feita de cantos harmônicos em línguas. Nesses momentos, as línguas não eram interpretadas, mas compreendidas como uma livre doxologia inspirada.

Segundo Max Turner, não existe precedente direto para isto no Novo Testamento, embora se encontrem algumas orações carismáticas invasivas no Antigo Testamento e no Judaísmo. Existe uma crítica à manifestação desse fenômeno por julgá-la uma violação às instruções de Paulo em 1Cor 14,27.28. As pessoas, nas assembleias cúlticas, podem sentir um forte impulso para dirigir um período em línguas a Deus e à congregação, compreendido como uma compulsão divina, e a fala resultante desta experiência seria interpretada, de acordo com 1Cor 14,13.27.28. Línguas seguidas de interpretação funcionam como profecia na congregação. (NOGUEIRA, 2009).

De acordo com a autora, a tradição da glossolalia cristã, embora apresente alguns elementos helenísticos, é substancialmente diferente. Ela é vista como revelação e oração tanto por pentecostais evangélicos quanto por cristãos católicos, não como invocação. É um ritual comunicativo, espontâneo, articulado e pode ser interpretado por pessoas que tenham esse dom!

Em relação à passagem 1Cor. 14,27-28, utilizada como base para a explicação do falar em línguas de pentecostais e carismáticos, a autora entende que Paulo analisa não a glossolalia em si, mas o uso que a comunidade de Corinto faz deste dom. Segundo Nogueira (2009), para Paulo, a glossolalia é simplesmente uma entre as várias manifestações do Espírito, ou seja, nem a mais elevada, nem a mais baixa em valor do que os outros dons. Além disso, todos os dons tinham a mesma função, edificar a assembleia como um todo. Portanto, o falar em línguas no culto só teria sentido se pudesse ser interpretado.

De acordo com a autora, para Paulo, na assembleia cúltica, a glossolalia interpretada estava à altura da profecia, como manifestação de Deus confortando e instruindo seu povo. Línguas interpretadas eram sinal de salvação, testemunho da presença imediata de Deus *na* e *para* a comunidade. Entretanto, o apóstolo admitia a glossolalia como um dom de uso privado na oração carismática. Uma oração inspirada e usada como meio de expressar os anseios que uma pessoa não consegue manifestar em suas próprias palavras.

Nogueira (2009) conclui que falar em línguas na atualidade funciona como uma forma doxológica, cristocêntrica. Muitas vezes, a glossolalia é usada para a minimização da ansiedade, outras vezes a edificação da congregação, mas, sem dúvida, sempre como dom espiritual. E ressalta que, ainda que Paulo estivesse falando em 1Cor (14:27) sobre uma manifestação diferente, não parece haver espaço para um dogmatismo que descarte qualquer possibilidade de a glossolalia de hoje ser o mesmo fenômeno que Paulo conhecia.

Para o Portal Renovação Carismática Católica – RCCBRASIL–, o dom de línguas é um fenômeno bastante normal para as pessoas envolvidas na Renovação Carismática. Em um primeiro momento, as pessoas que têm contato com este tipo de oração pela primeira vez podem sentir-se desapontadas, pois a glossolalia vai parecer estranha para elas. Logo, adverte que São Paulo, em I Coríntios 14, 23, advertirá os Coríntios que isto poderia acontecer.

Segundo o RCC Brasil, esta advertência vem a partir da experiência dos próprios apóstolos, que, ao falar em línguas no dia de Pentecostes, foram objetos de gozação. “Outros, porém, escarnecendo, diziam: ‘Estão todos embriagados de vinho doce’” (Atos 2, 13).

Aqueles que falam em línguas podem ser acusados de serem fanáticos ou mentalmente desequilibrados. Tal acusação pode atingir todas as pessoas que estejam profundamente envolvidas em oração, o que é notável a partir da imaginação convencional de oração. E o exemplo do Rei Davi prova isto. A filha de Saul, que o olhava pela janela, viu que o Rei saltava e dançava em frente à Arca da Aliança, e desprezou-o em seu coração (I Crônicas 15, 29). (RCCBRASIL, 2009).

Para os autores do Portal RCC Brasil, é necessário ressaltar que o falar em línguas foi prometido por Jesus antes de Sua Ascensão, portanto, não há nada estranho em usar este carisma. O problema surge entre as pessoas que não conhecem o ensinamento bíblico sobre este dom. Os autores insistem em que há três tipos de oração em línguas mencionados na Bíblia, a saber:

- a) A profecia em línguas acontece quando uma pessoa fala em um idioma desconhecido e o resto dos participantes permanece em silêncio. Tal profecia dá frutos se outra pessoa tem o dom de interpretação e explica o que foi dito.
- b) Após receber o Espírito Santo, os Apóstolos estavam falando em línguas que não conheciam antes e estas línguas eram compreensíveis para os Judeus

de diferentes nações que vieram para Jerusalém para a festa (ver Atos 2, 4-13). Estas pessoas ficaram admiradas em ouvir sobre os “prodígios de Deus” em suas próprias línguas. Portanto, este tipo de dom de línguas é um sinal para aqueles que não acreditam.

- c) Adoração espontânea do Senhor após receber o Espírito Santo (Atos 10, 44-46; 19, 1-7). Durante esta oração, muitas pessoas falam em línguas ou cantam em línguas simultaneamente e este é o verdadeiro dom da glossolalia.

O dom de Línguas é hoje em dia comum em grupos de oração carismáticos, seu uso mais frequente é quando o grupo está adorando a Deus. Os autores acreditam que a glorificação zelosa a Deus foi renovada na Igreja pela Renovação Carismática e é uma contribuição muito importante, um jorrar de graças na Igreja contemporânea. Adorar a Deus concentra as pessoas na pessoa do Senhor e as abre para os próximos carismas que podem aparecer durante o Grupo de Oração. O dom de línguas une as pessoas ao Espírito Santo e é uma maneira de Deus se comunicar com seu povo (RCCBRASL,2009).

Resumindo, o dom de línguas é uma forma sobrenatural de comunicação com Deus através do Espírito Santo, que é o doador deste carisma. A glossolalia edifica a oração quando as pessoas congregam no mesmo lugar para encontrar-se com Deus. Usada quando se está glorificando o Senhor, abre para outros carismas e une as pessoas no mesmo Espírito. Mas também edifica pessoas isoladamente, porque este dom pode ser usado durante nossas orações pessoais. “Aquele que fala em línguas, edifica-se a si mesmo; mas o que profetiza, edifica a assembleia” (I Coríntios 14, 4) (RCCBRASIL, 2009).

Diferente dos antropólogos e dos sociólogos da religião, estes religiosos entendem que o dom de línguas e o dom de profecias não controlam a pessoa, mas é a pessoa que os controla e pode fazer uso deles quando bem entender, por isso, o dom de línguas não deve ser considerado como um tipo de êxtase.

Entende-se assim, com Scherer (2013), que as manifestações do espírito e o êxtase religioso acontecem através dos chamados dons e carismas. Tal efervescência pessoal ou coletiva, carismática ou pentecostal, assenta-se no episódio fundante da narrativa memorialista bíblica do Pentecostes e pode ser considerada como um emocionalismo comunitário de acordo com o pensamento de Herviéu-Lèger.

Esse emocionalismo comunitário é um agregado de indivíduos que, reunidos em cima de excitação coletiva, de canto, dança, glossolalia, engajamento corporal e

rejeição à formalização doutrinal/teológica, mas que, apoiados na memória religiosa do tempo, primeiro se apropriam da narrativa ancestral, aproximando-a das necessidades e carências do cotidiano do indivíduo moderno.

Em ambos os segmentos, a ligação com o sobrenatural pode ocorrer através da oração, do canto, de movimentos corporais, palmas, dança ou mesmo através de uma pregação. Outras similitudes entre pentecostais e carismáticos se dão pela ênfase na dimensão coletiva da vivência da fé, estes constituem pela união individual e renovada com Deus através da ação do Espírito Santo. A estruturação dos carismas nos Grupos de Oração da R.C.C dá sustentação moral e uma firmeza de conduta num mundo disperso e desorientado. Os carismas e o dom de línguas, neste contexto, são, sem dúvida, manifestações do espírito na vida dos fiéis, uma oportunidade de estreitar os laços na relação entre eles e Deus. O uso desses dons de forma individual ou coletiva, ou seja, para sua ou para a edificação da congregação, vem acrescido do que interessa para o fiel sobre a possibilidade de estar em contato com a divindade, seu sentido consolador e o falar de Deus com o povo, a partir do novo nascimento.

Tais experiências carregam consigo um sentido agregador da comunidade, imbuindo o fiel do sentido de servir a Deus com alegria, de estar disposto a ser instrumento de transformação, primeiro de si mesmo, pois o mundo e a realidade passam a se revelar de dentro.

Em síntese, nessa concepção, os carismas e o dom de línguas são recursos concedidos por Deus para fortalecer e edificar a Igreja espiritualmente. São resultados da graça divina para edificar a si mesmo, a comunidade e os não crentes, podendo ser considerados instrumentos da igreja utilizados pelos fiéis para cumprir sua missão na terra. Quem possui os carismas e o dom de línguas é chamado a servir. Vale ressaltar que, para os católicos, o dom e os carismas são recebidos através do batismo e da crisma. A pessoa recebe o Espírito Santo em sua vida e traz consigo todos os dons. Entretanto, para que se manifestem, o indivíduo precisa buscar maior intimidade com Deus. Todos os batizados no Espírito Santo possuem todos os dons, porém manifestam determinado dom com maior frequência. Dentro de uma visão sociológica ligada ao pensamento de Max Weber, o carisma é um modificador da sociedade, pois aparece em épocas de crise para romper com velhas estruturas e trazer o novo, sendo um organizador.

2 O SURGIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

Segundo João Décio Passos, o paradigma Pentecostal configurou-se em pouco mais de um século, e passou a ser entendido como um novo modo de ser cristão. Um modo de ser cristão diferenciado que soma as posturas antimodernas em um mesmo sistema religioso. Isso é posto na medida em que retoma posturas mágicas e fundamentalistas, porém responde à lógica do sujeito moderno como o centro da experiência religiosa e consumidor de bens simbólicos (PASSOS, 2005, p. 20).

De acordo com o autor, a origem das igrejas pentecostais vem dessa narrativa da vinda do Cristo Vivo sobre os Apóstolos através do Espírito Santo, tornando um grupo. Portanto, as origens do pentecostalismo, como o próprio nome indica, estão nas narrativas de Pentecostes, conforme o capítulo 2 de Atos dos Apóstolos. A Renovação Carismática Católica é apontada, por parte dos seus seguidores e por outros analistas, como uma estratégia de fortalecimento da identidade católica frente ao avanço do pentecostalismo protestante (CARRANZA, 2009; GABRIEL, 2010; MARIZ; MACHADO, 1994; PRANDI, 1997).

De acordo com Oro (2013), as análises desses teóricos discorrem sobre as diferenças e as oposições existentes entre o movimento evangélico e o católico, ou seja, a formação de fronteiras. O autor enfatiza que, nos últimos anos, a RCC vem cumprindo outro papel, estabelecer um espaço privilegiado de aproximação entre católicos e evangélicos pentecostais, no intuito de superar as fronteiras construídas entre si. “Trata-se de um movimento que possui vertentes e iniciativas em ambos os segmentos religiosos, privilegiando especialmente as confluências e as convergências já existentes” (ORO, 2013).

Pentecostalismo protestante e Renovação Carismática Católica são ambos movimentos de reavivamento espiritual que surgiram nos Estados Unidos. Se o pentecostalismo surgiu em Los Angeles, em 1906, como vimos no primeiro capítulo, a RCC surgiu na Universidade de Duquesne, em Pittsburgh, em 1967.

Segundo Carranza (2009) e Oro (2013), na América Latina, a RCC se implantou obedecendo três fases:

- a) fase fundacional, com a estruturação do movimento, nos anos de 1960 e 1970;
- b) fase social e cultural, nos anos de 1980 e 1990, em que ocorre a consolidação de um estilo de evangelização a partir da música, do lazer e da oração, como um processo de rotinização do carisma;

c) fase midiática, a partir dos anos 2000, em que a RCC se viabiliza por intermédio dos meios de comunicação (CARRANZA, 2009 apud ORO, 2013).

Na visão de Oro (1996), a RCC nasceu como um movimento capaz de barrar os avanços do pentecostalismo e manter os fiéis no catolicismo. A RCC possuía um duplo objetivo, interno e externo: internamente, enfrentar o crescimento dos setores mais progressistas (como a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base) e, externamente, frear a expansão do pentecostalismo.

De acordo com Mansfield (2016), a Renovação Carismática surgiu para testemunhar em resposta a oração feita no início do Concílio Vaticano II, na qual se diz que a obra do Espírito santifica o povo de Deus como novo sopro do Espírito, ou seja, um novo Pentecostes na Igreja. Em sintonia com essa oração, os fiéis começaram a se reunir em grupos para uma experiência profunda em Deus, à luz do livro de Atos nos seus primeiros capítulos.

Em 1967, um grupo de jovens estudantes da Universidade de Duquesne, em Pittsburgh, aplicou-se a reler e a meditar sobre o livro dos Atos dos Apóstolos, bem como sobre a obra *A Cruz e o Punhal* antes das orações, pedindo a efusão do Espírito Santo. “Lá tiveram uma experiência tão forte da Graça divina, que tal acontecimento se tornou conhecido como o marco inicial da renovação Carismática na Igreja Católica” “Eu não tenho que acreditar no Pentecostes Eu o Vi” (MANSFIELD, 2016, p. 49).

Patty Mansfield, uma dessas participantes, passou a ser considerada como a mãe espiritual do movimento. Após identificar a experiência vivida como obra do Espírito Santo, passou a liderar o movimento e divulgá-lo por todo o mundo.

No início de janeiro de 1967, alguns jovens na Universidade Católica de Duquesne, nos Estados Unidos, reuniram-se para planejar um retiro. O objetivo do evento era adorar, ouvir e se aprofundar em Deus, e como se tornar cristão. Na equipe, havia dois professores membros do corpo docente da universidade de Duquesne, que também eram conselheiros do grupo de jovens na universidade ligados à “sociedade de Chi Rho Society”, um grupo de jovens que atuavam nas obras sociais da cidade americana (MANSFIELD, 2016, p. 82 e 145).

Durante o retiro, cerca de 20 estudantes tiveram a experiência de, como em um cenáculo, receber o Espírito Santo. “Nós vimos o Senhor”, assim disseram. Havia aproximadamente 25 alunos e dois professores no retiro, mas nem todos receberam o batismo no Espírito, nem falaram em línguas. Uns assistiam, outros saíram do retiro

porque achavam que estavam loucos, como no caso de uma jovem que saiu a andar na rua sem destino (MANSFIELD, 2016).

O início do evento foi na sexta feira, mas tiveram uma interrupção no sábado à noite por falta de água no prédio. Os participantes ficaram maravilhados após a oração e reflexão sobre a água, e, ao abrirem a torneira, foram surpreendidos pelo jato forte de água das torneiras. Prosseguiram com o retiro e todos foram para a capela. De forma inexplicável, um a um dos jovens foram atraídos para a capela, onde permaneceram até altas horas da madrugada. Foi nesse lugar onde muitos foram batizados pelo Espírito, fato que foi chamado no Novo Testamento de Batismo no Espírito Santo. O fenômeno aconteceu para várias jovens, de formas distintas. Segundo os testemunhos, deu-se por uma profunda consciência de que Deus era real e os amava.

De acordo com Silva (2001), a Renovação Carismática emergiu no seio dessa universidade norte-americana e se expandiu para outros continentes. Visa uma proposta de volta para os cultos, conversão pessoal e não para as questões sociais, econômicas e políticas relacionadas ao cotidiano.

Para a autora, as atitudes dos participantes do retiro de Duquesne, em 1967, demonstraram a importância da ação de meditação transcendental para renovar e incentivar a espiritualidade, sob carismas. Além disso, os participantes do evento, que tinha como objetivo a reconversão aos dogmas e a apresentação dos sacramentos cristãos, viram sobressair a experiência de fé.

Mas, dentro de uma visão sociológica, as origens da Renovação Carismática Católica, como bem apontam Brenda Carranza (2009) e Scherer (2013), devem estar inseridas num contexto histórico mais amplo, que remonta a um abrangente movimento de pentecostalização.

2.1 Um *aggiornamento* católico

A Igreja Católica é uma instituição com bases sólidas na sociedade ocidental. Sua atuação tem grande influência nos acontecimentos históricos e ela vem sobrevivendo às mudanças sociais. Entretanto, a Igreja não passou ilesa pelos processos de mudanças históricas; teve de se adaptar frente à modernidade, que desencadeou uma constante perda de fiéis em suas linhas. O declínio do catolicismo é um fato que preocupa o Vaticano, sob pena do esvaziamento da Igreja.

Então, pode-se dizer que foi através da necessidade de modernizar que surge o Concílio Vaticano II. Este pode ser considerado o maior acontecimento da Igreja Católica no século XX. Seu intuito foi discutir novas estruturas, arquitetar novas formas de ação da Igreja que correspondessem às necessidades exigidas pela modernidade.

Como resultado das reflexões, orações e trabalhos dos três anos de Concílio, temos um compêndio de documentos. Eles são classificados de acordo com sua importância como Constituições, Declarações e Decretos, descritos a seguir a partir dos arquivos históricos do Concílio do site do Vaticano.

As Constituições Apostólicas tratam de assuntos fundamentais referentes à fé. Elas podem ser Constituições Dogmáticas ou Constituições Disciplinares (Pastorais e Conciliares). O Concílio Vaticano II produziu duas Constituições Dogmáticas: a *Dei Verbum* (Sobre a Revelação Divina) e a *Lumen Gentium* (Sobre a Igreja). Também presenteou com duas Constituições Pastorais Conciliares: a *Sacrosanctum Concilium* (Sobre a Sagrada Liturgia da Igreja) e a *Gaudium et Spes* (Sobre a Igreja no Mundo atual).

Os Decretos foram produzidos como declarações que determinam o cumprimento de decisões de uma autoridade. São Decretos Conciliares porque foram produzidos pelo Concílio e receberam a assinatura do Papa. São nove os Decretos do Vaticano II: *Ad Gentes* (Sobre a Atividade Missionária da Igreja), *Presbyterorum Ordinis* (Sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes), *Apostolicam Actuositatem* (Sobre o Apostolado dos Leigos), *Optatam Totius* (Sobre a Formação Sacerdotal), *Perfectae Caritatis* (Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa), *Christus Dominus* (Sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja), *Unitatis Redintegratio* (Sobre o Ecumenismo), *Orientalium Ecclesiarum* (Sobre as Igrejas Orientais Católicas) e *Inter Mirifica* (Sobre os Meios de Comunicação Social).

De acordo com Carranza (2000), um dos efeitos desse movimento de *aggiornamento* foram os diferentes agrupamentos e associações de leigos na Igreja. Esses movimentos eram constituídos a partir de traços comuns entre seus membros, tais como visão de mundo e estilo de vida, os membros se agregavam segundo a classe social.

Para Ribeiro (2011), na história da Igreja Católica, sempre existiram movimentos externos e internos. A princípio, a Igreja Católica costuma reagir negativamente a movimentos que ameaçam sua força ou a figura do Papa. Embora a Igreja Católica tenha reinado soberana por séculos, principalmente no mundo

ocidental, ao longo do tempo passou a perder força, pelos avanços das transformações sociais. Com o advento da modernidade, a Igreja Católica se viu impelida, quase que obrigada, a realizar transformações internas para não ficar às margens da história contemporânea, e principalmente para tentar manter os fiéis em suas fileiras.

Sua influência se fez sentir no mundo inteiro, principalmente no ocidente, por quase dois milênios até perder sua hegemonia com o advento da secularização, quando então se viu relegada à esfera privada. Somado a isso, a mesma se viu cada vez mais impelida a promover um “aggiornamento” interno para não ficar à margem das grandes transformações que estavam ocorrendo no mundo moderno. (RIBEIRO, 2011).

De acordo com o autor, a realização do Concílio Vaticano II foi uma tentativa da Igreja Católica de se contextualizar no mundo, após uma longa fase de conservadorismo. O Concílio promoveu diversas mudanças na liturgia e na abertura ecumênica, além disso, passou a valorizar a participação do leigo na igreja. Ele proporcionou condições para o surgimento de importantes movimentos no interior da Igreja Católica, marcados por variados tipos de orientação teologia, ética e política. Dentre esses movimentos impulsionados pelo Concílio Vaticano II, está a RCC.

Para Ribeiro (2011), o que difere a RCC de outros movimentos nascidos no meio católico, como as CEBs – caracterizadas por ações sociais, politizadas, ou seja, possui um cunho de ação social, pautado numa leitura crítica da Bíblia –, é a ação de forma vertical. Seu foco está no desenvolvimento de uma espiritualidade de matiz íntima, individualista, com leituras fundamentalistas da Bíblia e sem críticas. Essas leituras visam gerar no praticante uma moral acentuada, o controle do corpo, da sexualidade, sendo pautada também na tradição familiar:

Desde seu surgimento, a RCC sempre causou polêmica: de um lado porque fica bastante evidente sua semelhança com o pentecostalismo, tendo como diferencial apenas o fato da crença em Maria, da obediência à doutrina e dogmas da Igreja Católica, bem como ao papa (e isso lhe dá sua identidade pentecostal católica). Trata-se de um “movimento religioso que põe em evidência, expõe, as diferentes e contrárias posições ideológicas, doutrinárias e pastorais existentes no episcopado brasileiro” (ORO, 1996, p. 113 apud RIBEIRO, 2011).

De acordo com o autor, a RCC é vista principalmente pela ala progressista da Igreja Teologia da Libertação (T.L) como sendo um movimento descompromissado

com a transformação da sociedade e desengajado com as várias pastorais. O autor ressalta que, além dessa postura, as críticas advêm dos excessos e abusos nas práticas religiosas. Entretanto, os tradicionais, ou a ala moderada da Igreja Católica, ou melhor, dos conservadores, tendem a considerá-la como uma graça, um fermento renovador, que se traduz em maior espiritualidade, renovando os vínculos dos fiéis com a igreja. Porém, estes conservadores, mesmo apoiando o movimento, não são de acordo com todas as práticas rituais carismáticas.

De acordo com Silva (2001), quanto ao crescimento do movimento, este se deve em grande proporção ao apoio obtido do clero, ou seja, o envolvimento de padres e freiras que acreditaram e empenharam-se em missões religiosas para divulgar ao mundo essa nova forma de religiosidade dentro da Igreja Católica. Diz a autora:

Os precursores da RCC contaram com o apoio dos padres jesuítas, que conheceram e se identificaram com as comunidades carismáticas nos Estados Unidos e acreditaram ter recebido a efusão do Espírito. [...] os sacerdotes empenharam-se em missões religiosas com o objetivo de transplantar esses cultos para outras nações, o que de fato ocorreu com rapidez tanto na América Latina quanto na Europa (SILVA, 2001, p. 35).

De acordo com Sofiati (2009), o catolicismo, de um modo geral, vive um processo de aprofundamento de uma prática muito preocupada com as disputas de fiéis no campo religioso em detrimento de um modelo de evangelização preocupado com a situação social do indivíduo ligado a um passado bem próximo. Para o autor, na atualidade, predomina no interior do catolicismo brasileiro a prática eclesial dos setores reformistas e, principalmente, conservadores, como a RCC. Tais transformações no interior do catolicismo vêm causando o encolhimento dos setores radicais com os quais ainda se identificam alguns setores do Cristianismo da Libertação, como no caso das CEBs.

Segundo Sofiati (2011), que investiga as relações entre juventude e religiosidade em suas nuances, é de grande relevância o fato de que a RCC seja fruto de um movimento internacional que teve início exatamente nos EUA, no ambiente universitário e secular mais elevado. Essa experiência levou esses jovens a uma nova relação com a religião, em que se estabelece a centralidade da ação do Espírito Santo (SOFIATI, 2011, p. 125).

O fenômeno que aconteceu entre estudantes de graduação, pós-graduação e professores de uma grande universidade católica urbana foi intrigante. Essas pessoas

puderam experimentar a presença de Deus de forma soberana, não eram pessoas acostumadas a expressar a fé de forma emocional, como qualquer outro grupo. No grupo Chi Rho Society, uns viviam uma vida de oração intensa enquanto outros partiam para viver suas próprias aventuras confiando no Senhor, passando a trabalhar com moradores de rua.

De acordo com o autor, a crença desses jovens nos dons espirituais, fundamentada em relatos bíblicos, constituiu-se de vital importância dentro do culto carismático. Rapidamente, essa forma de culto se difundiu e conquistou espaço entre católicos norte-americanos e de outros continentes.

A questão levantada por Sofiati (2011) refere-se ao futuro do catolicismo, pois a grande massa do movimento é formada por jovens. Dentro desse contexto, é possível esperar para o futuro muita religião e pouca ação no nível do enfrentamento e luta por justiça e direitos sociais. Com relação aos jovens do movimento carismático, podemos esperar futuramente uma sociedade dominada por uma religião cristã que busca o individualismo e não um olhar para a sociedade como um todo.

2.1.1 Renovação Carismática se expande

A RCC nasce em um contexto internacional sócio, cultural e político em que se destacam a transnacionalização do capital, o anticomunismo (Guerra Fria), o endividamento do Terceiro Mundo, as grandes movimentações políticas e sociais nos Estados Unidos (Guerra do Vietnã), a contracultura (na Europa), a primavera de Praga (Antiga Tchecoslováquia) e a Revolução Cultural (na China) (CARRANZA, 2000, p. 21).

De acordo com a autora, no final da década de 1970, no campo religioso, pairava a nebulosa dos “*born again*”, que em comum tinham passado pela experiência do segundo nascimento no Espírito Santo. O *born again* pode ser dividido em três grupos:

1. Integrado pelos membros do protestantismo clássico, provenientes de uma origem sociocultural simples, com poucos recursos financeiros e rigidez de costumes.
2. Composto por carismáticos que enfatizavam os dons, os carismas e o batismo no Espírito Santo, provenientes em sua maioria da classe média americana.

3. Surgido nos anos de 1980, foram chamados de a terceira vaga, mescla elementos do primeiro e do segundo grupo, enfatizando o arrependimento para converter cidades inteiras e o ardor missionário. No caso dos pentecostais católicos (carismáticos), podem-se acrescentar as mensagens e revelações da Virgem de Medjugorje (CARRANZA, 2000, p. 21).

É consenso entre autores como Carranza (2000), Silva (2001), Camurça (2009), Scherer (2013) e Mansfield (2016) que a renovação Carismática Católica nasceu oficialmente nos Estados Unidos. Seu ponto de partida teria sido o retiro espiritual realizado na Universidade de Duquesne, Pittsburgh, na Pensilvânia, já descrito.

De acordo com Prandi, Campos e Pretti (1996) e Scherer (2013), a experiência vivenciada pelos estudantes de Duquesne teria realizado uma transformação espiritual profunda em suas vidas. O grupo, apesar de informal no início, logo se transformou numa comunidade e foi se estruturando e se expandindo.

Tal expansão se deu a princípio graças ao trabalho paralelamente executado por seus membros, que dividiam seu tempo entre a oração e serviços de visitas a prisões, hospitais etc. “A partir daí, lançavam-se as bases para um movimento pentecostal dentro da própria Igreja Católica: a Renovação Carismática Católica” (SCHERER, 2013, p. 43).

De acordo com Silva (2001), para entender o significado do surgimento e fortalecimento da RCC, é importante analisar o catolicismo nos Estados Unidos. Para a autora, desde o século XIX, o catolicismo norte-americano era voltado à Igreja Internacional, ou para o conjunto de igrejas estrangeiras. Por ter sido implantado por imigrantes católicos onde sempre foram minorias frente ao número de protestantes e judeus, sobreviveu cercado de antagonismos, lutando para implantar sua estrutura dogmática de fé.

Dentro desse contexto, segundo o pensamento de Herberg, a religião católica nos Estados Unidos provavelmente manteve alguns princípios do cristianismo, dentre eles os valores carismáticos, que deram o tom para cultos mais fervorosos, que serviram de base para as práticas religiosas dos carismáticos.

De acordo com a autora, foram esses fatores e as transformações econômicas e sociais que levaram os indivíduos católicos a buscar as manifestações emocionais.

Segundo Koller (2017), o movimento Carismático Católico se espalhou rapidamente entre os estudantes de três universidades: Duquesne, Notre-Dame e Michigan. Além disso, há relatos de que ocorreram experiências semelhantes, sem que inicialmente houvesse acontecido um contato entre os grupos em outras partes dos Estados Unidos, como na Flórida, no Texas, na Califórnia, em Wisconsin e em Massachusetts.

Em 1968, ocorreu o primeiro congresso nacional carismático católico no país, com cem participantes. Em 1972, já eram 12 mil, e em 1973 aconteceram dois congressos internacionais, um em South Bend, com 25 mil pessoas, e outro em Roma, com 120 líderes de 34 países. A RCC se expandiu para a Inglaterra e Austrália em 1970, chegou à França, à Coreia do Sul e à Nova Zelândia em 1971, à Bélgica, à Índia e à Alemanha em 1972 e à Itália e Espanha em 1973 (KOLLER, 2017).

Segundo o autor, até o fim da década de 1970, a RCC já havia chegado a 110 países e contava com mais de três milhões de pessoas participando semanalmente de seus grupos de oração. Segundo dados de 2000, 11,3% dos católicos já haviam participado de grupos carismáticos – um número enorme, que supera de longe qualquer um dos novos movimentos eclesiais.

Benelli e Silva (2016) e Valle (2004) apresentam uma tese interessante para a chegada da RCC ao Brasil. De modo geral, assim como a sociedade brasileira, reservando suas singularidades, pauta-se e é atravessada pelo *american way of life*, em diversos setores da sociedade, como na moda e tecnologia, o modo de viver a religiosidade também não escapa da hegemonia estadunidense, principalmente no que diz respeito ao segmento pentecostal:

O modo com que o cristianismo se instala e se modifica lá, de alguma maneira ou de outra, chega no Brasil. Valle (2004) afirma que essa invasão é mais clara no cristianismo pentecostal (do qual a RCC faz parte), do que nas demais igrejas cristãs históricas. (BENELLI; SILVA, 2016).

De acordo com os autores, o catolicismo norte-americano estava em crise devido ao influxo do Vaticano II. Entretanto, a RCC, enquanto movimento pentecostal católico, foi também influenciada por uma tradição protestante norte-americana, como recebeu influência de movimentos leigos como os “Cursilhos de Cristandade”, por onde passaram alguns de seus fundadores.

A influência dos Cursilhos de Cristandade pode ser percebida até hoje através de seu modo de funcionamento. Os alunos da Universidade de Duquesne (USA)

participavam de um retiro com estudos e oração intensa, durante um final de semana, utilizando “técnicas fortes que mexeram com o emocional do grupo e desestabilizaram os arranjos psicorreligiosos do cotidiano das pessoas” (BENELLI; SILVA, 2016). Nasceu assim a RCC, o movimento religioso católico escolhido para seguirem o caminho tradicional da igreja.

A esse respeito, Silva (2001), apoiada nos estudos do sociólogo Ricard Pattee (1954), afirma que o modelo de contemplação religiosa realizada em retiros espirituais nos Estados Unidos é baseado nas práticas de exercícios religiosos trazidas pelos jesuítas. Lá os jesuítas desenvolveram atividades de meditação transcendental apropriadas para retiros e, por isso, adquiriram grande dimensão religiosa em todo o país.

Entre os ideais dos fundadores do movimento pentecostal católico, figurava a proposta de retorno ao modelo religioso da Igreja primitiva. Eles defendiam cultos que atingissem a expressão máxima dentro da Igreja Católica, com o intuito de instituir o reavivamento da fé. Estas foram algumas das características dos primeiros protestantes norte-americanos que se tornaram pentecostais (SILVA, 2001, p. 34).

Em síntese, os praticantes do catolicismo pentecostal entendiam que a Igreja Católica deveria retornar às origens primitivas através desse novo catolicismo que, para eles, significava a existência, a reflexão e engajamento do clero nos projetos internos e externos da Igreja.

A RCC forneceu subsídios para a compreensão de sua estrutura dentro da igreja que se assemelhavam ao processo de vitalização cristã através das Congregações e do fortalecimento das ordens religiosas no final do século XX (SILVA, 2001).

De acordo com a autora, a RCC, enquanto nova vertente católica, apresentou-se como uma opção para os anseios de renovação eclesiástica católica. Nesse processo, os precursores da RCC contaram com o apoio dos padres jesuítas que se identificaram com as comunidades carismáticas nos Estados Unidos. Após visitas, os sacerdotes se empenharam em missões religiosas, com o objetivo de difundir o culto para outras nações.

Os fundadores empenharam-se na legitimação de um catolicismo que recuperasse o avivamento da fé frente à multiplicidade de religiões que surgiam no início do século XX e representavam uma ameaça aos cultos tradicionais católicos.

[...] os protagonistas carismáticos fundaram uma primeira comunidade em Arnn Arbor, em Michigan, que se tornou um polo de difusão dessas orações, que de imediato contribuiu para o fortalecimento da RCC em outros continentes. (SILVA, 2001, p. 36).

A RCC nos Estados Unidos logo contou com o apoio do episcopado. A Conferência Nacional dos Bispos dos Estados Unidos publicou um documento que admitia sua legitimidade teológica enquanto religiosidade pertencente ao catolicismo. A fase de expansão e estruturação da RCC durou praticamente vinte anos entre várias cidades dos Estados Unidos, Europa e América Latina. No Pós-Concílio Vaticano II, os frutos dessa modernização foram o engajamento dos leigos na caminhada de transformação do mundo católico, atuando no sagrado e no social, o que propiciou terreno fértil para os movimentos católicos latino-americanos (SILVA, 2001, p. 37).

Concorda-se com Ribeiro (2011) quando afirma que esse movimento foi se consolidando como a maior esperança católica, transformando-se em uma nova maneira de ser igreja e de ser cristão. Embora até hoje perdurem rejeições por parte de fiéis tradicionais e de autoridades eclesásticas, a RCC nasceu fora das reflexões teológicas do catolicismo. Mesmo assim, não é um movimento sectário: ela é Igreja e ganha força e respeito cada vez mais pela crescente adesão de leigos, padres e bispos, que lhe dão legitimidade.

2.2 Como surgiu a Renovação Carismática no Brasil

Em conformidade com o que expõem Freston (1993), Carranza (2009) e Oro (2013), a chegada e o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil podem ser compreendidos a partir da história de três ondas de implantação de igrejas.

- Primeira onda: remonta à década de 1910, é composta pela Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911).
- Segunda onda: período histórico que compreende desde os anos de 1950 até o início dos anos de 1960, em que se destacam três grandes grupos, a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962).
- Terceira onda: surge no final da década de 1970, ganhando força nos anos 80, tendo como principais representantes a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).

A primeira etapa corresponderia à etapa fundacional; a segunda etapa corresponderia à proliferação dos padres e leigos cantores; a terceira etapa corresponderia a uma “neopentecostalização católica” (CARRANZA, 2009, p. 33-34; ORO, 2013)

Um dado interessante quanto à segunda onda do pentecostalismo no Brasil foi que ele se tornou o refúgio dos oprimidos, dos pobres e dos imigrantes. A fé no modelo pentecostal se tornou o abrigo para esses grupos oprimidos, pobres e imigrantes, mostrando-se uma religiosidade com efetividade social. Se não houvesse contribuição efetiva na melhoria da vida dos fiéis, oprimidos, pobres, não se afirmaria em tal contexto social. O pentecostalismo ajudou os indivíduos desses grupos sociais a encontrar dignidade, caso contrário o teriam abandonado. Portanto, o fato de conseguir expansão facilmente em ambiente social desfavorável acabou por se tornar sua maior glória (FREESTON, 1993).

Durante o período da segunda onda, foram enfatizados os dons extraordinários, mantendo a grande ênfase no dom de línguas. Também nesse período deu-se a quebra das linhas denominacionais, e a visão doutrinária pentecostal atingiu várias outras igrejas, até mesmo dentro de igrejas mais tradicionais, como a católica, batista, presbiteriana, congregacional etc.

Segundo Silva (2001), Carranza (2009) e Ribeiro (2011), a RCC chegou ao Brasil através de dois fervorosos sacerdotes jesuítas, Haroldo Rahm e Eduardo Dougherty, que transformaram a cidade de Campinas (SP) no núcleo a partir do qual se espalharia por todo o país o movimento carismático. Entretanto, devido às proporções que ele tomou, passou por um processo de burocratização e rotinização do carisma (RIBEIRO, 2011).

O padre Eduardo Dougherty é um norte-americano naturalizado brasileiro que participou de encontros nos Estados Unidos e no Canadá, estudou em escolas jesuítas, converteu-se aos cultos da RCC e dedicou-se a leituras e ao aprofundamento do catolicismo pentecostal. Padre Eduardo repassou experiências e aprofundamento espiritual a outros colegas, como o padre Haroldo Rahm, que se dedicou a pregar em retiros em estados como Mato Grosso, Goiás e em outras cidades brasileiras, ministrando cursos, retiros sobre suas experiências de oração para padres, freiras e para jovens em retiro religioso (SILVA, 2001).

O Padre Harold Joseph Rahm nasceu em 22 de fevereiro de 1919, no Estado do Texas, na cidade de Tyler, filho de pais separados. Pouco antes da 2ª Guerra

Mundial, quando servia ao exército, recebeu o chamado para sua vocação ao sacerdócio, ordenou-se jesuíta nos Estados Unidos. O Padre Harold Joseph Rahm, nos Estados Unidos, desenvolvia trabalhos sociais com jovens que viviam na fronteira com o México.

O padre Rahm chegou ao Brasil em 1965 e naturalizou-se brasileiro em 1986. Fundou diversas obras em aliança com outros religiosos, entre elas o movimento de Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC), durante a ditadura militar, também 150 fazendas de recuperação de dependentes químicos e a RCC (CARRANZA, 2000, p. 25).

De acordo com a autora, os cursos de Treinamento de Liderança Cristã tinham como objetivo suscitar uma experiência forte de iniciação na vida espiritual, seu público-alvo eram os jovens, e estes movimentos podem ser considerados o embrião da atual RCC no Brasil.

A segunda raiz está nos Cursinhos da Cristandade, fundada na Espanha em 1949 pelos Mons. Juan Hervás. Era um movimento de profissionais católicos, formando os quadros médios da liderança leiga da Igreja Católica na década de 1960. Sua proposta era uma penetração cristã na estrutura social através do mundo do trabalho. Dessa forma, a RCC foi compondose de estudantes, universitários, operários, lideranças jovens e com a presença do clero católico (CARRANZA, 2000, p. 25-26).

O Pe. Eduardo Dougherty, nascido na Louisiana, em 1941, realizou seus estudos teológicos em Toronto, no Canadá, teve sua experiência do Batismo no Espírito Santo em Michigan, nos EUA, logo após aderiu à RCC. Veio para o Brasil em 1979, e aderiu às atividades no centro Kennedy em Campinas-SP. Em colaboração com o padre Hahm, eles impulsionaram a publicação do livro *Sereis Batizados no Espírito*, do mesmo modo nos EUA.

Outra figura importante para a expansão da RCC no Brasil é o Monsenhor Jonas Abib, o fundador da Comunidade Canção Nova. A história do padre se confunde com o princípio da história da RCC. Quando jovem, o sacerdote salesiano morava no interior de São Paulo, na cidade de Lorena. Ele foi convidado a participar de um encontro com o padre Haroldo Rahm, juntamente com outros sacerdotes, quando entrou em contato com a efusão do Espírito Santo.

Padre Haroldo falou-nos a respeito do que Deus estava fazendo no mundo por meio da Renovação Carismática Católica. Explicou-nos sobre a Efusão do Espírito Santo; o que eram os dons do Espírito Santo. Realmente não entendi bem o que era a RCC; também não entendi o que era Efusão do Espírito nem mesmo os Dons. Porém, desejei do fundo do coração. Entendi que era o que me faltava! (CANÇÃO NOVA NOTÍCIAS, 2016)

De acordo com Canção Nova (2016), Padre Jonas relatou que naquela noite não conseguiu dormir, e começou a orar com fervor como nunca havia ocorrido, uma “oração que vinha de dentro”. Cerca de um mês depois deste fato, o jovem sacerdote participou de uma “Experiência de Oração”, em Campinas, a partir desse momento começou a entender o que era a RCC, e acabou trabalhando por muitos anos com padre Haroldo, viajando juntos o Brasil inteiro, fazendo palestras e encontros para padres, freira e leigos por aproximadamente cinco anos.

Após a experiência vivida por padre Jonas, a Renovação foi se fortalecendo no Vale do Paraíba, e se difundindo em todo o Brasil. Jonas continuou seu trabalho no vale do Paraíba fazendo encontro de jovens, os primeiros encontros se chamavam “Os Matanathás”. Logo em seguida, surgiram também os encontros de Carnaval chamados de “Rebanhão” e os Cenáculos, no final da década de 1970.

Embora o padre Jonas tenha sido muito criticado na época porque as pessoas eram acostumadas com as CEBs, muitas vocações nasceram desses encontros, como, por exemplo, o próprio padre Marcelo Rossi, que foi tocado em um desses encontros grandes.

A Canção Nova foi muito mal interpretada nos inícios, o padre Jonas para nós é como uma tábua, isso porque ele sempre estava à frente, era a primeira pessoa a tomar pancadas. No início, enfrentávamos aqui no Brasil o movimento da Teologia da Libertação voltada mais para o social. Neste ínterim nasce a RCC onde se volta mais para a espiritualidade. Imagine em meio a tudo isso a RCC falando em dons de línguas, de curas, de milagres. Era um escândalo para as pessoas este modo de ser dentro da Igreja. Mas o testemunho pessoal dos carismáticos fez com que esta visão mudasse. Hoje no Brasil, mesmo quem não gosta da renovação, admite o bem das novas comunidades. (CANÇÃO NOVA NOTÍCIAS, 2016)

Na atualidade, depois da revolução tecnológica, existe um esquema de marketing para difundir e consolidar a RCC, através de redes de TV (como a Canção Nova), jornais, folhetos, livros etc. O gesto simbólico da imposição das mãos sobre a cabeça também serviu para consolidar a RCC no Brasil. Considerada tradicional nos cristianismos originários, a assembleia eclesial legítima sua ação e reconhecia sua missão.

De acordo com Carranza (2000), esse pentecostalismo católico avançou pela geografia cristã, criando atritos dentro da própria Igreja Católica. O termo pentecostalismo católico com o tempo foi sendo substituído pelo termo Renovação Carismática Católica. A ressignificação do termo significou o distanciamento da abertura ecumênica que a RCC desejava alcançar e atualmente dificulta o diálogo entre o pentecostalismo evangélico e a RCC.

De acordo com a autora, um dos motivos sociológicos que levaram a RCC a se enraizar e se consolidar no Brasil foi a conjuntura no final da década de 1960, época em que se tentava fazer prosperar um catolicismo mais moderno, por opção ou convicção:

[...], analisando a articulação do campo religioso campineiro da época, assinala que o catolicismo urbano tradicional de Campinas se encontrava em crise na metade dos anos 60. Confrontado pelo crescimento populacional, o aumento de “seitas desagregadoras”, o comunismo e as religiões mediúnicas, a igreja vivenciava o dilema pastoral de manter a ordem social cristã num momento de urbanização intensiva. O esforço da igreja concentrou-se na pregação de um catolicismo por opção ou convicção, o qual teria eco na classe média, que através dos movimentos revivalistas assumiram a tarefa de retomar a hegemonia da igreja, como uma missão profética. (CARRANZA, 2000, p. 35).

A cidade de Campinas se tornou referência como nascedouro da RCC no Brasil pela presença do padre Haroldo. Eles puderam contar com a ajuda de leigos e religiosos que se engajaram na proposta carismática, apoiados pela abertura propiciada pelo Concílio Vaticano II.

De acordo com Carvalho et al. (2017), existe uma debilidade institucional que levará forçosamente à perda do status da Igreja Católica e à diminuição de seu número de fiéis. Por outro lado, o autor acredita que filiações evangélicas teriam um crescimento com um teto. Em contraponto a essa questão, o pesquisador Marcelo Neri (2007) vislumbra a interrupção da queda dos católicos no Brasil. O pesquisador, ao comparar dados do Censo Demográfico de 2000 com os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2003/2004, concluiu que o processo de declínio dos católicos está estancando.

O trabalho de Neri (2007) procura demonstrar, a partir do processamento de dados produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que, pela primeira vez em mais de um século, a proporção de católicos no Brasil parou de cair,

mantendo-se surpreendentemente estável no primeiro quarto de década, com 73,79% em 2003 (NERI, 2007).

Dessa forma, Carvalho et al. (2017) acreditam que a consolidação do movimento carismático pode inverter esse comportamento ao promover uma readesão ao catolicismo, apoiados na ideia de trânsito religioso. Mas percebem que o Censo Demográfico de 2010 não confirmou essas tendências, pois as estratégias realizadas no campo da Renovação Carismática Católica não surtiram os efeitos desejados para reverter o declínio da religião majoritária do Brasil (TEIXEIRA, 2012). De acordo com esse autor, correta é a estimativa “de que os católicos terão um índice menor que 50% até 2030”. Os referidos autores concluem que a combinação entre uma maior evangelização (ativismo religioso) e a expansão numérica nos locais relativamente mais dinâmicos em termos socioeconômicos do país tende a fortalecer o processo de transição religiosa.

Conforme os autores acima, caso as tendências das últimas três décadas se repitam, pode-se esperar mudança de hegemonia entre católicos e evangélicos em breve. Os evangélicos podem ultrapassar os católicos na primeira metade do século XXI, obtendo maioria simples e não necessariamente maioria absoluta da população. Eles acrescentam que paralelamente, com a mudança de hegemonia entre os dois grupos cristãos, haverá também o aumento da pluralidade religiosa em decorrência do aumento do grupo de pessoas sem religião e do crescimento das demais religiões não cristãs.

2.2.1 Os canais de divulgação da RCC no Brasil

A pós-modernidade, juntamente com o avanço da tecnologia, aponta a mídia como o caminho de sucesso para qualquer mercado e qualquer empreendimento. Portanto, as inúmeras expressões de fé atuantes no Brasil não ficaram imunes aos avanços tecnológicos.

Ultrapassaram as fronteiras do que se entendia como religião, reuniões, missas e cultos semanais. Os encontros são restritos aos seus membros e na mídia se expandem por todos os setores da sociedade. Para anunciar o novo Pentecostes, a Renovação Carismática Católica vem utilizando vários canais de comunicação no Brasil. Entre eles, podemos destacar:

- Boletim Eletrônico - Formado por uma seleção de matérias e artigos que são destaque no portal durante a semana. O boletim atualiza no e-mail do inscrito tudo o que acontece de novidade no site da RCCBRASIL. Basta se cadastrar e receber os boletins.
- Programas na TV Canção Nova e TV Evangelizar, sustentados por milhares de pessoas que contribuem financeiramente com essa obra. Tais pessoas são responsáveis pelo funcionamento do Escritório Nacional, avanço nas obras da Sede Nacional, atendimento às centenas de pessoas na Ilha do Marajó, onde são realizados os programas televisivos.

Para Martino (2016), frente a esse fenômeno da midiatização da religião, é importante observar que não se trata apenas de um uso de dispositivo de mídia pela religião, pois as redes sociais são hoje pensadas para o ambiente religioso:

São lógicas que se articulam e se sobrepõem, mas sem perder suas características essenciais. Por isso, para nós desse campo, é muito interessante observar esses fluxos, essas trocas que ocorrem, [...] É o caso do Face Glória, que é uma rede social como Facebook, mas propõe a interação desde a perspectiva religiosa. (MARTINO, 2016)

De acordo com Santos (2016), isso acontece com esses aplicativos de oração, confissão, mas também com produtos como programa de televisão e rádio, que em muitos casos não se parecem com programas religiosos. Ele destaca que essa igreja atravessada pela mídia acaba criando segmentações e que as próprias igrejas se segmentam para públicos e para faixas etárias.

Dessa forma, o campo da religião se transmuta num campo de segmentação mercadológica. Como numa espécie de supermercado da fé, cada consumidor pode comprar a ideia de religião que melhor dê conta de suas perspectivas. Para o professor, é uma lógica que também pode valer para se pensar dentro do espaço político, quando a religião (ou as religiões) começa a buscar os seus espaços para assegurar as suas demandas.

De acordo com Jesus (2012), o fenômeno religioso atual escapa das instituições religiosas se tornando mais espontâneo, criativo, interpelativo, tem forte ingerência da modernidade e pode ser visto a partir de dois traços bem delineados: a individualização e a subjetivação daquele que crê.

Portanto, entende-se que o sistema religioso está sendo edificado sobre novos critérios, pois o sujeito passou da condição de observador para o centro da

discussão. A midiatização contribui para a ‘perda de regulamentação’, que aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos constroem seu próprio sistema de fé:

São manifestações que acontecem indiferentemente do desejo de quem transmite a mensagem. Hoje, se pode ir até o Santuário de Aparecida e acender uma vela. Mas, se pode de casa, pelo computador, acessar o portal deles na Internet e fazer um tour virtual com mais detalhes do que se estivesse lá. E até acender uma vela virtual (SANTOS, 2016).

Se por um lado os encontros semanais e os grandes encontros procuram manter a centralidade na Igreja Católica, a expansão da RCC através dos meios de comunicação tira a fé das frentes dos altares, porque os fiéis podem se manter conectados a seus grupos de oração e a sua agenda religiosa em sua casa ou em qualquer lugar. O autor ressalta que existe outro ponto negativo, no que se refere à mensagem, pois, na recepção da mensagem, podem acontecer manifestações diferentes, ou seja, o desejo do transmissor é entendido de forma diferente pelo receptor (GOMES, 2016).

2.2.2 Estrutura, organização e grupos

De acordo com Ribeiro (2011), nenhum outro movimento cresceu tanto quanto a RCC, desde seu surgimento. Sua proximidade com o pentecostalismo foi motivo de rejeição interna, principalmente por parte da ala progressista da Igreja Católica (TdL).

A Teologia da Libertação (TdL), da ala progressista católica, não foi suficiente para frear desenvolvimento da Renovação Carismática Católica. Ambas passaram a coexistir enquanto grupos organizados dentro do catolicismo. No final da década de 70, sua presença já era significativa no Brasil e, ao longo dos anos a RCC, se desenvolveu e adquiriu um excelente nível organizacional.

A RCC se organiza em grupos e seminários de vida no espírito, e encontros denominados cenáculos, rebanhões, encontrões e uma variedade de festivais para designar atividades que agregam multidões de pessoas, além de promover inúmeros congressos regionais, estaduais e nacionais.

A organização da RCC se deve ao fato de possuir estruturas pelas quais se movimenta a nível nacional e internacional, com estadias e local, como podemos apreciar no quadro abaixo:

Quadro 1: Organização da RCC

Organização da RCC		
Nível Paroquial	Nível Estadual	Nível Nacional
Conselho Diocesano, Conselho Fiscal, Presidência, Comissão Executiva (Equipe de Serviço) Comunidades, Escritório Administrativo, Órgãos de Assessoria (Ministérios Diocesanos e Comissões Diocesanas); Grupos de Oração, Núcleo do Grupo de Oração (Ministérios e outros serviços)	Conselho Estadual, Conselho Fiscal, Presidência, Escritório Administrativo, Órgãos de Assessoria (Ministérios Estaduais e Comissões Estaduais).	Conselho Nacional, Conselho Fiscal, Presidência, Escritório Administrativo, Órgãos de Assessoria (Ministérios Nacionais e Comissões Nacionais);

Fonte: própria, baseada nos dados da RCC Brasil.

A base da estrutura do movimento RCC são os grupos de oração, que possuem diversos nomes: filhos de Maria, por exemplo. A Renovação encontrou no Brasil solo fértil para sua expansão, mas só veio se consolidar institucionalmente no decorrer da década de 80. Atualmente, a RCC encontra-se organizada a nível paroquial, nível nacional e nível internacional, como vemos no quadro 1, que discrimina seus diretórios.

Então é mais correto afirmarmos que a base da RCC são os grupos de oração, assim denominados a partir da reunião de 10 pessoas entre homens e mulheres em encontros semanais regulares, mas abertos a outras pessoas. Os grupos de orações formados somente por jovens no Brasil chegam a 61 mil. Há flexibilidade na estrutura, locais e horários dos grupos de oração, que, como o próprio nome já diz, são baseados na oração.

Além dos grupos de oração, a RCC conta ainda com Encontros de Oração em fins de semana, ao estilo dos retiros espirituais, que se dá a nível paroquial ou diocesano, tendo como objetivo o aprofundamento e o conhecimento da RCC e a preparação de novos líderes (ORO, 1996, p. 112). Anualmente, a RCC realiza os Cenáculos, em cada Estado brasileiro. Os mesmos consistem em “grandes encontros que reúnem milhares de pessoas em estádios de futebol, ou ginásios esportivos, onde, em estado de grande exaltação emotiva, efetuam um dia de louvor semelhante ao que se passa nos grupos de oração” (ORO, 1996 apud RIBEIRO, 2011 p. 176-178).

No princípio da RCC, os grupos de oração estavam integrados pela classe média de nível superior, de nível social mais alto, e o número de mulheres era significativo. Vale ressaltar que ainda hoje, frente às mudanças sociais, as lideranças da RCC continuam sendo de classe média e tendo um caráter profético missionário (CARRANZA, 2000, p. 39). Identificamos que, embora a Renovação tenha se estendido a outras classes sociais, seus líderes leigos ainda são em sua maioria da classe média.

De acordo com o portal RCC Brasil, os integrantes da Renovação, para promover suas atividades, sentiram a necessidade de organizarem-se, contando com equipes de âmbito local, regional, nacional e internacional. Essas equipes têm como função promover uma articulação entre suas coordenações e garantir sua unidade.

O Grupo de Oração é a base da estrutura da Renovação Carismática. Eles se organizam nas paróquias e são liderados por leigos, são formados por um número variado de pessoas, em reuniões que acontecem semanalmente. Muitos desses grupos deram origem às comunidades carismáticas.

Como já mencionado, essas comunidades têm várias estruturas, tipos de vocação, formas e graus de dedicação. Além dos grupos de oração semanais, os membros da Renovação Carismática se reúnem em encontros de oração, que ocorrem nos fins de semana, na forma de retiros, visando aprofundar o conhecimento e preparar novos líderes.

Tais encontros podem ser organizados em âmbito paroquial, diocesano etc. Uma vez por ano, ocorrem em cada Estado ou Diocese os Cenáculos, que são grandes encontros que reúnem multidões em estádios de futebol, ou ginásios esportivos, onde realizam-se dias de oração semelhantes aos que ocorrem nos grupos de oração.

[...] a Renovação criou uma organização interna que lhe dá um elevado grau de maleabilidade: por um lado, cada grupo de oração goza de grande autonomia, podendo realizar suas reuniões conforme as necessidades específicas de seus membros; por outro, as equipes de coordenação, atuando por meio das atividades auxiliares, garantem à Renovação Carismática uma linha comum (PORTAL RCCBRASIL)

A Renovação conta com um Escritório Internacional em Roma, que teve como origem um centro de comunicação (criado em Michigan). Logo, o escritório estava a receber correspondência e visitantes do mundo inteiro. Um centro de comunicação

internacional informal cresceu e acabou sendo formalizado no início da década de 70, sendo chamado de ICO (“International Communication Office” – Escritório Internacional de Comunicação).

De acordo com o portal RCCBRASIL, em 1976, o Cardeal Suenens convidou Ralph Martin para mudar-se e ir para Bruxelas, na Bélgica. Ele levou também o ICO, tornando-se o seu primeiro presidente. Em 1978, o escritório passou a ser formado por nove integrantes, que representavam os cinco continentes. Em 1981, o ICO foi transferido para Roma, passando a ser chamado de ICCRO (International Catholic Charismatic Renewal Office).

A RCC sentiu necessidade de solicitar à Santa Sé um reconhecimento oficial, que veio após muito trabalho, realizado pelos membros do ICCRO e com o apoio de alguns bispos e cardeais. Os “Estatutos do ICCRO” foram analisados por teólogos e canonistas do Vaticano, passaram por alguns ajustes e foram aprovados em 8 de julho de 1993 com o título de “Estatutos ICCRS” (International Catholic Charismatic Renewal Service).

O ICCRS reúne seus membros para debater e planejar a Renovação em âmbito mundial. Realiza retiros e encontros internacionais, mantém um site na internet e publica o "Boletim do ICCRS", com notícias e material de formação em inglês, francês, italiano, espanhol e português. Outra organização internacional importante para a RCC é a CFCCCF (Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships).

Na América Latina, há o CONCCLAT (Conselho Carismático Católico Latino-Americano), sediado atualmente na cidade do México, um organismo continental criado em 1972 que tem como objetivo promover o intercâmbio e refletir sobre a experiência da Renovação Carismática nos ambientes culturais católicos latino-americanos.

Segundo Mariz (2003), uma das características marcantes da RCC é a organização nacional e internacional. Conforme Carranza (2000), a RCC atualmente possui uma estrutura internacional e se assemelharia mais aos “movimentos” nesse sentido. Ainda nos primeiros anos da RCC aqui no Brasil, a autora admite que somente em uma reunião na CNBB em 1973 “foi definida pela primeira vez em solo brasileiro a RCC ‘como um novo modo de ser Igreja’” (2000, p. 37).

O Pe. Haroldo Rahm, um dos pais fundadores da RCC no Brasil, declara que a Renovação não é “uma organização ou de movimento em sentido restrito”

(CARRANZA, 2000, p. 38). A autora também cita declaração similar do padre Eduardo Dougherty, o outro fundador da Renovação brasileira, feita em 1977, na qual rejeita a etiqueta de “movimento”, explicando que “o movimento é para um grupo uma renovação litúrgica, bíblica enquanto carismática é para todo mundo”.

Entende-se que a RCC, embora sofra ainda muitas críticas, devido a suas práticas semelhantes ao pentecostalismo evangélico e sua postura social conservadora, ocupa uma posição privilegiada no interior do catolicismo brasileiro. Isso significa que, ao longo de sua expansão, também o modelo de evangelização vem se alterando dentro da Igreja Católica, ou seja, o modo de ser igreja.

Tais modificações, baseadas em uma teologia prática, têm como foco principal a ala jovem. Para o futuro, como afirma Sofiati (2011), é possível esperar muita religião e pouco envolvimento no nível de enfrentamento e lutas por justiça e direitos sociais. Esse *aggiornamento* católico coloca-se em pé de igualdade, portanto, com outros movimentos gerados pelo Concílio.

3 A RCC E AS AÇÕES NO CAMPO SOCIAL EM GOIÂNIA

De acordo com Lemos (2015), a fonte do anticapitalismo católico referente à identificação ética e religiosa de Cristo com os pobres não é tanto a impessoalidade do sistema econômico, que provocava o maior ultraje moral aos católicos, e sim sua injustiça. Entretanto, é preciso ressaltar que, entre os grupos católicos, existem antagonismos, pois estes florescem em meio a uma grande diversidade de espiritualidades emergentes.

Feitosa, Silva e Silva Maria (2011) analisaram as disposições territoriais de identidade intrínseca tanto das CEBs quanto da RCC, no âmbito da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Rolim de Moura (RO). Sobre os antagonismos dos grupos católicos, os três afirmam que é notável que esse embate entre os grupos desperte a atenção do Estado-Maior da Igreja Católica, por causa das eventuais inovações eclesiais que eles propõem. Para os referidos autores, é notável que determinadas decisões organizacionais adotadas pelo então papa João Paulo II acabaram influenciando a configuração territorial que esses grupos assumiram na Igreja Católica:

Mesmo com identidades distintas, as CEBs e a RCC estão convictas em suas jurisdições e doutrinas. As CEBs, por exemplo, têm a convicção da necessidade das práxis libertadora e do engajamento político e social, e que é somente através destes artifícios que haverá transformações na sociedade, amenizando, assim, os incontestáveis impactos negativos da globalização sobre os “oprimidos” – é a luta de classes sacralizada. (FEITOSA et al., 2011)

Dentre os grupos da Igreja Católica, identificamos que, de modo geral, a RCC não é um movimento que possa ser considerado rebelde, pois não desafia a injustiça social em nome dos pobres ou denuncia o capitalismo como causa do empobrecimento e raiz do mal. Ela possui uma identidade diferente das CEBs.

Com um “novo jeito de ser igreja”, a RCC entende que sua missão é dinamizar e qualificar a evangelização para os católicos e não católicos. O movimento se organiza com atividades espirituais que buscam dinamizar o catolicismo local. Eventos como: grupos de orações, seminários de vida no Espírito, seminários de vida e santidade, e o resgate, que é um evento voltado para os jovens da cidade. Todos os eventos supracitados têm como objetivo levar os participantes ao ápice espiritual e libertá-los de contaminações e possessões demoníacas, inclusive. A propósito, esse é um ponto em que o movimento carismático dá forte ênfase através dos discursos de seus palestrantes, diferenciando-se do discurso tradicional adotado por outros segmentos da Igreja Católica. (FEITOSA et al., 2011).

Portanto, entende-se que CEBs e RCC, enquanto vertentes do catolicismo, tornaram-se de grande importância enquanto instrumentos que a Igreja Católica vem utilizando há mais de três décadas para manter o *status quo* adquirido e consolidado através dos séculos, mesmo que essas vertentes sejam muitas vezes vistas pelos fiéis e pela comunidade internacional como formas antagônicas. Prosseguem os autores:

As duas se revelam com propósitos de dar resposta à convocação original feita pela Igreja Católica, e fazem com espacialidades distintas e que por consequência disso, geram uma disputa por territórios interno/externo – o que compreende uma disputa por fiéis – e tem levado os segmentos religiosos a se munirem de aparatos tecnológicos e de nichos de mercado, que levam uma concorrência e que faz crescer o mercado religioso no fractal e no geral. (FEITOSA et al., 2011).

As CEBs e a RCC encontram representatividade tanto nas estruturas da territorialidade de base, caracterizada pela interação social entre a população e a Igreja por intermédio do clero quanto nas estruturas da territorialidade católica derivadas, representadas por estruturas de hierarquia e macroestrutura administrativa da Igreja (FILHO, 2008 apud FEITOSA et al., 2011).

De acordo com o referido autor, as duas possuem representatividade nestes dois campos: as CEBs possuem uma interação maior por parte do clero e a RCC por parte dos leigos, embora seja contemplada com uma parcela pequena de sacerdotes.

Percebe-se que as CEBs e a RCC possuem territorialidade em disputa, e identidades diferentes. Portanto, missões diferentes. A primeira voltada à ação social e promoção humana, a segunda um “novo cristianismo”, assim trazendo para o reino respostas diferenciadas. O ponto de ligação entre ambas é que têm contribuído para atenuar a perda de devotos da Igreja Católica para outros segmentos religiosos, principalmente para denominações evangélicas em ascendência.

Entretanto, para Feitosa et al. (2011), o resgate que a RCC faz na Igreja Católica do imaginário demoníaco o torna a etiologia dos conflitos e problemas sociais. Observado dessa forma, é considerado um elemento estruturante da realidade.

Assim, a RCC desloca a explicação da realidade e suas relações historicamente construídas para a dimensão das intervenções mágicas, que são determinadas exclusivamente de maneira sobrenatural. Dessa maneira, a RCC, a partir do temor ao demônio, consegue reordenar o cotidiano dos fiéis e traz explicações pertinentes aos seus conflitos pessoais e comunitários.

[...] a RCC consegue, a partir do temor ao demônio, reordenar o mundo cotidiano dos fiéis dando-lhes explicações plausíveis a seus conflitos pessoais e coletivos. Nesse sentido, a RCC posiciona-se na mesma direção dos neopentecostais, que vêm travando uma batalha espiritual neste final de século contra forças sobrenaturais que impedem os cidadãos de prosperar na vida terrena. E por princípio se posicionando contrários à teologia da libertação. (FEITOSA et al., 2011).

Essa abordagem social diferenciada transforma a RCC num divisor de águas dentro do contexto histórico da espiritualidade católica. De acordo com Carranza (1998), para os líderes da RCC, o demônio está agindo, sendo missão de todos os fiéis trabalhar para que ele seja banido da vida das pessoas.

Essa forma de viver dos carismáticos na igreja, que eles consideram um novo jeito, é uma quebra de paradigmas, pois a liderança é predominantemente leiga, o que demonstra um fenômeno social, que leva a maiores compreensões sobre as mudanças dentro e fora da igreja.

Os autores concluem que, nas últimas décadas, têm acontecido grandes avanços na dimensão social da Igreja Católica. O Concílio Ecumênico Vaticano II fez surgir inúmeros movimentos que, de certa forma, são contrários, as CEBs e a RCC. Ambos são frutos desse momento histórico das tendências que o catolicismo teve de trilhar e dos conceitos que teve que adaptar diante do panorama em que se encontrava:

As CEBs entendem que a espiritualidade está no exercício em busca da libertação social e nas políticas voltadas aos povos oprimidos; a RCC compreende que a libertação só se dá individualmente, materializando-se nas curas, exorcismos, libertações e que, a partir disso, se construirá uma sociedade perfeita. (FEITOSA et al., 2011).

Para os autores, é possível perceber uma grande pluralidade característica da pós-modernidade vivenciada pela Igreja Católica. Ambas as expressões citadas buscam, embora por caminhos diferentes e abordagens teológicas e políticas antagônicas, expressar e vivenciar as atitudes de Cristo e da doutrina da Igreja Católica, pois carregam consigo uma carga simbólica e representativa do catolicismo e suas diversas espacialidades. Além disso, ambas se inserem nas relações de poder, usam a mesma estrutura material da Igreja e se submetem à mesma hierarquia, entretanto, os seus atores sociais têm atuação diferente.

A diferenciação exposta acima nos serve de introdução para o próximo tópico a ser abordado, que diz respeito à ação social realizada pela RCC. Percebe-se que a esse respeito existe um preconceito de forma geral no imaginário social brasileiro. Entende-se que as narrativas de libertação social estão ausentes no discurso carismático, como afirma Scherer (2013). A ação social, neste caso, se dá pelo carisma, sendo impulsionada ou não pelo discurso da liderança (MARIZ, 2005). Portanto, em contextos sócio-históricos distintos, uma mesma espiritualidade pode levar os fiéis a comportamentos diversos, como defende Mariz (2016).

Desde 1980, os féis da RCC vêm sendo acusados de optar por um estilo espiritual individualista, subjetivista e emocional que afasta os fiéis de preocupações sociais e políticas, uma “rejeição intramundana do mundo” nas palavras de Max Weber. Para os carismáticos, isso significa buscar uma religiosidade de caráter intimista, voltada para a vida privada e familiar, o senhorio de Jesus em sua vida cotidiana através do Espírito Santo. Descrição muito semelhante à feita por Weber em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, ao tratar da conduta dos protestantes que tomaram essas práticas como uma forma de cumprir a vontade de Deus. Sendo assim, a RCC é considerada pela ala progressista como um movimento descompromissado com a transformação da sociedade e desengajado dos trabalhos sociais.

Segundo Lemos (2015), dentro da perspectiva weberiana, o desencantamento do mundo é caracterizado pela retirada da vida pública dos valores essenciais e mais sublimes. Portanto, na modernidade, o ser humano está destinado a viver em uma época desencantada, sem a presença de deuses ou profetas. O resultado dessa racionalização, criada pela ciência e tecnologia, seria a capacidade de descobrirmos um maior conhecimento das condições gerais em que vivemos a qualquer momento (LEMOS, 2015, p. 154).

De acordo com a teoria weberiana, isso significa que, na modernidade, as forças misteriosas e incalculáveis não interferem no essencial, que o indivíduo é capaz de controlar todas as coisas pelo cálculo, sem recorrer a meios mágicos a fim de dominar os espíritos para realizar nossa vontade. Hoje, o cálculo e os meios técnicos cumprem essa função. Portanto, a partir dela, poderíamos a princípio dizer que a ação do carisma na RCC pode ser considerada um contraponto à racionalização mundial.

Segundo Pierucci (2003), o desencantamento do mundo de Max Weber pela religião se desenvolveu como uma repressão crescente da magia e das formas

religiosas de embriaguez. Nesse sentido, a repressão teve como contraponto a internalização de uma ética religiosa racional que seria capaz de ordenar a vida cotidiana de maneira significativa. O desencantamento religioso do mundo ocorre pelo surgimento do senso de dever no indivíduo, que promove uma moralização do cotidiano. Pierucci (2003) afirma que “para Weber, dar um sentido unificado e unificador à totalidade da vida e do mundo é a melhor maneira de desencantá-los, de afirmar sua inerente carência de sentido imanente” (PIERUCCI, 2003, p. 113).

O desenvolvimento da ciência empírica e instrumental bem como sua orientação calculada para desvendar o mundo e sua técnica de controlar a natureza foram os instrumentos usados pela ciência para desencantar o mundo. É importante lembrar que a visão científica do mundo é vazia de sentido e não fornece nenhum tipo de direcionamento valorativo, portanto, as visões de mundo são o que são porque elas dão sentido, ou seja, não são visões científicas (PIERUCCI, 2003, p. 145).

Para Weber, o desencantamento do mundo pela religião é um processo bem mais longo de expulsão da magia dos ritos religiosos e do mundo social em geral. Tal processo se dá quando a religião desdiviniza o mundo natural, o despoja de sentido e de atributos mágicos, porém, é com a ciência que essa naturalização do mundo alcança seu auge, levando a religião para o reinado irracional.

A intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem, portanto, a um conhecimento geral crescente acerca das condições em que vivemos. Significam, antes, que sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, poderíamos, bastando que o quiséssemos, provar que não existe, em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível que interfira com o curso de nossa vida; em uma palavra, que podemos dominar tudo, por meio da previsão. Equivale isso a despojar de magia o mundo [desencantamento do mundo]. Para nós, não mais se trata, como para o selvagem que acredita na existência daqueles poderes de apelar para meios mágicos para dominar os espíritos ou exorcizados, mas de recorrer à técnica e à previsão. Tal é a significação essencial da intelectualização. (WEBER, 2008, p. 30-31)

A ideia de desencantamento do mundo é um diagnóstico de nossa modernidade: “o destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo desencantamento do mundo levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes” (WEBER, 2008, p. 51).

A gradual desmagificação ou a não mágica da natureza, sua transformação progressiva em mecanismo causal propiciada pela ciência e pela técnica, causa a perda de sentido do mundo. Dentro dessa visão de mundo puramente racional, só resta ao homem moderno tentar construir um sentido individual, tendo a certeza de

que tal sentido é construído, e a consciência de que agora somos sujeitos às leis da natureza, mas também às verdades inexoráveis da ciência, ao invés de sermos governados por deuses ou demônios.

De acordo com Lemos (2015), ao analisar a RCC à luz das concepções weberianas de racionalização e desencantamento, Krauststoff (1999) analisa a concepção de comunidade no movimento carismático em Podadas-Missiones, na Argentina, e considera o movimento como tradicional: “está mais para ser um movimento que confirma a tradição, a lei, a organização, o que indicaria racionalização e desencantamento” (LEMOS, 2015, p. 156).

Ou seja, ela argumenta que, mesmo o movimento tendo suas estruturas enraizadas no passado, a comunidade pertence ao presente e se projeta para o futuro através da lei, dos costumes e principalmente de sua linguagem. Tal conceituação permite visualizar outras modalidades de relação onde há justaposição de dois modelos de interação humana: a estrutura enquanto sistema hierárquico e a antiestrutura como comunidade sem estrutura. Dentro desse enfoque, é possível observar os momentos do ritual carismático, efêmero e sem estruturar. A sustentação das relações, neste caso, implica adaptação a certas normas que regem posições.

A RCC tende a se expressar em uma dinâmica dúbia e tensional entre as comunidades normativas e as comunidades existenciais. As comunidades normativas costumam exercer o poder social para garantir a continuidade da associação, tomando-a uma relação duradoura.

A partir desse enfoque observamos como o movimento de renovação que emergiu “espontaneamente” das bases hoje se apoia sobre regulações funcionais para a sua persistência e expansão. Falamos de ambiguidades e de tensões. Elas se manifestam no que de “real” contém a estrutura que reage pautas e normas precisas e no que de “ideal projeta a práxis comunitária. (LEMOS, 2015, p. 157).

Assim, é possível observar em seus momentos iniciais, na RCC, magia e carisma estão juntos. Entretanto, depois da disputa pelo poder, as ações passam a ser determinadas pelas normas e leis, ou seja, a racionalidade prevalece. A racionalização e intelectualização são processos que não pouparam a esfera religiosa, assim sendo, as religiões hegemônicas se transformam em instâncias progressivamente medidas por instituições, hierarquias e teologias. “[...] são então as

normas e as regras que determinam as ações e não tanto a ação mágica dos deuses” (LEMOS, 2015, p. 159).

Dentro desse diagnóstico, a racionalização, assim como o *ethos* do capitalismo, pode ser percebida em alguns grupos católicos e outros não, sendo evidenciada na RCC. Entretanto, sua influência pode oscilar em períodos diferentes dentro de um mesmo grupo (LEMOS, 2015, p. 162).

Outro ponto que merece destaque em se tratando da ação religiosa dos grupos católicos, que diz respeito às ações religiosas em uma sociedade de classes como a brasileira, é uma ação realizada em meio aos conflitos de classes. Portanto, é uma ação atravessada por esses conflitos, limitada e orientada por eles, o que os distingue é a maneira como os conflitos atravessam essa ação religiosa, variando entre as classes e os grupos. Neste ponto, voltamos à diferenciação dos grupos e dos contextos históricos e sociais nos quais se inserem.

Quanto ao desencantamento do mundo, dentro das características da teoria weberiana de uma retirada dos valores essenciais e mais sublimes da vida pública, em relação ao catolicismo brasileiro, é possível pensar que este ser humano moderno, contemporâneo, está destinado a viver com menos magia, mas não sem ela; cercado de profetas frágeis, mas nunca sem os deuses. O catolicismo nunca se retirou da vida pública e manteve afinidades eletiva com o *ethos* do capitalismo muitas vezes.

Seguindo as concepções de Weber, a referida autora conclui que, na atualidade, as rotinas da vida cotidiana desafiam a religião. A busca universal da experiência nasce da fraqueza de não conseguir aprovar uma permanente seriedade de nossos tempos, não nos sentimos capazes de realizar o trabalho cotidiano. É preciso que trabalhemos para cumprir as exigências do momento, tanto nas relações humanas quanto em levar adiante nossa vocação, pois ninguém sabe onde todo esse desenvolvimento nos levará.

3.1 A Associação Servos de Deus como instituição filantrópica

Segundo Santos (2009), em Goiânia, assim como no restante do país, o catolicismo é plural e se constitui de um sistema complexo de expressões do catolicismo popular urbano. Essa multiplicidade dentro da Igreja Católica é um importante sistema cultural polissêmico com riqueza de símbolos e significados que

Ihe dá sustentação, tal diversidade foi observada pela autora na Arquidiocese de Goiânia.

As fontes documentais consultadas pela autora datam da criação da Arquidiocese de Goiânia em 1956, pelo Papa Pio XI, que, sob a orientação de D. Fernando Gomes dos Santos, foi instalada na cidade em 1957. D. Fernando possuía afinidades com as propostas do Concílio Vaticano II e trouxe para a Igreja de Goiânia “novos ares”, marcando assim seu posicionamento como favorável aos pobres e marginalizados.

A ação desse novo jeito de ser igreja incentivava projetos e motivava a militância a uma práxis voltada à população pobre, como, por exemplo, apoio aos posseiros urbanos e à Reforma Agrária. Prova disso é o fato de que, em determinado momento, o Arcebispo chegou a assentar famílias em terras da igreja (SANTOS, 2009, p. 76).

Outra característica da Igreja Católica em Goiânia é que, embora emergidas no pluralismo religioso, as manifestações católicas em Goiânia superam os demais segmentos cristãos, porque são parte da cultura e estão presentes nas tradições festivas.

A história da RCC em Goiânia surgiu em 1974, tendo como precursores os sacerdotes americanos da ordem franciscana Santíssimo Nome de Jesus, que primeiro, depois de um retiro, implantaram a RCC em Anápolis e depois na capital do Goiás. O primeiro grupo de oração em Goiânia foi o São Francisco de Assis, na Igreja Francisco de Assis no Setor Universitário (SILVA, 2001; SANTOS, 2009). A RCC se expandiu através da Arquidiocese de Goiânia, entretanto, ela induziu os fiéis a se afastarem da luta por direitos e as políticas que visam justiça social!

Embora não seja seu objetivo primário o engajamento social, a RCC possui em Goiânia um espaço ou obra que se chama Associação Servo de Deus, que se autointitula uma casa de oração e de formação para evangelização, que tem como proposta oferecer a todo o tempo uma oportunidade para os frequentadores participarem dos eventos e celebrações.

A Associação Servos de Deus é uma fundação filantrópica que trabalha em prol de preservar a memória institucional. Sob o ponto de vista da associação, a memória institucional é importante para entender a história e preservar as ações que serviram de base para a construção da associação.

Com esse intuito, a associação trata de preservar dados, arquivando documentos e fotos ao longo de sua história que ajudam a entender o momento presente e planejar o futuro. Além de manter viva a história de vida das pessoas que fizeram parte do crescimento e que continuam trabalhando e colaborando para manter consistente nossos valores, ou seja, notamos que neste ponto os carismáticos adotam o uso dos métodos biográfico e de história de vida que ajudam na reconstrução das trajetórias seguidas pelos movimentos e instituições, semelhantes aos usados pelos pentecostais evangélicos, como observou Campos (2005).

A Associação Servos de Deus (ASD) foi fundada em 17 de fevereiro de 1982 por participantes da Renovação Carismática Católica (RCC). O objetivo era criar uma instituição filantrópica baseada nas palavras de Tiago 2,17: “Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma”. Para os fundadores, não bastava apenas louvar, era necessário fazer algo a mais. Então decidiram trabalhar com crianças que ficavam em situação de risco, oferecendo um espaço para elas, enquanto seus pais trabalhavam.

O portal RCCBRASIL procura deixar claro que a Associação Servos de Deus (ASD) é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos, do terceiro setor, de utilidade pública não só de âmbito municipal, mas também estadual e federal, sendo mantida por doações avulsas, mensais ou colaboradores parceiros. E sócios.

Figura 1: Associação Servos de Deus - Goiânia



Fonte: Maria Pimentel (autora).

De acordo com o histórico da ASD disponibilizado no portal, em sua sede realizam-se encontros diocesanos e arquidiocesano da RCC, o local é conhecido entre os participantes como a Casa dos Carismáticos. Os departamentos são por eles denominados como “núcleos”. Esses núcleos são divididos em: Comunidade Terapêutica, Núcleo Santo Antônio, Núcleo Sede (administrativo, livraria, bazar, inclusão digital) e núcleo Raio de Sol. Dentro desses núcleos são desenvolvidos trabalhos de reciclagem, autoajuda aos dependentes químicos, e suas famílias, isto é, na chácara Maria de Nazaré. Assim buscam parcerias, e sócios, para acompanhamentos, orientação dos bons hábitos humanos e espiritual, oferecem apoio a pessoas depressivas e formação para a reintegração à sociedade, entre outros. Vejam um testemunho de um jovem com nome de Ricardo, em 2016, que foi internado na chácara Maria Nazaré desde 2013:

Ricardo da Mata Encerrou o tratamento na Comunidade Terapêutica em 2013 e de lá para cá auxilia no grupo de perseverança.... Para ele, a ASD teve muita influência nos pós-tratamento por acompanhá-lo espiritualmente e por inseri-lo novamente na sociedade. Atualmente ele faz parte do quadro de funcionários e é um testemunho de que a Ressurreição é possível para aquele que está disposto a se tornar um novo homem. (RCCBRASIL, 2016).

- Núcleo Santo Antônio: É responsável por desenvolver atividades com crianças de 5 a 13 anos. As crianças matriculadas na escola participam das atividades oferecidas pelo núcleo no contraturno da escola. Na parte da manhã, as crianças tomam café da manhã e fazem atividades programadas depois do almoço, indo para a escola. As que chegam da escola almoçam, desenvolvem as atividades, lancham e vão para casa. As atividades desse núcleo acontecem na saída de Anápolis, mas já foram realizadas em vários setores de Goiânia ao longo dos anos. Já chegaram a atender mais de 1.000 crianças em um ano, hoje atendem por volta de mais ou menos 100 crianças/ano. Está localizado no Setor Asa Branca, corresponde pela organização e financeiramente pela ASD.
- Núcleo Raio de Sol: Inicialmente, pertencia à sede da ASD e pertenceu ao lar das meninas Santa Gertrudes, que trabalhavam e auxiliavam pessoas com deficiência física. Com a minimização dos trabalhos oferecidos, o prédio foi doado pela fundadora e transformado na sede da ASD atual. O núcleo Raio de Sol continuou a desenvolver o trabalho da fundadora com a assistência às meninas. Atualmente, estão cadastradas mais ou menos 50 meninas com

deficiência, que recebem ajuda como: cadeira de rodas, aparelhos, remédios, cestas básicas e auxílio espiritual. A maioria constituída de mulheres idosas provenientes do projeto original. A associação (ASD) contribui no que pode, mas este núcleo se tornou independente.

- **Inclusão Digital:** Este projeto é destinado às pessoas de baixa renda com interesse em aprender informática. Os cursos de informática são gratuitos e atendem em média 10 alunos por semestre, pois o espaço conta apenas com 10 computadores. Os cursos são realizados na sede da ASD e acontecem no horário matutino e vespertino. O projeto também é desenvolvido na Comunidade Terapêutica Maria de Nazaré. A ASD tem parceria com o APABB, que envia os professores de informática e organiza os horários. Para se inscrever, basta entrar em contato com a assistente social da ASD.
- **Bazar:** A ASD possui um bazar fixo, que se destina à venda de bens provenientes de doação, os itens são destinados para reformas e obras da ASD. Os produtos são recebidos geralmente de sócios ou de pessoas que frequentam a sede. O Bazar também recebe doação de produtos e materiais que possam contribuir com a obra. Os itens do bazar são vendidos por um valor simbólico, de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 11:00 e das 13:00 às 18:00.
- **Psicólogos:** A ASD conta com 6 psicólogos, que trabalham em sistema de voluntariado. O projeto foi desenvolvido para atender pessoas que não podem custear um atendimento particular e precisam de auxílio de um profissional. Para conseguir atendimento, é necessário que a pessoa, primeiro, passe por uma triagem. Em média, 90 pacientes recebem assistência psicológica por ano e os atendimentos são feitos semanalmente, a triagem acontece quinta-feira às 09:00h, por ordem de chegada.
- **Livraria:** Na sede da ASD, funciona uma livraria que vende artigos religiosos e materiais da editoria da RCC. Os valores arrecadados pela venda deste produto são destinados aos projetos da ASD. O horário de funcionamento é de 07:00 a 20:00h, podendo variar de acordo com a programação da Sede.

Segundo Silva (2001), o objetivo da ASD é garantir a promoção humana de seus membros e da coletividade, o trabalho da associação visa reintegrar adolescentes à sociedade, dando-lhes razões para transformar suas vidas, através de práticas de conteúdo religioso. Nesse sentido, a instituição se insere no campo da competição, “são as alterações do próprio campo religioso e sua relação com outros

campos de cura (do corpo e da alma) que promovem as alterações na luta” pela legitimação do papel de cura de almas (BOURDIEU, 1990).

Assim sendo, os sacerdotes, detentores dos bens de salvação, recorrem a especialistas de outros campos (leigos), mas com conhecimento científicos, ampliando significativamente o campo de lutas pela manipulação simbólica da vida privada das pessoas ao incorporarem orientações de visão de mundo. “[...] um novo campo de lutas pela manipulação simbólica da condução da vida privada e a orientação da visão de mundo” (BOURDIEU, 1990, p. 121).

Para se defender da concorrência indireta que os atores leigos fazem, os sacerdotes ou clérigos são obrigados a usar armas desses “adversários”. Nota-se no discurso dos sacerdotes e em suas práticas referência a conhecimentos como a psicanálise para legitimar seus pontos de vista, além de dar-lhes um ar de racional e contemporâneo.

Como vimos acima, a ASD possui vários núcleos voltados a diversas formas de assistência. Ela faz uma ponte entre a instituição Igreja e a vida privada, na atualidade espaços como esse têm feito parte da escolha das pessoas na busca de sentido para sua vida, em meio a esta sociedade problemática e fragmentária em que vivemos (SILVA, 2001).

Em busca de soluções para os problemas cotidianos desencadeados por esse estilo de vida da sociedade moderna, as pessoas têm procurado refúgio no sagrado, nas experiências religiosas. Em busca de proteção e segurança, os indivíduos têm procurado as religiões, a função da religião então se volta para a esfera particular, entretanto, a privatização da crença não elimina a necessidade do indivíduo de exprimir sua crença no seio de um grupo no qual encontre confirmação para suas crenças pessoais (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 57).

Nesse sentido, a RCC proporciona a multiplicação de grandes comunidades e vem responder ao desejo dos leigos no engajamento espiritual, mas a proposta da RCC é transformar toda a sociedade à luz do evangelho, o que na verdade aponta para uma ideia política de transformação social. Através da ação evangelizadora, seu intento é construir uma sociedade idealizada (NÓBREGA, 2007, p. 103).

O agente motivador para a transformação social é a ação do Espírito Santo (NÓBREGA, 2007, p. 109). De acordo com o autor, é a experiência que os motiva a modificar as estruturas sociais. A autora revela que “[...] as estruturas sociais e culturais vigentes, seja pela exemplaridade, ou seja pela ação” (HERVIEU-LÉGER,

2005, p. 138) nos fazem entender essa ação pelo impacto social que a RCC supõe exercer através dos seus testemunhos de vida sobre as consciências dos indivíduos.

De acordo com Nóbrega (2007), os integrantes das associações ligadas à RCC, como no caso estudado por ele, o Ministério Universidades Renovadas do Brasil (MUR), através da análise do Grupo de Oração Universitário (GOU³) da Faculdade Federal do Ceará, têm a ideia de que, transformando os indivíduos, expostos a pretensos exemplos vivos de uma ética cristã, neste caso católica pentecostal, a sociedade pode chegar à transformação.

Entende-se que a RCC, através do seu Ministério Universidades Renovadas sob o slogan “Um sonho de Amor para o Mundo”, tem feito um grande investimento para propagar suas ideias. Portanto, não poderíamos dizer neste caso que o clérigo é adversário desses profissionais. Seria mais correto pensar que a atuação da RCC nas universidades é uma estratégia para a transformação da sociedade começando de cima, através desses profissionais do reino.

Para Nóbrega (2007), os integrantes do MUR, no momento de oração, compartilham da interpretação da realidade universitária à luz de uma fé carismática, bem como um senso missionário diligente para evangelizar uma sociedade moralmente corrompida. Compartilham também um novo modelo de ética profissional sintetizado na expressão profissionais do reino, que se torna objetivo comum na vida dos pesquisadores e um ideal a ser disseminado na sociedade hegemônica. Nesse sentido, o carisma é tomado como vocação não só do indivíduo, mas de toda a comunidade.

³ É uma célula fundamental da RCC e é o coração de todas as atividades de evangelização do MUR juntamente com o GPP. É uma comunidade universitária católica carismática, que se encontra para louvar e bendizer a Deus, onde se cultiva a oração, a partilha e todos os outros aspectos da vivência do Evangelho, a partir da experiência do batismo no Espírito Santo. (UNIVERSIDADESRENOVADAS.COM).

O GOU tem nas suas reuniões de oração a sua atuação principal de evangelização querigmática, de comunhão e participação, dentro de sua especificidade e mantendo-se a sua identidade católica carismática, na qual se insere no conjunto pastoral em espírito de serviço. De acordo com a página do MUR, a oração é o principal carisma nessas reuniões, que acontecem de diferentes formas, tais como: louvor, reconhecimento das graças recebidas por Deus, oração contemplativa, oração em línguas, petição de graças e de curas. Diante do exposto nos perguntamos: para que serve o GOU dentro das Universidades?

Existe para que os participantes sejam levados a uma experiência pessoal com o Deus vivo e é onde se vivencia a experiência de Pentecostes. Essa experiência foi e é fundamentada na Palavra, revelada na Bíblia e apresentada na doutrina da Igreja. E é nessa força do “testemunho de vida” que os participantes dos encontros relatam as graças recebidas. “Um testemunho convence mais, muito mais do que palestras, livros ou escritos. Exatamente porque o testemunho é prova, é fato, e traz a força da experiência pessoal, da certeza experimentada, da verdade presenciada, comprovada pessoalmente” (UNIVERSIDADESRENOVADAS.COM).

Observa-se com base nos escritos de Nóbrega (2007) que os jovens do Ministério das Universidades Renovadas (MUR) são orientados, ou, melhor dizendo, doutrinados a aceitar que sua condição social e seu trabalho como frutos da vontade de Deus. O trabalho, neste sentido, passa a ser visto como uma vocação, ou seja, neste caso um dom dado por Deus que faz com que o indivíduo exerça aquela função sem reclamar de suas tarefas. Dentro desse pensamento weberiano, surgiu uma ética profissional que preconizava o trabalho (vocação) e o progresso (capitalismo) como sinal de que determinada pessoa teria sido escolhida por Deus. Essa situação entrou em conformidade ou melhor afinidade com o capitalismo, acúmulo de capital.

Nóbrega (2007) conclui que assuntos como igualdade social, melhor distribuição de renda e acesso a serviços básicos pela população brasileira, embora sejam discutidos, estão envoltos por uma ideia utópica de sociedade ideal. Tal discurso minimiza a importância das relações e estruturas sociais complexas, que, embora sejam constituídas por indivíduos, não podem ser alteradas apenas por uma nova conscientização ética oferecida por aqueles que as criam e sustentam.

Concorda-se com o autor quando afirma que as estruturas sociais complexas não podem ser alteradas apenas por uma nova conscientização ética oferecida por aqueles que as criam e sustentam. Entretanto, no que se refere especificamente à ASD Goiânia, a proposta não é apenas intelectual, ou seja, baseada nos discursos e nos testemunhos de vida, quase um pietismo moderno, a comprovação por meio da conduta que serve de exemplo para os outros.

3.2 A estrutura da RCC em Goiânia

Ao longo do tempo, a RCC foi paulatinamente ganhando espaço. Hoje, na Arquidiocese de Goiânia, são 230 Grupos de Oração, todos cadastrados na RCCGOIÂNIA. Outros grupos não contabilizados estão espalhados por todo o estado e acontecem nas empresas, nas residências, nas faculdades etc.

A RCC faz todos os anos um cadastramento desses Grupos de Oração, para estar a par de seu surgimento e auxiliá-los em sua expansão. A RCCGOIÂNIA, atualmente, está dividida em 13 regiões. Dentro da RCC, existem vários cursos de formação para leigos que participam dos Grupos de Oração, denominados ministérios, a saber: Ministério das Artes, Ministério da Comunicação, Ministério de Evangelização para Crianças, Ministério de Pregação, Ministério de Formação, Ministério de

Interseção, Ministério de Promoção Humana, Ministério RENASCEM (Seminaristas), Ministério para Famílias, Ministério Jovem, Ministério de Liturgia, MUR (Universidades Renovadas) e GPP (Grupo de Profissionais de Partilha), este último se encontra na Paróquia São João Evangelista no Setor Universitário.

Um ministério para os participantes da RCC é um serviço específico dentro do Grupo de Oração. É um trabalho que o indivíduo realiza para servir à comunidade cristã, ou seja, uma maneira de exercitar o apostolado. O indivíduo batizado no Espírito Santo é chamado a crescer, busca continuamente o amadurecimento, dar cada vez mais fruto a partir da descoberta de sua vocação, para vivenciá-la cotidianamente no cumprimento da própria missão.

As equipes ou ministérios devem ser formados na medida da necessidade e da realidade de cada Grupo de Oração. Seus membros devem ser escolhidos em oração e de acordo com os vários dons que surgem. Para cada necessidade, há pessoas ungidas pelo Espírito para seu atendimento: “Temos dons diferentes, conforme a graça que nos foi conferida. Aquele que tem o dom de profecia exerça-o conforme a fé. Aquele que é chamado ao ministério, dedique-se ao ministério. Se tem o dom de ensinar, que ensine; o dom de exortar, que exorte; aquele que distribui as esmolas faça-o com simplicidade; aquele que preside, presida com zelo; aquele que exerce a misericórdia, que o faça com afabilidade” (Rm 12,6-8). (RCCBRASIL).

Dentre esses ministérios, ganham destaque o Ministério de Formação e o Ministério de Fé e Política.

Ministério de Formação, como o próprio nome já diz, trata-se de uma formação para os participantes, basicamente os objetivos do ministério de formação são os seguintes:

- 1) Ministrando o Módulo Básico (“Formação Paulo Apóstolo”), Módulo de Formação Humana e Módulo de Formação Bíblica para todos os participantes da RCC que já tenham tido uma experiência de Primeiro Anúncio com Deus (Seminário de Vida no Espírito e/ ou Experiência de Oração);
- 2) Fomentar uma Formação sólida levando a liderança a perseverar na oração, na busca da santidade, no serviço e na vida comunitária;
- 3) Criar oportunidades de crescimento na graça e de conhecimento, aliadas à qualidade do ensino e ao aprendizado;

- 4) Oferecer meios de aprofundamento da Doutrina Cristã capacitando os participantes da RCC a responderem aos diversos desafios do mundo e da sociedade na atualidade;
- 5) Preparar a liderança da RCC para exercer Ministérios Específicos nos Grupos de Oração da RCC e
- 6) Resgatar, reacender, aprofundar e guardar a Identidade é o Carisma da Renovação Carismática Católica. (RCCBRASIL)

O Ministério Fé e Política é um serviço dentro da RCC que visa à evangelização da política, a partir da experiência do Batismo no Espírito Santo. O objetivo é conscientizar os cristãos a utilizar o voto de modo individual e apoiar candidato(s) conforme a sua consciência. Além disso, a RCC apoia e incentiva a participação na política daqueles que sentem chamados a este serviço.

De acordo com Carranza (2017), sobre os espaços de formação política no catolicismo carismático, a partir do ativismo evangélico e seu *modus*, eles teriam se introduzido na política brasileira. Os católicos carismáticos, em face desta presença, têm lançado mão de estratégias voltadas para conseguir publicidade e lançar candidaturas majoritárias e proposicionais visando cargos municipais, estaduais e federais.

Segundo Procópio (2018), Carranza (2017) busca explicar quatro linhas de força para apresentar o *modus operandi* católico na política brasileira: o Ministério Fé e Política (MFP); o Instituto Thomas More; o Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e Santidade (ENCRISTUS); a Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana (FPMCAR). De acordo com Carranza (2017), a função do Ministério Fé e Política (MFP) seria:

[...] articular as coordenações diocesanas e estaduais; identificar as potenciais lideranças capazes de se transformar em candidatos (sob a premissa de vocação missionária para atuar na política partidária); mediar disputas internas entre candidatos, ajudar na nomeação dos candidatos para concentrar a plataforma eleitoral carismática; apoiar candidaturas e colaborar com a organização de eventos regionais, estaduais e nacionais, além de promover encontros anuais com os mandatários e seus assessores (CARRANZA, 2017, p. 102).

De acordo com Procópio (2018), esse ministério é utilizado durante os processos eleitorais, na elaboração de cartas, documentos e para promover eventos

com o objetivo de aproximar membros e vocacionados da RCC de determinadas ações e normativas mais gerais em relação à prática política e partidária.

Os postulantes a cargos representativos são socializados dentro de contextos políticos variados e as suas escolhas eleitorais e partidárias se confundem tanto com a maneira como vivenciam seus valores religiosos quanto com a maneira como eles imaginam o fazer cotidiano da política. Talvez essa seja a razão pela qual encontramos no carisma católico, filiações partidárias e projetos políticos que vão da direita à esquerda.

O autor ressalta que, mesmo com uma mesma base religiosa por parte dos candidatos, as candidaturas se fazem e são eleitas a partir de vínculos distintos e devem responder aos compromissos estabelecidos ao longo da eleição. Baseado nesse fato, Procópio desenvolve a ideia de multiprofissional, uma articulação entre os elementos religiosos e a prestação de serviço à comunidade laica.

A ideia de multidimensional, uma articulação tencionada entre defesa dos elementos religiosos como família e vida com ação de prestador de serviços para uma comunidade, que nem sempre está assentada em uma experiência religiosa. (PROCÓPIO, 2018)

Para o referido autor, como fonte de recrutamento e engajamento, há certos comportamentos dos indivíduos escolhidos como representantes políticos dentro do carisma católico: catequético-conservacionista; artístico-midiática e socialmente engajada.

- a) catequético-conservacionista: parte de um projeto de conquista de posições políticas, em que representantes são escolhidos no interior da comunidade carismática para defender os interesses morais e materiais do catolicismo. Os representantes trazem em seu histórico a participação em grupos de oração e comunidades, onde exerceriam funções diretivas, o que teria ocasionado as escolhas dos seus nomes para uma ação para além da vida religiosa. “O que importava era defender os valores morais e éticos da Igreja Católica e colaborar para sua hegemonia cultural” (PROCÓPIO, 2018).
- b) artístico-midiática: ao longo dos anos 2000 e 2010, este tipo de engajamento esteve mais pronunciado, com várias lideranças se lançando à atividade parlamentar, em nível federal, bem como músicos escritores de renome no cenário católico/carismático, que converteram seu capital artístico em capital político. Este tipo de candidatura vai apostar “na transferência dos carismas como músico ou escritor para a política, gozando da capilaridade que eles

possuíam junto a grupos de oração e comunidades do movimento carismático [...]” (PROCÓPIO, 2018).

- c) socialmente engajada: Nesse tipo de engajamento, é colocada em jogo uma atividade de representantes das demandas de camadas populares com as quais os candidatos possuíam contato, estimulando grupos e comunidades religiosas que os frequentavam. O autor percebeu que “[...] os candidatos estabelecem um diálogo direto com as necessidades locais da população, procurando interpelar o poder público para a solução dos problemas encontrados” (PROCÓPIO, 2018).

Procópio (2018) considera que existe um rosto conservador no carismatismo, que, de quando em quando, mostra sua face. Ao se falar de recrutamento e engajamento político, é necessário levar em conta as bases que permitem a projeção de quadros para carreiras políticas. Pois um movimento tão destoante quanto o carismático não poderia captar seus representantes apenas no interior de sua esfera burocrática, porque esse tipo de posicionamento ajuda a corroborar a tese da intransigência e do conservadorismo. O autor afirma que o carismatismo se espalha sobre um leque de possibilidades no plano da vida social, tais como as mídias e as comunidades. Da primeira tira grande parte de sua fama e projeção, e a segunda, por estar perto das pastorais, deixa-se contaminar.

O autor conclui que, por mais que os candidatos percorram os mesmos problemas e dilemas ao longo da condução de sua candidatura ou de um mandato, os sentidos da política no catolicismo carismático funcionam em um movimento circulante. Concorde-se com o autor que os espaços de recrutamento e engajamento no carismatismo católico são diversos e modelam o jeito de fazer política, que se modificam na medida em que agrega outros dispositivos ao longo da construção do representante político. “O resultado é uma presença política multifacetada” (PROCÓPIO, 2018).

De acordo com Carranza (2000), no início da década de 1970, a RCC já se articulava para ocupar espaço (cargos) na política nacional e local. Um dos principais artífices da vinculação entre fé e política, na RCC, foi o Padre Eduardo Dougherty, cuja preocupação era fazer do Brasil um país cristão. Apoiado pelo padre Salvador Zimbaldi, foi eleito vereador em Campinas, em 1982, e, após esse mandato, eleito para outros cargos nas eleições posteriores. Foi reeleito, no pleito de 2010, para

deputado federal (SP) com o apoio eleitoral em comunidades e grupos carismáticos, sob o lema “um voto de fé, pela vida e pela família” (PORTELA, 2010).

De acordo com o referido autor, a questão da participação e intervenção na política é exercício de evangelização, enquanto parte do projeto religioso para a sociedade como mote oficial desta relação da RCC com a política. Essa visão doutrinária e espiritualista definiria os contornos não só da ação política na RCC, como a própria visão de como deve ser a sociedade. Tal projeto reflete para ela um projeto não necessariamente plural, mas de conotações confessionais de uma determinada fé e moral.

Portela observa que a RCC teria alguma afinidade eletiva com a TdL: seu objetivo seria transformar a sociedade no espelho do reino de Deus. As concepções das características deste reino descido à sociedade e os meios para se chegar à sua consecução é que divergem substancialmente entre as duas tendências teológicas.

Neste ideário para o campo político influiriam – para boa parte dos carismáticos – imaginários metafísicos de grande poder simbólico, que fazem com que o campo empírico da sociedade e da política seja visto como encampado e articulado por lutas urânicas, de fundo soteriológico e agonístico. Ou seja, em última instância, não são projetos sociais e econômicos a serem discutidos de forma plural e racional que estão em jogo; mas, por trás deles, são projetos “espirituais” que determinam estes projetos empíricos. Isto é, o encantamento da dimensão política e o enfraquecimento de sua dimensão secular e racional, ou o sequestro destas dimensões para articulá-las a serviço do imaginário religioso e de seus interesses.

3.2.1 Os principais encontros e o Rebanhão

A RCC organiza eventos durante todos os anos abordando várias temáticas do cotidiano, com foco na evangelização pelo estudo da palavra. Os encontros podem ser de âmbito nacional, estadual ou diocesano. Tais encontros também são direcionados aos ministérios.

Rebanhão, um encontro espiritual realizado sempre no período de carnaval e organizado pela RCC na arquidiocese de Goiânia, é um retiro espiritual que acontece há mais de 35 anos a nível nacional. Atualmente, cada diocese organiza esse evento seguindo as orientações da arquidiocese. O objetivo do Rebanhão é fazer com que

as pessoas façam uma experiência do amor de Deus através do batismo no Espírito Santo. No encontro de 2019, o tema foi “*Meu espírito exulta de alegria (Lc. 1:47)*”.

A programação varia de acordo com cada local, no entanto, todos são ligados à arquidiocese de Goiânia, portanto, os atrativos são os mesmos: pregações, oração e, claro, muita animação com músicas alegres e católicas. Para termos uma noção da extensão desse encontro espiritual, vejamos abaixo a lista dos locais onde foram realizados os encontros:

- Associação Servos de Deus (ASD)
- Santuário Sagrada Família (Vila Canaã)
- Ginásio de Esportes Estadual (B. Capuava)
- Paróquia Nossa Senhora da Assunção – (Conj. Itatiaia)
- Praça Criativa – (Senador Canedo/GO)
- Centro Cultural e Lazer José Barroso – Rodeio Show: (Aparecida. Gyn./GO)
- Associação Beneficente João Paulo II – Sede da RCC Inhumas

De acordo com os organizadores, o Encontro Nacional de Formação para Coordenadores e Ministérios (ENF) é um momento de profunda oração, formação geral e específica. Outro aspecto muito importante é a partilha dos projetos e serviços em andamento e das Moções Proféticas.

Este ano o congresso comemorou o jubileu de ouro da RCC. Foi realizado de 07 a 19 de maio de 2019, no Centro de Convenções da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUCGOIÁS. O Congresso Estadual Jubilar trouxe o tema “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5,5)”.

O objetivo dos congressos estaduais é reunir os carismáticos de todo estado para orar, partilhar, além de renovar o aprendizado e celebrar.

O encontro estadual de jovens diz respeito ao Ministério Jovem, é a equipe responsável, dentro da Renovação Carismática Católica (RCC), pela evangelização da juventude. Isso significa evangelizar, formar, assistir, orientar e motivar os jovens a partir da identidade da RCC, inserindo-os na vida da Igreja. O Ministério Jovem promove eventos de âmbito estadual, nos quais a juventude carismática goiana se reúne anualmente às margens do Rio Araguaia para evangelizar.

3.3 Transformações na Arquidiocese de Goiânia

Em 2002, foi nomeado um novo arcebispo na arquidiocese de Goiânia, cuja dedicação se voltava para a pastoral urbana e a evangelização. Tais questões já se manifestavam na Igreja local e serviram de motivações para as mudanças na Igreja local. De acordo com Santos (2009), no mesmo ano, foi formada uma comissão da Pastoral Urbana composta por três padres, para suprir a necessidade de uma melhor organização pastoral na regional, na prática de base da coordenação pastoral teórica (SANTOS, 2009).

De acordo com a referida autora, a partir de 2004, a arquidiocese de Goiânia passou a se organizar em vicariatos⁴. Atualmente, a Arquidiocese de Goiânia está dividida em nove vicariatos, formados por um padre e uma secretária nomeados pelo bispo. A intenção dessa organização é que toda a ação da Arquidiocese aconteça nas bases e seja orientada por três eixos: da palavra, da liturgia e da caridade.

Essa nova organização proporciona mais encontros arquidiocesanos, encontros avaliativos anuais com a participação dos conselhos dos vicariatos, liderança dos movimentos e pastorais. Além disso, o Secretário de Pastoral (Spar) foi redirecionado, não conta mais com os coordenadores das pastorais e foram extintas as coordenações diocesanas de pastoral e Pastorais Sociais, as pessoas nesses cargos foram em sua maioria demitidas.

As diretrizes que orientam a ação evangelizadora em Goiânia, obedecem ao “documento 85 da CNBB, Evangelização da Juventude” (SANTOS, 2009, p. 89). Segundo a autora, a nova organização tem gerado conflitos dentro da igreja de Goiânia, seu objetivo a princípio foi uma descentralização para trazer resposta aos novos desafios de evangelizar no mundo moderno, entretanto, muitas mulheres e jovens entrevistados pela autora acreditam que essa nova organização não levou em conta a caminhada histórica da Igreja de Goiânia, pois se utilizou de pouca democracia, que representa um retrocesso a um jeito velho de ser (SANTOS, 2009, p. 90).

De acordo com a autora, a pluralidade religiosa e a perda de fiéis leva a uma disputa de espaço no mercado, fazendo desta uma tendência nacional tomada pela

⁴ Um vicariato episcopal é a primeira subdivisão de uma Arquidiocese coordenada por um vigário episcopal (SANTOS, 2009, p. 87).

Igreja Católica como estratégia para garantir a sua identidade e permanência: a recatolização e a reinstitucionalização.

Como consequência, é possível perceber o fechamento da igreja em si mesma e seu afastamento dos espaços sociais. A transformação pela qual passa a Igreja de Goiânia propicia a expansão de movimentos conservadores e fundamentalistas, como a RCC, que colabora para a produção de identidades legitimadoras introduzidas pelas instituições. Segundo Castells (1999, p. 24): “[...] a identidade legitimadora é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade com objetivo de racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais”.

A identidade é criadora de vários atores sociais estruturados e organizados, ou seja, a da sociedade civil em si, pois esses atores reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural. Entende-se como a autora que a RCC contribui para a formação de uma identidade legitimadora, a partir de suas ações centradas em ensinamentos que preparam os fiéis para reproduzir as doutrinas da Igreja Católica, que levam ao fortalecimento de uma dominação estrutural na igreja e na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento religioso brasileiro não poderia ficar imune à pressão global exercida pelos estadunidenses, por isso, o cristianismo brasileiro vem se transformando, por influência dos movimentos religiosos renovados oriundos dos Estados Unidos. Essa realidade fica cada dia mais evidente desde a eclosão dos cultos pentecostais e neopentecostais adotados pelos brasileiros.

O pentecostalismo é sustentado por um carisma profético do ponto de vista weberiano, profetas enquanto portadores de carisma, que assumem sua missão (vocação) de anunciar um mandato divino ou uma doutrina religiosa. O pentecostalismo é alicerçado na ideia de profetismo, que tem como agente principal o profeta, o homem que vem para resolver as crises. O profeta se baseia na força do grupo, que a mobiliza por sua aptidão de simbolizar e comunicar os interesses leigos em determinada posição dentro da estrutura social.

Na modernidade, são favorecidas a racionalidade, a pluralidade das esferas institucionais e a ascensão do indivíduo, que enfraquecem o controle institucional e colocam as tradições religiosas em crise, isso possibilita a recriação das representações religiosas dentro do cristianismo. As mudanças oriundas da modernidade rompem com a rotina ontológica, o mundo precisa de uma recondução de sentido, o indivíduo nessa situação é tomado de um pavor existencial, em meio à realidade em que a subjetividade e a objetividade estão mutuamente complicadas, busca refúgio na religião, que vem pautada no que é sentido, vivido e experimentado como manifestação do Espírito.

No caso do pentecostalismo da atualidade, os dons do espírito ganham uma dimensão social diferenciada, tem a função de trazer uma mensagem e aprofundar o relacionamento do cristão com Deus e sua capacidade de adorá-lo, o Carisma é o agregador das comunidades e lhes dá identidade enquanto o dom de línguas tem focalizado as experiências individuais. Ambos podem ser considerados um emocionalismo comunitário. São instrumentos da igreja utilizados pelos fiéis para cumprir sua missão na terra. O dom de línguas, por exemplo, é hoje em dia comum em grupos pentecostais evangélicos e os grupos de oração carismáticos, seu uso mais frequente é quando os grupos estão adorando a Deus, entendido entre eles como uma maneira de Deus se comunicar com seu povo.

As adaptações do catolicismo para a modernidade são chamadas de *aggiornamento* católico, podem ser percebidas nas ideias expostas no Concílio Vaticano II. Em sintonia com essa nova proposta, os fiéis começaram a se reunir em grupos para uma experiência profunda em Deus. A partir daí, foi que aconteceu, em 1967, um grupo de jovens estudantes da Universidade de Duquesne, em Pittsburgh, que tiveram uma experiência de efusão do Espírito Santo. Tal acontecimento, baseado na movimentação dos leigos, tornou-se o marco inicial da Renovação Carismática na Igreja Católica. Patty Mansfield, uma dessas participantes, passou a liderar o movimento e divulgá-lo por todo o mundo.

Na América Latina, a RCC se implantou a partir de 1970, passou pelo processo de rotinização do carisma entre os anos de 1980 a 1990 e, a partir dos anos 2000, viabilizou-se por intermédio dos meios de comunicação. Diante do declínio do catolicismo romano, ela surge dentro da Igreja Católica para barrar a expansão do protestantismo e enfrentar os setores progressistas da Igreja Católica CEBS e TdL.

Aos poucos, a RCC foi galgando espaço no interior do catolicismo, principalmente porque sua proposta de evangelização estava alinhada com as propostas de reevangelização e reinstitucionalização da Igreja Católica Romana. Nesse sentido, o que diferencia a RCC de outros movimentos da Igreja Católica como as CEBs e a TdL, voltadas à ação social, é seu posicionamento vertical que visa ao desenvolvimento de uma espiritualidade de matiz íntima, individualista, com leituras fundamentalistas da Bíblia e sem críticas. Tais características lhe renderam muitas críticas vindas dos setores progressistas da Igreja, sendo acusada de ser um movimento descompromissado com a transformação da sociedade e desengajada com as várias pastorais.

Entende-se que o batismo do Espírito, além de reanimar a fé individual, libera o intenso desejo de uma ação evangelizadora. O reavivamento da fé e a ação evangelizadora são características marcantes dos pentecostalismos evangélico e católico. O reavivamento da fé vem através de uma maior intimidade com Deus, propiciada pelo batismo no Espírito Santo que traz consigo os carismas e dom de línguas. Estes são sinais diacrônicos que diferenciam os carismáticos dos outros grupos da Igreja Católica, dando-lhes uma identidade própria, um *ethos* carismático.

Apesar das críticas, o movimento ganhou força e se expandiu por todo o Brasil, graças ao apoio obtido do clero, quando padres e freiras, através de suas missões religiosas, empenharam-se em divulgar ao mundo essa nova forma de

religiosidade dentro da Igreja Católica. Entretanto, o crescimento dos setores conservadores como a RCC dentro da Igreja Católica tem causado o encolhimento dos setores radicais ligados às ações sociais, por outro lado, ela se tornou competitiva para as disputas de fiéis no campo religioso.

Essa nova relação com a religião, em que se estabelece a centralidade da ação do Espírito Santo, poderá no futuro transformar a Igreja Católica em uma instituição com muita religião e pouca ação social, no enfrentamento por justiça e aquisição de direitos aos menos favorecidos. Vale ressaltar que o comportamento ascético tido como ideal pelos fiéis da RCC não é adotado por todos com unanimidade, portanto, não se pode mensurar em que medida cada um se apropria dele.

Esse apanhado de informações acima serve de substrato para respondermos a nossa pergunta central através de nossos objetivos:

- Pesquisar quais as mudanças do movimento Renovação Carismática Católica, com enfoque na Associação Servo de Deus em Goiânia.
- Identificar as características da RCC como movimento de massa e espiritualidade em Goiânia
- Analisar ações sociais realizadas pela Associação Servo de Deus sob ótica de sua missão social.

Ao investigar a influência da RCC na sociedade guianense através da Associação Servo de Deus e sua atuação na sociedade, descobriu-se que o catolicismo em Goiânia ainda é majoritário diante das outras religiões, principalmente por estar imbricado nas festas populares da cidade e da região, ou seja, ele faz parte da tradição. A arquidiocese de Goiânia, sob as orientações da Igreja Católica universal, é mais pautada na ideia de mais justiça social e na luta por mais direitos humanos dos mais carentes e na opção pelos pobres de acordo com as orientações do papa. A evangelização, na sociedade moderna urbana, é o foco da igreja e assim vem transformando as ideias da comunidade, havendo um afunilamento dos trabalhos sociais juntamente com a missão de evangelizar. No entanto, a expansão da RCC não significa aumento de núcleo de trabalhos sociais, mas de núcleos de oração.

A tendência à reevangelização e reinstitucionalização assumidas pela Igreja Católica, para enfrentar a modernidade e a perda de fiéis, encontra-se refletida atualmente nas práticas, pautadas no documento 85 da CNBB, Evangelização da Juventude. Além disso, o crescimento da RCC nos últimos 30 anos fez com que se

expandisse por todos os setores da sociedade, com ênfase na juventude e nas Universidades. Este movimento pode ser considerado de evangelização em massa, pois se propaga através de vários canais de comunicação, seguindo a tendência de midiatização da religião e da cultura. Além das novidades do mercado com os aplicativos de oração, confissão etc.

O Ministério das Universidades Renovadas (MUR), através do grupo de Oração Universitário (GOU), realiza ações centradas em ensinamentos. Estes vem buscando construir uma nova ética profissional e preparar os profissionais para reproduzir as doutrinas da Igreja a partir de seu modo de vida, acreditando que, através de uma conscientização pelo exemplo, chegar-se-á a uma sociedade ideal, é isso que motiva os profissionais que aderirem a esse projeto. Quanto à ênfase na história de vida dos fundadores, assim como na dos atuais líderes da RCC, usadas como fontes historiográficas para preservar sua própria história, obedecem à estratégia da exemplificação como meio de conscientização.

Portanto, confirmamos a hipótese de que o engajamento social dos fiéis da RCC depende muito mais das lideranças locais do que dos propósitos da RCC em si. De acordo com Mariz (2005), os grupos de oração da Renovação Carismática Católica podem ser bastante distintos entre si, tanto quanto as lideranças clericais que os apoiam. Portanto, embora a RCC, através da Associação Servo de Deus, em Goiânia, exerça ações sociais em prol da promoção humana, seus objetivos reais giram em torno da teologia do próprio movimento renovado, ou seja, o que é central para a Renovação Carismática Católica é a experiência de contato do leigo com o sagrado.

A Renovação Carismática Católica, a partir de seu envolvimento nas ações sociais comunitárias e seu posicionamento frente à ação organizada pela Associação Servos de Deus (ASD), em Goiânia, considera que a ideia de transformação social se dá também pela contribuição de profissionais leigos em suas áreas de atuação munidos de conhecimento espiritual adquiridos através dos cursos de formação disponibilizados pelo movimento. Portanto, no momento, devido às mudanças da arquidiocese e às tendências por ela protagonizadas, como as ações sociais realizadas pela Associação Servo de Deus, verificamos que não há uma ótica de missão social enquanto luta por direitos e justiça social, seu intuito é de colaborar com a sociedade através da ação dos projetos referentes à promoção humana e também por uma forma de evangelizar demonstrando pelo exemplo de vida, pela palavra e

pela fé! Percebe-se também que a retomada do crescimento do catolicismo, através dos esforços de sua vertente pentecostal RCC, pode ser de médio a longo prazo.

Como nos afirma Lemos (2015), o movimento de renovação que emergiu espontaneamente das bases, ou seja, a partir do desejo de reavivamento dos leigos católicos, hoje se apoia sobre regulações funcionais para a sua persistência e expansão. Nesse sentido é a própria Igreja Católica que encontra nas práticas carismáticas (modernas) alinhamento com sua iniciativa e estratégia para reevangelização e reinstitucionalização. A exemplo do que acontece na arquidiocese de Goiânia, concorda-se com a autora que, ao se tratar dos catolicismos que se desenvolvem dentro da Igreja Católica, falamos de ambiguidades e de tensões. Tais situações se manifestam no que de real contém a estrutura, como a obediência a pautas e normas, e no que tem de ideal para projetar a práxis comunitária.

Neste caso, o engajamento social e político dos participantes da RCC se dá através dos serviços prestados pelos ministérios, enfatizando o Ministério Universidade Renovada e o Ministério da Fé e Política, que buscam garantir respectivamente, através da vocação, uma ética profissional carismática e defesa dos interesses cristãos pelo fortalecimento do *ethos* carismático na sociedade. Portanto, as estratégias acima descritas estão sendo usadas para fazer frente, de algum modo, à expansão do pentecostalismo, com o intuito de fortalecer as fileiras católicas, retomar os fiéis afastados, num misto de tradição e modernidade. A RCC e a ASD buscam a contínua hegemonia do catolicismo e seus valores, em Goiânia, ligados ao Movimento carismático.

REFERÊNCIAS

- BACH, Maurizio. Carisma e Racionalismo na Teoria de Max Weber. *Sociol. Antropol.* vol. 1, n. 1 Rio de Janeiro, Jan./June 2011. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752011000100051. Acesso em: 23 dez. 2019.
- BARROZO, Vitor Bueno Farias. *Modernidade Religiosa - Memória, Transmissão e Emoção no Pensamento de Danièle Hervieu-Léger*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- BENELLI, Silvio José; SILVA, Samuel Iauany Martins. Subjetividade na Renovação Carismática Católica: Mecanismos de Funcionamento e de sua Produção. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 36, n. 3, Brasília, July/Sept. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000300610. Acesso em: 1º out. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, setembro/novembro 2005. Disponível em <https://docero.com.br/doc/vhttps://pt.scribd.com/document/110147737/As-Origens-Norte-Americanas-Do-Pentecostalismo-Brasileiro>. Acesso em: 14 set. 2019.
- CARRANZA, Brenda D'avila. *Movimento do Catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição*. Tese de Doutorado defendida no Departamento de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas/UNICAMP/SP, 2005.
- CARRANZA, Brenda D'avila. *Renovação Carismática Católica: origens mudanças e tendências*. (Mestrado em Ciências da Religião) - UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1988.
- CARRANZA, Brenda D'avila. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. In: DOS ANJOS, Marcio Fabri (Org.). *Sob O Fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas – SOTER, 1998, p. 39-60.
- CARRANZA, Brenda D'avila. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida, Santuário, 2000.
- CARVALHO, Angelita A. de Carvalho; ALVES, José Eustáquio Alves; GAVENAGHI, Suzana; BARROS, Luiz Felipe. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil, p. 215-242. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2. Agosto, 2017.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702017000200215&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 1º out. 2019.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

CORTHN, A. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FATEC - Faculdade de Teologia e Ciência. *Sociologia da religião*. Disponível em <http://www.fatecc.com.br/alunos/apostilas/teologia/1periodo/Sociologia.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2019.

FEITOSA, José Ricardo Teles; SILVA, Antenor Alves; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento. As Comunidades Eclesiais de Base e a Renovação Carismática Católica: dinâmica territorial na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Rolim de Moura- RO. *Revista Pesquisa & Criação* – Vol. 10, n. 1, Janeiro/Junho de 2011: 67-82. Disponível em <http://www.periodicos.unir.br/index.php/propesq/article/view/395/418>. Acesso em: 08 out. 2019.

FONSECA, Andréa Lissett Pérez. Novas trilhas do paraíso: o rastro do religioso na contemporaneidade. *Sociedade e Cultura*, vol. 9, núm. 1, janeiro-junho, 2006, p. 39-49. Universidade Federal de Goiás - Goiânia, Brasil.

GOMES, Paulo Roberto; SILVA, Geraldo Cruz da. Os corredores da teologia protestante. In: MUDAR, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. *A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*. São Paulo: Paulinas/ São Leopoldo: Sinodal, p. 103-193.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa. *Estudos de Religião*, n. 18, p. 39-54, ano XIV, jun. 2000.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religión, hilo de memoria*. Barcelona: Herder, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido – a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HORTON. Stanley M. *Teologia sistemática. Uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: editora CPAD, 1996.

IGREJA CATÓLICA. Documentos da CNBB. *Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica*, n. 53, n. 55, São Paulo: Paulinas, 1994.

JESUS José Soares. *A Renovação Carismática Católica e a elaboração da identidade dos seus seguidores: desafios e limites dentro do catolicismo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - PUC Pernambuco, 2012.

JÚNIOR, Edgar Malagutti. *Liberto do Pentecostalismo*. Clube dos autores, 2019.

KOLLER, Felipe Sérgio. 50 anos da Renovação Carismática, o movimento que conquistou milhões de católicos. *Gazeta do Povo*. 2 de junho de 2017. Disponível em <https://www.semprefamilia.com.br/50-anos-da-renovacao-carismatica-o-movimento-que-conquistou-milhoes-de-catolicos/>. Acesso em: 20 set. 2019.

LEMOS, Carolina Teles. Catolicismo no Brasil: entre o Carisma e a Racionalização. In: LEMOS, Carolina Teles. *Religião e Tessitura da Vida Cotidiana*. Goiânia: EDIPUCGOIÁS, 2012.

LEMOS, Carolina Teles. Max Weber nas leituras do catolicismo. In: LEMOS, Carolina Teles. *A Racionalidade Moderna no Pensamento de Max Weber: religião e sentido da ação na vida cotidiana*. Goiânia: Novas edições acadêmicas, 2015.

LIBÂNIO, J. B. *Cenários da igreja*. São Paulo: Loyola, 1999.

LIBÂNIO, J. B. *Os carismas na igreja do terceiro milênio: discernimento, desafios e práxis*. São Paulo: Loyola, 1999.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses – religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MANSFIELD, Patti. *Como um Novo Pentecostes: o surpreendente início da Renovação Carismática Católica*. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2016.

MARIZ, Cecília Loreto. Catolicismo no Brasil Contemporâneo. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.

MARIZ, Cecília Loreto. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 53-68.

MARIZ, Cecília Loreto. Ação Social de Pentecostais e da Renovação Carismática Católica no Brasil: O discurso de seus líderes. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 31, n. 92, outubro, 2016, p. 1-16. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092016000300504. Acesso em: 13 set. 2019.

MARIZ, Cecília; MACHADO, Maria das Dores. *Mudanças recentes no Campo Religioso Brasileiro*. Mimeo, Rio de Janeiro, 1998.

MEDEIROS, Eduardo Luiz de. *História da Igreja no Brasil*. Associação educacional Leonardo da Vinci (ASSELVI). Indaial: ASSELVI, 2008.

MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. *Portal metodista de Periódicos científicos e acadêmicos*. v. 22, n. 34

2008a. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/220>. Acesso em: 10 set. 2019.

MOREIRA, Alberto da Silva. O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Org.). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008b.

NÓBREGA, Adilson Rodrigues da. *“Profissionais do reino”*: um novo ethos católico na Universidade Cearense. Dissertação. Universidade Federal do Ceará – Centro de Humanidades – Departamento de Ciências Sociais – programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza, 2007.

NOGUEIRA, Sebastiana Maria. A glossolalia (falar em línguas) no cristianismo do primeiro século e o fenômeno hoje. *Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH Maringá (PR)* v. 1, n. 3, 2009. Disponível em http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/a_glossolalia_falar_em_linguas_no_cristianismo.pdf. Acesso em: 15 ago. 2019.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Renovação carismática católica: uma análise sociológica, interpretações teológicas*. Vozes: Petrópolis, RJ, 1978.

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORO, Ari Pedro. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? *Relig. soc.* vol. 33, n. 1, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872013000100007. Acesso em: 02 set. 2019.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. Coleção Temas do ensino Religioso. São Paulo: Paulinas, 2005.

PICOLOTTO, Mariana R. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. *Revista Contraponto*. v. 3, n. 1 (2016). Disponível em <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741>. Acesso em: 17 out. 2019.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. Secularismo e declínio do catolicismo. In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *Sociologia da religião e mudança social*. 2004.

PORTELA, Rodrigo. *Koinonia*. Religião e política: con(vivência)? con(fusão)? Ano 5 - Nº 22-23 a, Novembro de 2010. Disponível em http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=420&cod_boletim=23&tipo=Artigo. Acesso em: 27 dez. 2019.

PRANDI, Reginaldo *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo católico*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1997.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. Catequistas, artistas ou socialmente engajados: a forma de inserção política do catolicismo carismático. *Caminhos*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 113-126, jan./jun. 2018. Disponível em <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6361>. Acesso em: 15 out. 2019.

RIBEIRO, Antonio Lopes. Uma Tipologia do Pentecostalismo Católico: a RCC em ondas. *Revista Fragmento de Cultura*. V. 21, n. 2 (2011). Disponível em <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1881>. Acesso em: 14 set. 2019.

RCCBRASIL. Dom de Línguas: *A Glossolalia*. Informativo do ICRRS (International Catholic Charismatic Renewal Services). Publicado em 15 set. 2009. Disponível em <https://www.rccbrasil.org.br/artigo.php?artigo=773>. Acesso em: 18 set. 2019.

RCCBRASIL. Escritório Administrativo da RCC. Perguntas e respostas sobre o ministério universidades renovadas. *RCC Responde*, v. 10. Equipe Nacional do MUR (Org.) 2017.

RCCBRASIL. *Testemunhos ASD*. 2016. Disponível em <https://rccgoias.org.br/testemunhos-asd>. Acesso em: 18 set. 2019.

RICCI, Maurício. Glossolalia: Ética e Dimensão Simbólica no Pentecostalismo. *Caderno de Campo*. Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP, 2005.

ROLIM, F. C. *O pentecostalismo no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROMEIRO, Paulo. SuperCrentes. *O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e Os Profetas da Prosperidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

SANCHIS, Pierre. Campo Religioso Contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, João Vitor. Mídiação e a vivência religiosa em deslocamento. *Revista IHU*. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/563354-midiatizacao-e-a-vivencia-religiosa-em-deslocamento>. Acesso em: 1º out. 2019.

SANTOS, Rodrigo dos. O impacto da Renovação Carismática no mundo. *Revista Canção Nova*. São Paulo, p. 10-1, jun. 2017.

SANTOS, Vanildes Gonçalves dos. *Youth and gender in the Catholic Charismatic Renewal*. Goiânia. 2009. 216 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHERER, Karina Pagliosa. *A Renovação Carismática na condição pós-moderna e na hipermodernidade: as características dos seus sujeitos ante as novas tendências dos tempos atuais*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - PUC. São Paulo, 2013.

SILVA, Maria da Conceição. *Política e hegemonia na Igreja Católica: um estudo sobre a renovação carismática*. Goiânia, 2001.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Etnografia de Grupos Juvenis Católicos: diálogos e experiências de fé. *Caminhos*. v. 10, n. 1 (2012). Disponível em <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/1979>. Acesso em: 30 ago. 2019.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Religião e Juventude: os novos carismáticos*. São Paulo: FAPESP, 2011.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos sócio-históricos da Renovação Carismática Católica. *Revista Estudos de Religião*, v. 23, n. 37, jul./dez. 2009. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/1528/1554>. Acesso em: 02 out. 2019.

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociedade Compreensiva*. Brasília: Ed. UnB, Vol. I, 2015.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WEBER, Max. Rejeições do mundo e suas direções. In: GERTH, H.; MILLS, C. W. (ed.) *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2002, p. 226-248.

ANEXOS

Figura 2: Universidade de Duquesne - Pittsburg – USA. "Casa de retiros A Arca e a Pomba, onde teria ocorrido o primeiro "batismo no Espírito Santo" (RCC).



Fonte: <https://bit.ly/36txAoa>.

Figura 3: Reformada atualmente!



Fonte: <https://bit.ly/2TUyHuE>.

Figura 4: Santuário da Esperança /Guaratinguetá / São Paulo. Escola de Líderes e Missionários (ENFLM). Comemoração dos 10 anos (ENFLM) com o Presidente do conselho Nacional RCCBRASIL/ Vinicius Simões com 109 alunos de todos os Estados do País! (13 de janeiro de 2020)



Fonte: <https://bit.ly/36sWy7o>.

Figura 5: Encontro de Oração! RCC - Ginásio Goiânia Arena / 24/08/2019.



Fonte: <https://bit.ly/3aKuFuD>.

Figura 6: RCC Rebanhão, Março /2019 Goiânia.



Fonte: <https://bit.ly/36ks9rO>.

Figura 7: Casal de leigos Carlos e Andreia, que pregaram durante o congresso da RCC em Goiás. Eles estão recebendo oração de outro leigo, Vicente, no final do Congresso em orar, por eles, para que Deus alcance, através deles, as famílias do Estado de Goiás.



Fonte: www.rccgoias.org.br.

Figura 8: Chácara Maria de Nazaré



Fonte: Coorden.ASD (Ano 2919/ parceria com EMATER)

Figura 9: Chácara Maria de Nazaré



Fonte: Coorden.ASD (Ano 2919/ parceria com EMATER)

Figura 10: Chácara Maria de Nazaré



Fonte: Coorden.ASD (Ano 2919/ parceria com EMATER)

Figura 11: Chácara Maria de Nazaré



Fonte: Coorden.ASD (Ano 2919/ parceria com EMATER)

Figura 12: Chácara Maria de Nazaré



Fonte: Coorden.ASD (Ano 2919/ parceria com EMATER)

Figura 13: Núcleo Santo Antônio



Fonte: coord. ASD (2019).

Figura 14: Núcleo Santo Antônio



Fonte: coord. ASD (2019).

Figura 15: Núcleo Santo Antônio



Fonte: coord. ASD (2019).

Figura 16: Núcleo Santo Antônio



Fonte: coord. ASD (2019).